Autores

Rita de Cácia Oenning da Silva
Kurt Shaw

Pesquisadores

Ellan Alves Barreto
Adriano Ferreira da Silva
Luziel Lourenço da Costa
Jonas Correia da França

Cartografia da favela

Fortalezas comunitárias para resistir a violência em Recife e Olinda

Cartografia
Skyward

Cartografia da Favela

Fortalezas comunitárias para resistir a violência em Recife e Olinda

Autores
Rita de Cácia Oenning da Silva
Kurt Shaw

Equipe de Pesquisa
Adriano Ferreira da Silva
Ellan Alves Barreto
Jonas Corrêa França
Luziel Lourenço da Costa

Shine a Light
Florianóopolis e Santa Fe
2011

Uma pesquisa financiada por e com destino à

Bernard van Leer Foundation

Da Silva, Rita de Cácia Oenning and Shaw, Kurt
Cartografia da Favela – Santa Fe e Florianópolis: Shine a Light, 2011

Creative commons copyright license 2.5, 2011

Este livro pode ser reproduzido, desde que reconheça o autor e o editorial.

Sumário

Introdução 7

Por quê entrar "Nessa Vida? 17
Revolta -- Independência -- Honra -- Galeras Funk -- A Pegação

A Vida com "Os Cara" 33
A Bolsa Pedra -- Práticas violentas -- Dívida -- Guerra -- Perdendo a cabeça -- O Valente -- Alma sebosa -- Violência Doméstica

Ações atuais de construção de paz e prevenção de violência 47
Novas políticas públicas -- Ações da sociedade civil

As ONGs e a Violência 57
A rua (não) é "problema" -- Capacitação de líderes

Três economias 65
Dinheiro -- Informação -- Prestígio

Saindo dos grupos armados 87

Propostas 93
Uma política comunitária-- Ações

Apêndice 1: Metodologia e relatório 107
Apêndice 2: As Favelas 113

introdução

A questão da violência nas comunidades/favelas de Recife não pode ser pensada de forma simplificada, muito embora talvez se possa encontrar e propor dinâmicas de resolução de conflitos simples, que venham modificar radicalmente processos violentos de décadas, ou talvez de séculos. Há uma tendência em considerar que a violência vem especialmente de grupos organizados (narcotráfico, galeras funks), ou de crimes passionais e violência doméstica, e nossa análise vai focar em alguns desses aspectos; mas é preciso, antes de mais nada, considerar a violência nas comunidades de Recife como estrutural.

A tamanha desigualdade social e a pobreza com que vivem muitas das famílias de classes populares faz com que muitas delas sequer participem do sistema de empregos com salários dignos, vivendo com rendas abaixo do salário mínimo. Há em Recife muitas famílias sustentadas pelo serviço doméstico das mães e essas, num estado que viveu sob condição de escravidão por décadas, são muito mal pagas; o trabalho doméstico é ainda um clássico modo de exploração da mão de obra feminina. É preciso não esquecer também que muito da violência nas comunidades advém do próprio estado (especialmente pela ação policial e pelo descaso) e dos meios de comunicação, com seus programas ainda mais violentos, que gostam de mostrar qualquer evento nas favelas como uma chacina sanguinolenta; esses últimos dependem de espetáculos de sangue para atrair espectadores.

Então, muito da violência advêm de fora da favela e contra ela e não dela, como tanto se pretende anunciar. Junta-se a isso o baixo acesso a serviços públicos de qualidade e a bens básicos, como alimento, saúde, etc. Parece que a sociedade deve muito mais às pessoas que moram em pésssimas condições e

que são ainda os garis, as domésticas, os que limpam a cidade suja que habitamos e sujamos, ou os construtores, serventes, etc, que constróem as casas que vivemos.

Mas se vamos falar de uma pesquisa onde se quer entender como e porque a violência atua nas comunidades e porque é aos seus moradores que essa tem atingido mais, é preciso também entender as dinâmicas locais de conflitos.

Quando propomos esta pesquisa, consideramos três as principais causadoras de violência em Recife:

1. Níveis extremos de desigualdade social e econômica
2. Invisibilidade e exclusão social
3. Um sistema ético baseado nas idéias de honra e recipricrocidade

Foi contundente descobrir que são estas razões que os membros de gangues e outros grupos armados dão para sua decisão de participar em atos de violência:

1. A "revolta" como resposta à injustiça que enfrentam cada dia;
2. A vontade de "independência", de poder entrar na economia de honra e reciprocidade como um ator autônomo;
3. O desejo de ser "considerado", ou seja, ser visíbilizado e reconhecido.

Enfrentando a violência estrutural que exclui e oprime suas famílias, muitos adolescentes e jovens das favelas de Recife provocam ainda mais violência.

Este estudo não propôs soluções para os grandes problemas raízes da violência em Recife. As suas metas eram, desde o começo, assim delimitadas:

1. Entender motivações e ações dos membros de grupos violentos em alguns bairros de Recife.
2. Documentar recursos das comunidades e da sociedade civil organizada para resistir a violência.

Com estas informações esperávamos que financiadores e agentes de ações públicas e civis contra a violência poderiam criar estratégias mais eficazes e eficientes para investir nas comunidades periféricas de Recife. No transcurso da

Vila é como os moradores da favela se referem ao local onde moram grupos com mais recursos, aqueles considerados burgueses, e Comunidade ou Favela é o modo como se referem aos locais onde vivem pessoas de baixa renda (os favelados ou afavelados) e que tem escassos recursos financeiros para sobreviver cotidianamente e pouco acesso a infraestrutura da cidade.

pesquisa, porém, descobrimos que era possível um objetivo mais abrangente. O desejo dos jovens por justiça e reconhecimento é essêncial nesse empreendimento. O problema atual nas favelas não é que os jovens de lá são por natureza violentos; é que o narcotráfico tornou-se um dos caminhos mais fáceis de expressar a revolta e o desejo de consideração e independência desses, o que leva a um desvio: em vez dos jovens favelados lutarem contra a invisibilidade e a injustiça da qual são submetidos, lutam uns contra os outros. Por isso, tanto moradores das comunidades, educadores, e o equipe de pesquisa começou a ver que o desafio real desta pesquisa era o seguinte: *Como catalizar os recursos presentes nas comunidades, para canalizar o desejo de justiça e reconhecimento das crianças, adolescentes e jovens.*

Fizemos uma distinção entre violência e conflito. Conflito é natural entre seres humanos com interesses e poderes diferentes, e surge especialmente quando os recursos são divididos desigualmente. Violência, em contraste, é uma ação realizada para atingir ao outro; pode ser uma expressão de conflito ou não. Assim, podemos ver que o conflito básico no Recife é o entre a favela e a "vila" uma luta pelos bens de consumo, pela posse da terra, que tradicionalmente tem sido de poucos no nordeste, pelo direito a receber pela força do trabalho e pela definição do que é a cidade. Porém, a violência na cidade mais destacada e visível é a que ocorre entre uma favela e outra, ou entre moradores de uma mesma favela. Entre esses grupos dentro da favela, pode haver conflitos sobre distribuição de lucro (guerras de tráfico), conflitos por prestígio (as brigas de galeras funk), ou conflito relacionados a honra (no caso de dívidas). Porém, acreditamos que tais conflitos, expressados violentamente, realmente são deslocamentos do conflito básico acerca da justiça e da busca de visibilidade. Na favela, se briga para ganhar um pouco mais do 10% do economia que resta para uma grande parcela da

O Conflito Deslocado

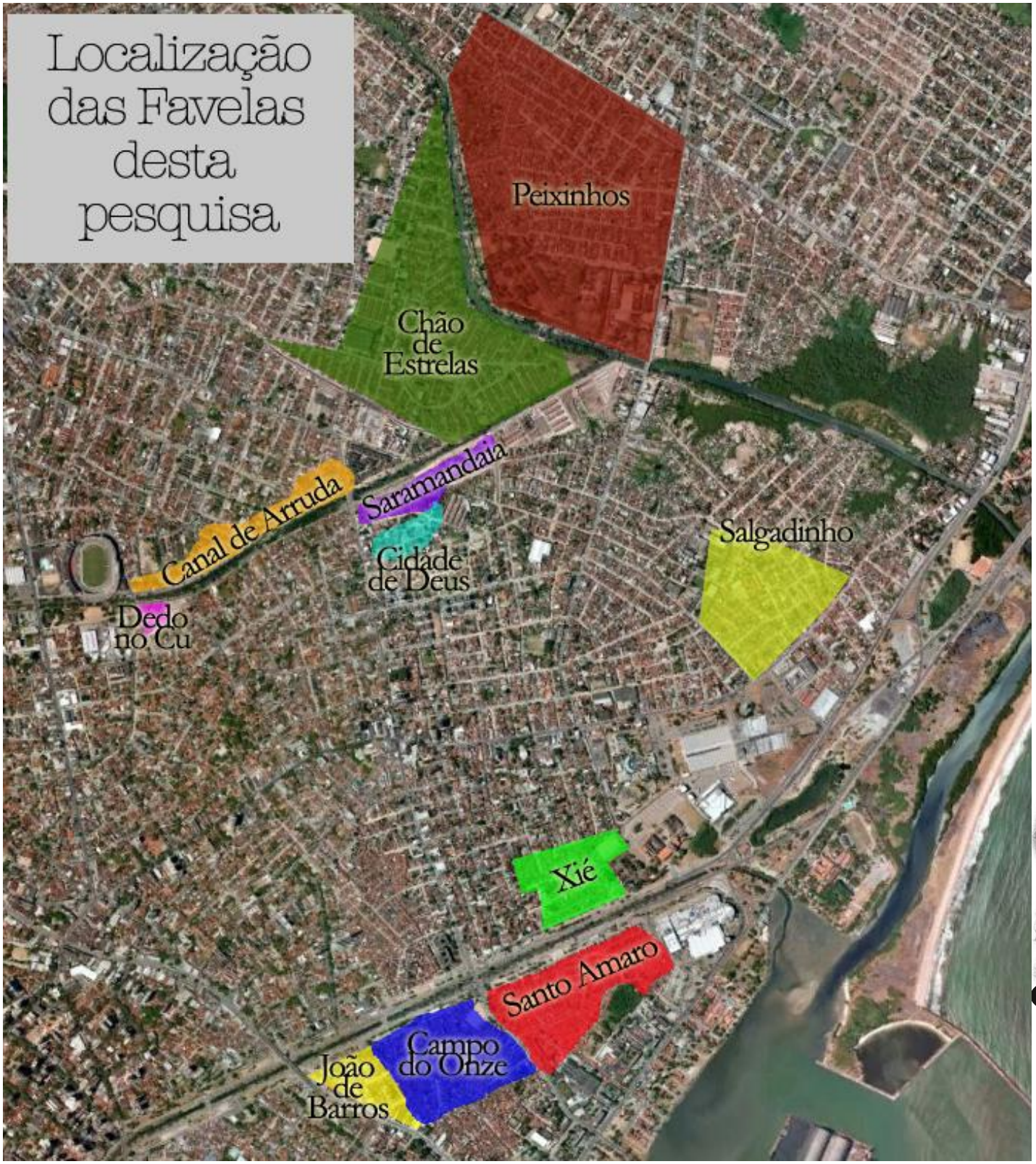
população. Assim, na correria da luta diária, não prestam atenção em lutar contra o que exclue aos favelados. Também é nas favelas que as demais parcelas da população investem para que se tornem locus de comércios ilícitos, uma espécie de zona do livre comércio, fazendo assim com que pareça que as pessoas que lá moram é quem são as violentas e ilícitas, ofuscando o fato que essa violência e a atenção que se dá a ela estão deslocadas para esses locais mas são parte das relações entre os moradores de toda a cidade.

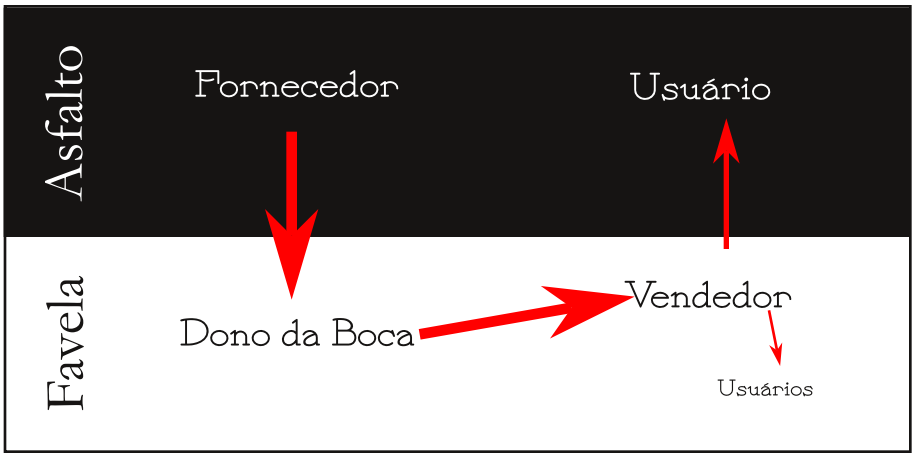
Deste modo, é importante entender que ao analizarmos os processos de violência e conflito nas comunidades faveladas, não enfocamos nos jovens que participam ou poderão participar de gangues porque achamos que eles são a fonte do problema da violência. Na realidade, o que queremos é justamente entender como estes mesmos jovens podem oferecer chaves de resolução de problemas de injustiça e exclusão dos quais estão submetidos e que causam grande parte da violência.

Esta pesquisa mostra que o narcotráfico tem um papel muito menor na economia e vida quotidiana da favela que muitas pessoas imaginam (veja capítulo 5), mas este comércio ilustra bem este processo de deslocamento da violência. Podemos ver isso se seguirmos a trilha de uma pedra de crack ao passar do produtor ao fornecedor e, finalmente, ao usuário.

Os fornecedores da droga são, quase universalmente, pessoas da "vila", homens com dinheiro, conexões, e de famílias ricas ou da classe média. Os traficantes das comunidades pouco conhecem estas pessoas, mas sabem que estão lá, porque quando o dono da boca, o chefe do tráfico local faz um telefonema a um número de celular, a droga chega em carros ou por um mensageiro. Em alguns casos, os donos das bocas nas favelas conhecem estas pessoas, mas em outros casos, não. Esses só têm acesso a um número de telefone e um código para pedir a droga.

Depois de chegar na boca de fumo, o dono da boca distribui a droga aos vendedores pelo processo chamado de bolsa pedra (veja capítulo 2), dando a droga para os traficantes de rua, para cobrar o lucro uma semana mais tarde, quando toda a bolsa seja vendida. Os traficantes vendem para amigos e pessoas no bairro, porém, mais que a metade das suas vendas vão para pessoas da Vila. No Arruda, essas pessoas vêm especialmente de madrugada (mas não somente) de carro e param em frente dos becos onde tem boca. Em Santo Amaro, Campo Onze, e Chão de Estrelas, têm que adentrar nos becos das favelas à pé. Mas esse fluxo de venda é o mais forte, e tanto moradores das favelas como traficantes contam muitas piadas sobre as bobagens feitas pelos ricos que vêm à


Localização das Favelas desta pesquisa
Peixinhos
Chão de Estrelas
Saramandaia
Canal de Arruda
Dedo no Cu
Cidade de Deus
Salgadinho
Xié
Santo Amaro
Campo do Onze
João de Barros



favela procurar drogas.

Então, o fluxo básico da droga é da Vila para o Vila, usando a favela unicamente como uma zona de livre comércio. O lucro maior vai para os fornecedores. A maioria dos usuários são das classes média ou alta. No entanto, os que vão presos ou morrem – e que ganham a fama de violentos – são os da favela.

Assim, podemos ver que o conflito verídico é entre a comunidade e a vila, entre os exploradores ou narco-capitalistas e o espaço favelado que eles exploram como área fora-da-lei. Mas a violência que aparece na televisão e os cadáveres que vão para a UTI, são dos favelados.

Porém, esta pesquisa não estuda as causas-raizes do problema da violência no Recife. Percebemos que o conflito em Pernambuco é um dos casos estranhos onde enfrentar o sintoma funciona como um caminho privilegiado para buscar uma solução ao problema de base. O conflito tem sido deslocado para promover guerras entre favelas, mas se pode promover uma transformação dessa violência, e o conflito poderá expressar-se mais honestamente como uma luta pelos recursos materiais, econômicos e simbólicos da cidade.

Por isso, esse estudo segue a seguinte trilha: Primeiro, buscamos entender por quê e para quê os jovens entram nos grupos violentos. Suas motivações têm base na revolta e na vontade de serem reconhecidos, desejos atualmente mais facilmente realizáveis através das gangues e galeras. O segundo capítulo explica como funcionam as gangues de narcotráfico, começando com o processo de entrada nos grupos e seguindo com uma análise da sua estrutura interna e organograma. Neste capíitulo, tentamos pensar como acontecem os atos violentos. Embora a maioria dos observadores acham que a "guerra" entre gangues é a expressão essencial de violência na periferia, descobrimos que outras práticas – especialmente o assassinato ao endividado – causam muito mais mortes.

Analisamos na sequência as ações e o modo como agentes do estado combatem ou contribuem com essa situação de violência. Nos últimos anos, o Estado de Pernambuco tem realizado uma mudança radical na estrutura do sistema de segurança pública, com um programa chamado "Pacto pela Vida." Este Pacto fez diferença no número de homicídios no estado; porém, na nossa

O livro apresenta ainda dois apêndices: um relatório da pesquisa explicando a metodologia e o processo de investigação, e uma breve descrição de cada favela pesquisada.

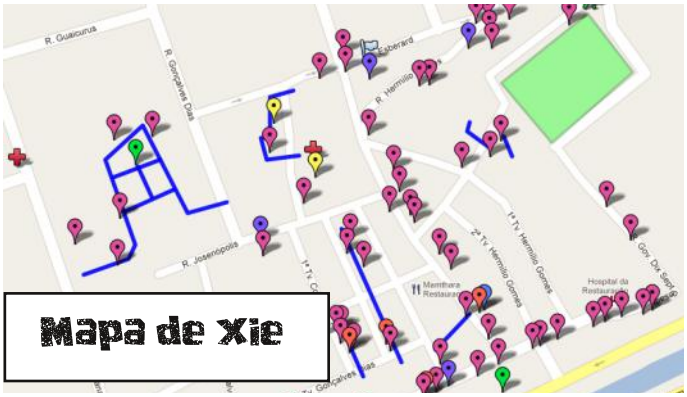
análise das ações do estado (especialmente da polícia) nas favelas, os moradores seguem vendo a polícia e os agentes do estado como seus inimigos. Este capítulo também descreve programa de diferentes ONGs que visam a promoção de paz. O quarto capítulo analisa o trabalho das ONGs, mostrando como essas contribuiram para a entrada de recursos positivos nas comunidades, mas por outro lado acionnaram processos que elas mesmas atualmente consideram preocupantes. Dois são os motivos que preocupam as ações das ONGs. Primeiro, o enquadre dado a "afastar a criança da rua" (uma herança do combate ao fenômeno "crianças de rua"), quando aplicada na favela, efetivamente criminaliza ainda mais à rua e a transforma num espaço onde uma pessoa "deveria" agir mal. Segundo, a educação popular oferecida pelas ONGs tem tido sucesso em quebrar as estrutura de opressão tradicional em Pernambuco e capacitar jovens como líderes e pensadores. Porém, quando não tem canais para usarem estas capacidades e dar um salto na qualidade de vida, ter um bom emprego, etc, o narcotráfico se torna um caminho eficaz para ser um líder ou um trabalhador autônomo.

As ONGs são só uma pequena parte da sociedade civil na favela; depois desse capítulo polêmico, estudamos os negócios e os "jornalistas" da favela. Examinamos três economias na periferia: os fluxos de dinheiro, informação, e prestígio, vendo como estes processos podem promover ou resistir à violência nas comunidades. Esta parte da pesquisa mostrou novos importantes parceiros para transformar o conflito na cidade.

Os últimos capítulos propõem ações que, quiçá num longo prazo, possam auxiliar nas mudanças da situação dos conflitos deslocados para dentro das favelas. Entre muitos traficantes de Recife (como em outras cidades na América Latina), existe a crença que quando uma pessoa entrou na vida de tráfico, não pode sair. No Capítulo Sete abordamos casos de vários traficantes que sairam "dessa vida" por conta própria, mostrando um caminho para reduzir o número de membros dos grupos violentos. O Capítulo Oito propõe ações para que a sociedade civil organizada possa catalizar a transformação do conflito nas favelas estudadas. Estas sugestões surgem do diálogo com moradores da periferia, membros e ex-membros de gangues, educadores e líderes de ONGs e acadêmicos e pesquisadores; as idéias estão pensadas dentro de uma proposta de uma "política comuntária" contra a violência.

Essa monografia integra uma pesquisa mais ampla sobre as favelas de Recife. A pesquisa como um todo resultou nos seguintes documentos:

1. **O presente texto;**
2. **Mapas:** Cinco mapas interativos acompanham esta pesquisa:
    a. Santo Amaro e Campo do Onze
    b. Xié e Salgadinho
    c. As Favelas do Canal de Arruda
    d. Chão de Estrelas e Peixinhos
    e. Filmes (veja a seguir)



Os mapas sinalizam a localização e uma breve descrição de instituições dentro das comunidades (negócios, ONGs, grupos culturais, líderes comunitários); quando os mapas formais não contemplaram a realidade geográfica das favelas, acrescentou-se nesses ruas, becos e largos, para que a cartografia também apresente territórios ainda não demarcados oficialmente, os quais são vários.

3. **Cartografia Infantil:** Em alguns bairros, as crianças mostraram suas comunidades através do vídeo. Os pesquisadores auxiliaram crianças (entre 5-10 anos de idade normalmente) a manejarem a câmara, e essas filmaram e descreveram as comunidades. Suas filmagens mostram o quotidiana infantil em cada favela – as brincadeiras, medos, e relações sociais – mas também dão o sabor de cada comunidade às pessoas que não conhecem as favelas de Recife: os becos estreitos de Arruda, o papel central do campo de futebol em Chão de Estrelas, etc.

4. **Pesquisa Hip-Hop**: Nas favelas de Recife, o movimento hip-hop funciona como um tipo de jornalismo, onde os jovens pesquisam os eventos de suas comunidades e os comunicam através da música. Aproveitando desta forma local de conhecimento, cada pesquisador

deste projeto investigou a violência na sua comunidade e escreveu os resultados em forma de música ou em forma de coreografia. As músicas foram gravadas em estúdio e transformadas em vídeo-clips. Além de ajudar os leitores desta monografia a entender a violência e as forças comunitárias para resisti-la, esta forma de "publicar" os resultados da pesquisa chega mais facilmente aos moradores das comunidades.

Todos os recursos estão disponíveis online, com um índice no site http://cartografiadafavela.blogspot.com/

Por que entrar nessa vida?

Um dos modos de referirem-se ao contato que adolescentes, crianças e jovens têm com o mundo do tráfico e ou com gangues violentas, é que esses estão agora "nessa vida", ou na "vida errada". Não nos cabe aqui analisar os termos em si, mas em entender as dinâmicas que levam esses a viver em condições tidas por eles mesmos como ilegais e difíceis, e que pode, em muitos dos casos, levá-los ao cemitério ou a prisão.

Quase todos os adolescentes que entrevistamos durante a pesquisa, falaram de três motivos centrais que os levaram a juntarem-se com os grupos armados: 1) a revolta; 2) o desejo de independência; 3) querer ser "considerado". Para eles, esta explicação é simples e advem de palavras que se usam no quotidiano entre jovens em muitas das favelas de Recife; mas para alguém que não convive nessas comunidades, é preciso esmiuçar o sentido de tais frases.

A REVOLTA

A falta de reconhecimento, de recursos e, mais que tudo, a constante discriminação e violência advinda dos meios de comunicação e invasão das policias fazendo batidas nas favela, agregada à falta de acesso a bens como saúde, água, luz, esgosto, acabam por gerar nesses adolescentes/jovens, algo que eles chamam de "revolta". E quando não tem meios de elaborar e canalizar positivamente essa revolta, o tráfico e as gangues são um canal para expressarem esse

Enfretamento entre policais e educadores do Grupo Pé no Chão. Filme Volta a Cidade de Rima.

sentimento, vingarem-se ou encontrarem reconhecimento.

Na opinão de muitos moradores das favelas, a polícia é fonte e causa original da maior violência e fonte de medo naquele meio. Não é que os jovens das gangues, ou os adolescentes das galeras não são violentos; reconhece-se facilmente a violência deles, mas se sabe que existe por trás disso uma espécie de jogo entre bairros vizinhos que consideram mais ou menos controlável. Porém, o que para eles parece completamente incontrolável, sem sentido, e considerado pior são as invasões da polícia.

O retorno à cidade de Rima. Documentário. DVD, Recife, 2011

Embora muitas crianças façam brincadeiras que envolvem a violência da polícia, como vemos no filme "Minha Favela: Arruda" feito por crianças dos becos de Arruda, é quando um menino chega na adolescência que esta opressão é mais sentida. Entrando ou saindo da favela a qualquer hora, ou simplesmente estando na rua pela noite, o pré-adolescente/adolescente é alvo de constante abordagem policial. Por ser morador de periferia é sempre tido como "suspeito". Quando perguntamos quantas vezes apanharam da polícia, alguns adolescentes falaram: "Todos os dias", e não entrevistamos nenhum adolescente que não tenha sido espancado ou agredido ao menos uma vez. Mesmo no centro da cidade, num dos eventos de uma das ONGs, um dia filmando com os pesquisadores do nosso equipe, alguns políciais abordaram o evento com violência. Tentavam impedir os garotos de cantarem uma música que falava da violência policial nas comunidades; os pesquisadores só não foram agredidos em praça pública, em pleno centro da cidade, pela intervenção imediata de Jocimar Borges e Anderson Santos, educadores do grupo Pé no Chão.

A sensação de revolta é sentida não somente pelos jovens: grande parte dos moradores que tivemos acesso nessa pesquisa (mas também por mais de 5 anos anteriores), reclamaram do modo como a polícia aborda as pessoas dos bairros de baixa renda, e especialmente o modo violento e grotesco com que acusam adolescentes e jovens de portarem drogas. Uma avó na comunidade de Arruda contou-nos que um dia a polícia abordou seu neto agressivamente, espancando-o. Bateu tanto que o rapaz só não morreu por intenvenção de vizinhos que o conheciam, contou a avó. Os policiais acharam – ou

"plantaram", dependendo da história – duas pedras de crack no bolso dele. Conta a avó que uma mulher grávida, que tentou o defender, quase foi espancada junto. "Nem respeitou a barriga dela, nem ela mesma, né?!, e o meu neto apanhou quase até a morte". E afirmou, com raiva evidente: "Depois eles não sabem porque uma pessoas dá pro caminho errado. Se eu tivesse arma lá, juro que eu tinha matado eles."

Esta história ilustra uma reclamação que escutamos muito nas favelas: que a polícia não respeita nem as normas da comunidade, nem às regras definidas por lei. "Não tem lei que os controle", opinou um jovem. No caso da abordagem do neto, a avó ficou com raiva pela violência da polícia, mas era também esse "acima-da-lei" que a levou à revolta. A polícia bateu numa mulher grávida, uma grave violação das normas da comunidade, onde a mulher "barriguda" merece proteção especial. Mas também levou preso o neto quando esse tinha só duas pedras de crack: duas pedras é categorizado na lei como "para uso pessoal," e castigado como infração menor. Nos explica a senhora: "Se ele tivesse portando três ou mais 'pedras', seria considerado como vendedor traficante, o que ainda assim, não poderia justificar a violência usada pela polícia, embora o garoto poderia ser preso".

Um jovem que tem amigos que participam do tráfico em Santo Amaro contou uma história que ilustra bem a experiência de muitos jovens.

> *"A gente tava aqui na rua na noite, 11 horas, batendo papo. Eu e cinco, seis amigos. O ROCAM [a polícia especial] entrou no beco, tudo armado e tentamos fugir pra casa, mas abordaram a gente. 'Mãos na parede! Pernas abertas!' Alguém não fez imediatamente o que ordenaram e começaram a bater, bater. Ao final, todos nós estávamos no chão, cheio de roxões, e eu falei para o chefe deles, 'mas a gente não fez nada, nada.' Ele olhou para mim e disse, 'si tu não fez nada, então não estou te batendo pelo que tu já fez, mas pelo que que tu ainda vai fazer.'"*

Para o narrador, esta história representa a essência da revolta na comunidade. Frente à injustiça da polícia, tem que buscar vingança – o que também está relacionado com a honra nordestina, parte da cultura masculina de Recife. A ética nordestina, como nos alerta Lanna, está baseada na idéia de reciprocidade. Assim, a regra é que é preciso "dar o troco" aos policiais. Mas como não é possível se vingar contra o policial ou contra o estado direitamente, entrar no crime é uma forma de contrariar e de se vingar simbolicamente. O problema, como concordou a equipe de pesquisa depois da entrevista com o jovem em Samto Amaro, é que o policial deixou claro que queria que o garoto se revoltasse. A frase: "não estou te

Marcos Lanna, *A Dívida divina. Troca e patronagem no nordeste brasileiro.* Campinas : Unicamp. 1995. veja também capítulo 5.3

"Não estou batendo pelo que tu já fez, mas pelo que tu vai fazer."

Policial a jovem de Santo Amaro

batendo pelo que tu já fez, mas pelo que tu ainda vai fazer," explicita que o policial sabe que está construindo o bandido.

Para entender melhor esse processo, é preciso considerar o papel que tem a vingança na construção da honra masculina no nordeste do Brasil. Num contexto onde o estado era ou ausente ou corrupto, a justiça foi definida por uma série de normas de reciprocidade: um favor tinha que ser ressarcido por outro, as dívidas tinham que ser pagas, e a afronta era vingada. As brigas milenares entre famílias no sertão nordestino surgem desta "obrigação de se vingar", que também está presente no quotidiano das favelas de Recife.

Veja o filme *Abril Despedaçado* e Marques, Ana Claudia . *Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco.* RJ: Relume Dumará, 2002. Também veja Silva, Rita de Cácia Oenning da. *SUPERAR NO MOVIMENTO: Etnografia de performances de Pirráias em Recife e mais além.* Tese de doutorado,PPGAS UFSC, 2008

A polícia, como parte do estado, fica fora da economia de vingança imediata possível a maioria dos garotos: ela pode afrontar sem que se possa responder diretamente a ela. Em parte, isto tem a ver com a estrutura do estado, como uma força anônima que é de todos e de ninguém. O policial não é uma pessoa, mas uma farda e uma função, e é dificil virgar-se dele enquanto indivíduo. Segundo, a futura vingança da polícia é tão desproporcional – capaz de acabar com uma comunidade inteira para vingar a morte de um homem fardado – que viola as normas de briga de vingança. Portanto, para combater essa força, é preciso ter armas eficientes, ou ao menos ter o poder de ameaça a eles.

> Para o filósofo francês Gilles Deleuze, o masoquista não é uma pessoa que gosta da dor. Na realidade, é uma pessoa que entende que se transgreide uma regra, terá que sofrer um castigo. Já que quer transgredir, prefere passar pelo castigo antes, e não depois.
>
> Do mesmo jeito, o jovem favelado já castigado por ser bandido, sente que tem o direito de fazê-lo, porque já pagou o castigo.
>
> Gilles Deleuze: Coldness and Cruelty. NY: Zone Books, 1991, p. 88

Outra história que escutamos na pesquisa ilustra o fato que a revolta não só tem relação com o abuso do poder policial, mas com a incapacidade de buscar a reciprocidade. Um conhecido de uma informante foi preso num presídio onde tinha muitos inimigos. Uma noite, todos os inimigos fizeram um círculo ao redor do jovem, e o chefe diz, "Então, quem tem coragem?" Um participante matou o rapaz, mas ninguém sabe qual deles, escondendo a responsabilidade e incapacitando a vingança da morte dele. "A gente sempre tem medo que meu neto seja morto desse jeito. Deus me livre", disse a mulher. Interessante que sua fala, além de mostrar medo que o neto morra na delegacia por pequenos atos ilícitos que fez, demostra também um medo da impossibilidade de vingar a morte do rapaz. "Ninguém poderia ser acusado pela morte dele", disse ela.

No contexto das histórias acima, a revolta facilmente ocupa o lugar da vingança: sabendo que não se pode atacar a polícia (ou outro inimigo)

diretamente, o jovem que se sente injustiçado junta-se com um grupo armado para ganhar forma de vingança, ao menos colocando-se no campo do suposto maior inimigo do policial. O problema, claramente, é que esta dinâmica só justifica mais violência e abusos dos policiais, mais revolta, mais meninos nas gangues… Igual as brigas de família, cada indivíduo se torna vítima, mas a estrutura da violência segue ganhando.

Independência

A infância na favela brasileira não passa pelo mesmo cronograma da infância numa família de classe média, seja no Brasil, nos Estados Unidos ou Europa. Tradicionalmente com 10 anos, uma criança pobre quer contruibir ao ingresso da família, para ajudar a sua mãe ou aos irmãos, e com 13 anos, a família espera que esse possa trazer recursos para a casa. Com 14 ou 15 anos, muitos garotos e garotas já tem filhos ou estão casados. Na favela, ser adulto chega uma década antes de que chega numa família de classe média ou alta.

Em parte, o desejo de independência não é muito diferente do desejo de consideração (veja abaixo), mas acrescenta o elemento da liberdade. Um adolescente que "quer comprar as suas coisas" não só quer estatus perante os outros; também sonha em não depender dos pais para tal. Muitos garotos já sentem-se responsáveis pelos gastos que têm os pais com sua comida e roupa; os irmãos menores precisam mais e ele torna-se, ou sentem-se, um peso. Seu desejo de obter roupas (em alguns casos "roupas de marca") se torna quase inviável com a economia doméstica baixa, e ele passa então a buscar os meios de obter recursos que possam dar a liberdade de comprar e de ir e vir quando desejar, tornando-se independente dos pais, em um sentido mais amplo.

Do mesmo jeito que um jovem de 25 anos em Nova Iorque tem vergonha de morar com os pais e depender deles pelo seu sustento, um adolescente de 14 anos na favela começa pensar que ele quer a sua independência. Há poucos anos, desde muito cedo, crianças e adolescentes começavam a trabalhar, normalmente lado ao lado com pais e mães, no mesmo ofício desses.

Com a proibição do trabalho infantil no Brasil, quebrou-se essa oportunidade de ganhar um pouco de dinheiro no trabalho com a família e ou por própria conta, e tornar-se independente. Num debate informal feito na ONG Pé no Chão, e conversando com diretores de ONGs que tinham sido

fortes apoiadoras da luta contra o trabalho infantil, esses reconheceram que essa proibição teve sérias conseqüências (negativas) nas comunidades. "A única empresa que segue honesta à tradição de aprendizes no Brasil, é o tráfico", falou um conhecido militante nos anos 1990 pela sua postura contra o trabalho infantil. Disse ainda que foi pela proibição do trabalho infantil que "O governo e a sociedade civil erraram, e o tráfico se aproveitou". Outro diretor falou uma coisa parecida: "Quando um menino quer comprar uma coisa para se amostrar para uma menina, qual opção tem para ganhar a grana? É no tráfico."

Um outro aspecto que leva crianças e ou adolescentes a envolverem-se com gangues e grupos armados, e entrar em contato com um processo muitas vezes irreversível de violência, é o que eles chamam de "consideração". Como veremos, é um fator de reconhecimento e aceitação dentro de determinado grupo, e foi extensamente citado pelos garotos e garotas. Num ambiente em que a invisibilidade e a exclusão social marcam o dia a dia de seus moradores, entender esse aspecto é fundamental para analisar o processo de violência nas comunidades pesquisadas. Todos nós precisamos de reconhecimento. Crianças normalmente ganham reconhecimento dos pais, dos tios, dos avós, dos vizinhos e especialmente dos seus iguais (amigos, irmãos, colegas, enfim, outras crianças que as cercam). Nos meios populares brasileiros, o reconhecimento familiar vem também da participação da criança nas atividades da casa, na busca de recursos fora do grupo (como sendo bom aluno para manter a bolsa escola, ou trabalhando). Para usar um termo nativo, precisam "fazer a correria" desde muito novos.

Um processo bastante comum na infância tardia (pré-adolescência) ou adolescência é um incremento da procura de reconhecimento fora do grupo familiar, seja entre amigos, entre sexos opostos, entre pessoas de comunidades diferentes. Esse reconhecimento vem, em muitos casos, agregado a um modo de vestir e de portar-se muito próprio, associado também ao meios de consumo. Sabendo das dificuldades da família e já buscando agregar-se a um grupo de iguais, em alguns casos passam a buscar meios mais rápidos de conseguir recursos. "Fazer a correria" muitas vezes é visto como coisa de otário, de quem gosta de ser explorado. É quando as ofertas de entrar em grupos armados se torna uma alternativa

"Não queria mais a considerção da minha mãe. Queria a consideração dos caras, porque eu achei que eles eram legais, poderosos. Homens, sabe? E para ser considerado por eles, tinha que pichar, cantar os funks de galera, ficar com eles."

"Por quê um adolescente pega em armas?" perguntou Adriano, um dos pesquisadores, a um grupo de garotos de 12-13 anos que sempre jogam futebol ao lado de uma boca de fumo do Arruda.

"Para ser considerado," respondeu um.

"Para ganhar fama," disse outro.

"Para se amostrar," disse o terceiro.

muito mais viável, embora oponha-se à ética do trabalhador. Pedir ou esperar ganhar dos familiares os novos alvos de seus desejos (materiais e morais) que o permitirão participar desse novo mundo e obter o desejado reconhecimento não é, e provavelmente nunca tenha sido, viável.

A entrada aos grupos violentos pode também estar ligada à transferência dos valores associados a família para os valores da galera, ou seja, quando deixa de considerar a família para considerar e ser reconhecido pela valentia e malandragem pelos "caras". A mudança não é relacionada a economia da consideração e do prestígio, mas quem eu quero que me considere: minha mãe ou os caras.

Meninos de 12 anos alegam que se pega em armas para se amostrar e ser considerado por quem eles acham que tem poder ou por quem eles admiram. Um adolescente de Arruda, preso por três vezes mas agora fora da vida do tráfico, contou a seguinte história para descrever como ele entrou na gangue: Ele tinha sido um b-boy, com muitos amigos dentro da comunidade e formava parte de um grupo que fazia shows na cidade e na rua para ganhar dinheiro e fama. Com quatorze anos, começou a afastar-se daqueles amigos, ficando entediado com a repetição da dança, e cada dia mais revoltado com a violência da polícia quando entrou na favela. Arruda, naquele período, recebia o comércio de drogas (bocas) que tinha sido expulso de Santo Amaro. Era um momento em que existia muito dinheiro e muito fofoca entre os traficantes. Também tinha muitas invasões policiais. Diz o adolescente que achava que

"Os caras tinham poder. As pessoas olhavam para eles. Mas eles nem sabiam que eu existia. Dai comecei a escrever funk de galera, falando das coisas que eles faziam, as guerras e essas coisa, e o dono da boca gostou, sabe? Sorriu pra mim. Então eu peguei um spray e fui lá pro outro lado [apontou para a favela "Dedo no Cu"] e pichei o meu nome e o nome da galera. É que eu queria ser considerado por eles."

O adolescente não queria entrar na gangue e não queria vender drogas. Ele só queria

Pichar é um modo de desafiar o inimigo e o seu território. No caso das galeras funk ou das gangues, se deixa no território da comunidade vizinha um aviso e um desafio, do tipo, "Entrei na sua comunidade e fiz tal coisa. Quero ver você entrar na minha.". Uma pichação clama por diversas ações para que se defenda a honra ou o que se considera como território. Se não o faz, o inimigo se fragiliza perante o outro.

a consideração dos homens que ele achava que tinham prestígio e poder dentro do bairro. Mas quando começou a pichar muros do mesmo modo que fazem os membros de galera funk, seu nome entrou na roda, e ele se tornou conhecido como um dos caras: não necessariamente pelos traficantes do seu bairro, mas sim pelos traficantes da favela rival e pelos moradores da comunidade. Para se defender, e porque os velhos amigos não queriam mais conviver com ele, a gangue tornou-se a única alternativa. Foi somente depois que já fazia parte da gangue que o rapaz entendeu as conseqüências da sua ação.

Em quase todas as entrevistas que fizemos com adolescentes e jovens nas comunidades, tanto os que participam nos grupos armados como os que não, "ser considerado" foi listado como motivo principal de entrarem "na vida de crime." Dentro das favelas, sentindo-se invisíveis (ou descriminalizados) ao mundo lá fora, podem facilmente pensar que as armas e os bens materiais que comprarão com o lucro do tráfico trarão para eles respeito e visibilidade.

Luiz Eduardo Soares descreve a vontade de visibilidade através da arma como o centro do problema de violência no Rio de Janeiro:

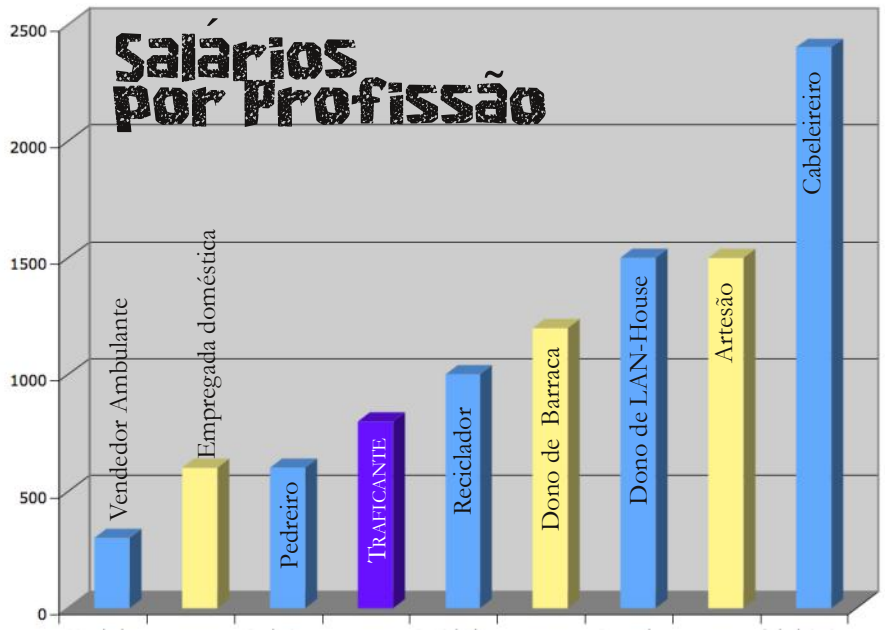
> *"Quando um traficante lhe dá uma arma, este menino recebe muito mais do que um instrumento que lhe proporcionará vantagens materiais, ganhos econômicos e acesso ao consumo; ele recebe um passaporte para a sua própria existência social, porque, com a arma, será capaz de produzir ao menos um sentimento: o medo. Recorrendo à arma, portanto, restaura as condições mínimas para a edificação da auto-estima, do reconhecimento e da construção de uma identidade; estabelece enfim uma interação, na qual torna possível sua reconstrução subjetiva e o projeto – soi disant estético – de sua auto-invenção. Trata-se de uma dialética perversa, em que o menino afirma seu protagonismo e se estrutura como sujeito, submetendo-se a um engajamento trágico com uma cadeia de relações e práticas que o condenarão, muito provavelmente, a um desfecho letal, cruel e precoce, antes dos 25 anos."*

SOARES, Luiz Eduardo. Novas políticas de segurança pública. Estudos Avançados. 17 (47), 2003. pp. 75-96, p. 77

O que é interessante nas favelas pesquisadas é que o dinheiro, que muitas pessoas pensa-se que é o motivo principal de venderem drogas, é realmente uma subcategoria deste desejo de ser reconhecido. "Eu queria ter a minha graninha para comprar uma boa bermuda, um boné legal," foi um comentário que se escutou várias vezes quando pessoas narravam porque tinham, temporariamente, entrado no negócio do tráfico. Ou ainda querem dar um presente à mãe ou a namorada no natal. Esse foi o caso de dois garotos que eram tidos como exemplos de bom comportamento numa ong local. Vestir uma roupa de marca

é um jeito de mostrar que "eu sou bem de vida" e "não um pobre coitado"; é a chave para ser reconhecido no mundo capitalista, mas também pelas garotas e garotos da mesma idade.

Um membro da gangue de Santo Amaro contou que quando começou a vender a "bolsa pedra", só pensava em ganhar grana e comprar uma camisa ou um tênis. Para ele, a arma não era importante. Porém, quando se tornou um vendedor conhecido, não tinha escolha: tinha que pegar em arma para defender a sua boca e a sua própria vida, e depois para fazer guerra contra as outras bocas.



Uma das grandes surpresas da pesquisa que hora descrevemos foi descobrir o pouco que ganha o traficante, em termos monetários. Um vendedor de rua que trabalha bem, vai vender uma bolsa de crack (30 pedras, do qual fica R$100 de lucro para ele) a cada 3-4 dias; isto quer dizer que um bom vendedor ganha aproximadamente R$700-800 por mês, próximo a um salário mínimo e meio. Um reciclador – o trabalho mais despreciado na favela e na cidade – que trabalha bem ganha R$1000/mês, ou seja, mais que um traficante. Um barbeiro com boa freguesia ganha R$2400, o dono de um bodega (mercadinho) entre R$1200-$1600. Na realidade, o traficante ganha bem menos que muitos trabalhos tidos como honestos.

Custo de Vida de um Traficante

Boné do ciclone: R$60.
Camisa de Seaway: R$50.
Bermuda do Ciclone: R$160.
Tênis de Nike: $240

Porém, quando perguntamos a um barbeiro que antes tinha sido traficante quanto ganhava vendendo drogas, ele disse, "é uma boa grana no tráfico." Em contraste, descrevendo seu

salário atual, quase quatro vezes maior, ele disse "dá para sobreviver." Escutamos comentários parecidos de muitas pessoas: o pequeno lucro de um traficante era "muito", quando o bom salário de um trabalhador era "pouco."

Por quê? Comentários freqüentes entre os garotos levou-nos a pensar que quando uma pessoa ganha dinheiro honestamente, tem obrigação de gastar esse dinheiro para o bem da sua família: comida, contas de luz e água e gás, transporte. Mas, quando ganha o dinheiro desonestamente, pode-se gastá-lo em "luxos", como uma camiseta ou bermuda de marca. O dinheiro honesto é para sobreviver, enquanto o dinheiro do crime é para se "amostrar".

Aqui chegamos num elemento essencial para entender a vontade de entrar no tráfico: as bermudas e tênis de um traficante mostram que ele tem um *excesso* de dinheiro, que pode gastar "no que bem entende". Este consumo conspícuo (para usar o término de Thorsten Veblen), este luxo e excesso, mostra que ele "está bem de vida." Queimar seu dinheiro em gastos tidos como "luxos", como uma concorrida roupa de moda, é um tipo de potlatch, onde um homem ganha prestígio pelo que é capaz de gastar.

A mídia também tem um papel central na dialética de visibilidade e invisibilidade dos adolescentes da favela. Embora se costuma dizer que os moradores das favelas são "invisíveis," não é estritamente correto: na realidade, a favela é altamente vigiada pela mídia, e tanto os moradores da comunidade como os da "vila" são influenciados a perceberem a favela através de programas televisivos como *Bronca Pesada*, apresentado por Cardinot (que retrata crimes diariamente) e *Cinderela* (um programa de comédia que faz skits sobre a violência nas comunidades).

Todos os anos, quando uma nova turma de adolescentes ingressa na escola de vídeo da ONG Auçuba, os educadores pedem aos alunos de façam um estudo do seu próprio bairro, pesquisando como os moradores o percebem e como a mídia os retrata. Segundo um professor do Auçuba, todos os anos chegam com o mesmo resultado: os jovens das favelas acreditam mais no que eles vêem na mídia sobre as suas próprias comunidades do que no que vêem com seus próprios olhos.

A favela não é invisível à sociedade. Mas, o jeito mais fácil de chegar a ter visibilidade, é através do que acontece de ruim naqueles bairros. Os canais de televisão e os jornais fazem um enquadre nas matérias sobre a favela com temáticas que envolvem o tripé crime, pobreza e droga. Para um jovem que quer reconhecimento pela e da mídia, praticar atos criminosos oferta um caminho fácil.

Baile funk transforma pancadaria em diversão

Manchete do Jornal do Comércio mostrando uma briga funk.

O Clube Português, antes cenário de baile funk, agora promove bailes Bregas.

As galeras funk

Muitos membros das gangues de narcotráfico dizem que juntaram-se com os grupos armados para ganhar consideração; mas a galera funk também é um caminho para receber reconhecimento dentro das comunidades de periferia. É um exemplo típico de grupos que que precisam mostrar valentia e capacidade de estabelecer e vencer um embate (e desafio) como forma de obter reconhecimento. Quando começamos esta pesquisa, imaginávamos, por algumas informações obtidas anteriormente, que a galera funk – quadrillas de adolescentes que brigam em bailes e através de música funk – era um tipo de canal ou processo de iniciação ao tráfico. Na realidade, a relação entre a galera funk e a gangue do narcotráfico é muito mais complexa e não uma consequência dessa. Existem aqueles que participam nas galeras e que não entram no tráfico e muitos traficantes que jamais fizeram parte de galeras funk. O que existe, sim, é o reconhecimento entre esses.

O funk de galera forma parte de um processo de transformação de valores e do desejo de consideração; uma espécie de violência ritualizada, onde o consumo de símbolos e a participação efetiva nas brigas são caminho para tornar-se conhecido noutros meios e ser considerado. O que parece interessante nos sistemas de prestígio das galeras é o constante desafio, que se dá especialmente pelo uso que fazem da música. Bons membros de galera são também compositores criativos, que inventam letras poderosas sobre seus inimigo ou sobre seus amigos. Tais letras podem tanto rebaixar quanto aumentar o ibope de uma pessoa ou de uma galera. Ser citado numa música funk é motivo de orgulho e normalmente confere fama ao alvo, mas essa fama pode ser indesejada, caso seja uma mentira poderosa, que se torna dificil de desmentir ou de limpar a imagem do atingido. Esse foi o caso da líder da galera do Arruda. Além de ser "boa na briga", compõe letras de muita criatividade e que "colocam pra baixo" as meninas de outras galeras. Ela cantou uma música no dia da entrevista que tinha composto desafiando uma líder de galera de Peixinhos, rebaixando-a; Peixinhos tem uma das galeras mais fortes da região, e como a garota nunca respondeu, o ibope de Arruda subiu muito. Segundo depoimento da garota, foi o namorado da lider de Peixinhos quem orientou essa a não responder, já que seguir seria tornar a briga entre as duas cada vez

mais perigosa. Isso deixou o Bonde do Arruda com moral alta entre os outros grupos.

As garotas que entrevistamos que faziam parte do Bonde do Arruda afirmaram que ultimamente os bailes funks estão em baixa por causa de muitas mortes e violência. Segundo essas garotas, que tem têm 14, 15 e 16 anos, os freqüentadores de bailes funk têm migrado para os bailes bregas e fizeram desses seu novo locus de encontro. A diferença citada por elas é que a concorrência no baile brega é a roupa e o sapato que se usa, e como se dança. Atualmente é desse modo que ganham reconhecimento; não mais pela briga. Afirmaram que no baile brega também toca funk, mas não tem arena para as brigas. Revelaram, no entanto, que quando toca um funk, elas se arrepiam de saudades do baile, porque gostavam muito. Mas acham que é melhor assim: "perdemos muitos amigos e tá na hora de parar mesmo". Outra delas afirmou: "Afinal de contas, pensando bem é idiotice pagar 10, 20 reais pra ir apanhar num baile, chegar em casa toda cheia de mancha roxa...".

A pegacao

Uma via bastante usual para ganhar consideração é a relação de namoro ou "ficar" com alguém. Recife faz parte de sociedade onde os rapazes, para obterem status perante os amigos, devem demonstrar que mantem várias relações amorosas e que as meninas mais desejadas querem ficar com eles. Esse aspecto faz com que adolescentes e jovens que têm pouco recurso para "pegar" muitas meninas, arrisquem-se com o tráfico para poder atrair e agradar mais possíveis parceiras, oferecendo-lhes presentes e status por namorar um cara corajoso. Claro que esse

O Traficante Sedutor

Escutamos de várias meninas e garotas que namoram traficantes, que os membros das gangues são muito charmosos e sedutores. Buscam a proteção de um homem forte e gostam da idéia de receber presentes ou dinheiro, mas é o charme que faz elas se apaixonarem.

Parece que a essência do charme do traficante é a sua atitude de "botar pra foder, porque a vida é curta", a disposição de queimar todas as fichas para conseguir o que ele quer. Como diz um jovem de Arruda, "Eles pensam que vão morrer de qualquer jeito, então vão tirar onda quando e enquanto puderam." Com esta atitude, têm a coragem para enfrentar à polícia e as outras gangues, mas também de superar o receio de falar com meninas ou fazer flerte. Vivem um tipo de Carpe diem, ou como se diz popularmente no Brasil "Queimam todos os fósforos de uma vez".

Orientacao Sexual

Poucas pessoas nas favelas de Recife são assassinadas por ser gay ou lésbica. Porém, a homofobia tem seu lugar na construção do contexto de violência.

Em algumas entrevistas, artistas populares expressam tristeza que muitas pessoas burlam de músicos ou bailarinos, dizendo que são "frangos" (gay). Sempre é difícil escolher uma vida de arte nas favelas, por ser uma profissão que traz pouco dinheiro e que não traz a consideração instantânea que traz o tráfico. Quando os outros começam a burlar do artista, é mais um motivo de um adolescente abandonar "o bom caminho" e escolher entrar nas gangues. Nenhum membro ou ex-membro de gangues citou medo de ser burlado de gay como causa de entrar nas gangues, mas pessoas que estão fora dos grupos armados acham que é um motivo entre muitos outros.

Na comunidade de *A*rruda, o terreiro de candomblé é claramente o lugar onde gays, lésbicas, e travestis acharam para sentirem-se seguros e acolhidos. Na filmagem que a equipe de pesquisa fez de um culto no terreiro, mais que metade dos participantes são de minorias sexuais.

É especialmente interessante pela presença no terreiro de um baterista valente e conhecido, o tipo de figura que poderia burlar de "frangos" em outros contextos. Porém, no lugar constituído como tolerante, ele abraço aos travestis com tanto entusiasmo como o fez o pai de santo.

aspecto não é a regra entre os jovens, já que muitos deles negam esse estilo de relação, preferindo uma parceira mais estável, ou mantendo vínculos amorosos longe desses grupos ou ainda mantendo-se sem parceira até mais tarde.

A afirmação da influência da "ilusão por mulher" para tornar-se um vendedor de drogas e entrar "nessa vida" foi descrita por vários jovens, que tendo eles mesmos que participar do sistema de concorrência por mulher, apontam os problemas enfrentados para impressionar as meninas mais desejadas dos bairros. Dizem que se uma garota é "cobiçada" por vários adolescentes, ela vai escolher aquele que oferecer a ela mais recursos, e o escolhido vai, por isso, adquirir mais prestígio perante os demais garotos do bairro. Um dos pesquisadores disse que viu muitos amigos seus se envolverem nessa dinâmica:

> *"Começaram a vender drogas por "ilusão de mulher". Depois passaram a consumir junto com elas e quando a mulher os abandonou por alguém que lhes ofertava mais, passaram a consumir ou a beber muito, e hoje estão completamente abandonados, se acabando na droga ou na bebida". E acrescenta: "Eles tem que mostrar também que pegam mais, que tem poder, que podem dar presentes, e por isso entram nas gangues; e se conseguem manter isso, são normalmente invejados pelos outro. Tenho três amigos meus que eram do breakdance que hoje estão que nem mendingo por causa disso. Eu tenho pena, tento ajudar eles, mas fico triste quando vejo que não posso fazer nada...".*

"Fazer minino" como meio de obter reconhecimento

Nas populações estudadas, o casamento e especialmente a maternidade/paternidade se dão nos primeiros anos da vida fértil das meninas e dos meninos (entre 14-18 anos). A estimativa de gravidez na adolescência é alta - pelos becos se pode observar muitas adolescentes (13, 14, 15 anos em diante) cuidando de seus bebês no colo. Embora criticado como um problema de saúde nacional, nas comunidades não é considerada um fator negativo tornar-se mãe nos primeiros anos de vida da adolescência e juventude. Ao contrário, parece ser uma forte fonte de reconhecimento de maturidade entre as meninas. Exibem com prazer seus bebês, embora em muitos dos casos não estejam vivendo com o pai da criança e os seus próprios pais é quem criam/sustentam a criança, deixando a elas o encargo de cuidar cotidianamente desses. Nas entradas dos becos de Arruda ou pelas ruas de Xié, Santo Amaro, ou Chão de Estrelas, se pode perceber como a vida comunitária da primeira infância e de suas mães forma uma espécie de creche comunitária, onde as adolescentes socializam e aprendem a ser mães, e os bebês têm um espaço de convívio coletivizado entre parentes e vizinhos. A criança é um importante meio de comunicação, é uma espécie de intermediador entre mundos (para saber mais ver Silva, 2008) e um importante meio de adquirir reconhecimento de maturidade. Se diz popularmente que "quem faz minino não é mais minino".

Namorando um dos caras

Embora as mulheres possam ser donas de boca ou vendedoras de drogas, é mais comum que elas se envolvam com alguém que esteja nesse ramo. Assim, elas passam a receber um tipo de reconhecimento diferenciado por namorarem e terem a proteção de uma pessoas considerada poderosa ou valente, e especialmente com poder de mando associado ao acesso a dinheiro. Adolescentes do sexo feminino que se envolveram com traficantes, dizem que eles são muito sedutores, e embora elas saibam que o caminho não é o mais certo ou o melhor pra elas porque "não tem futuro", os garotos insistem, andam atrás delas, que acabam conseguindo o que querem: que elas se apaixonem por eles.

Namorar alguém envolvido no trafico tráz beneficios: a princípio dizem que sentem-se mais seguras, com mais poder que as amigas, que recebem bons presentes, tem acesso a drogas se o querem, a dinheiro e a carro (a moblilidade nas favelas é muitas vezes dificil pelo fato do transporte público ser caro perante o padrão de vida das comunidades faveladas). Essas jovens dizem que existe diferença entre as mulheres que se aproximam dos traficantes: existem aquelas que namoram por dinheiro e as que namoram porque gostam do cara; também alegam haver diferença entre o modo como eles se relacionam com elas. As que gostam deles, não os abandonam quando esse é pego pela polícia; esperam que ele um dia mude de vida para viverem com elas. Por outro lado as que não gostam deles e que querem se aproveitar, vão procurar eles em busca de recursos, de dinheiro, mas os abandonam facilmente por outro. Segundo uma adolescente que morou com seu namorado enquanto esse era dono de boca, "o

dinheiro que eles têm é muito pouco e eles gastam tudo com drogas e mulher na rua. Ele me prendia em casa porque dizia que aquela não era vida pra mim, e eu morria de raiva porque as mulheres andavam sempre atras dele. Eu achei que ele ía mudar, e disse que só ia voltar pra ele quando mudasse. Agora ele está preso porque matou um cara".

Algumas garotas disseram que há mulheres que envolvem-se com homens que sabem que já mataram por que pensam que assim podem tornarem-se mais "respeitadas" dentro da comunidade. Outras criam confusão entre os rapazes para comprovar o seu próprio poder através da relação com o homem violento (que tem coragem de matar ou mandar fazê-lo). Isso faz elas mesmas sentirem-se poderosas.

Já há as que afirmam que com o tempo a vida com eles fica dificil, pois vivem fugindo da polícia, são alvo de outros traficantes, e principalmente porque elas mesmas passam a ser alvo de vigilia constante de traficantes de bairros vizinhos, e têm sua mobilidade bastante limitada. A redução da moblidade pode ser algo que complica muito a vida, pois não podem mais visitar amigos e parentes proximos (mãe, pai, irmãos, tios, primos), que vivem em bairros cujos traficantes são vistos como inimigos do seu namorado. Um caso de três adolescentes (duas irmãs e uma amiga) é dramático: a mais velha delas namorava o traficante do bairro de Arruda, e a irmã namorava o chefe do bairro em frente ao canal do Arruda, Campo Grande, historicamente concorrente inimigo do Arruda. A amiga delas, criada na mesma comunidade, namorava um outro rapaz da comunidade, que com o tempo passou a ser vendedor de drogas. Cuando aqueceu a guerra, um namorado matou o outro.

conclusões

A revolta, a busca de independência e de consideração são processos importantes nas favelas de Recife e parte integrante da vida cotidiana dos grupos. E, na realidade, são aspectos extremamente positivos. Hegel disse que a busca de reconhecimento é essencial ao ser humano e o motor da história; desejo de ser considerado e respeitado é parte da vida humana. Igualmente, sob condições de opressão e exclusão as quais enfrentam os jovens das favelas de Recife, a revolta é uma resposta positiva: evidencia um desejo pela justiça e pela igualdade.

O problema, porém, não é a existência destes elementos. O problema é que os grupos armados oferecem a resposta mais eficaz e eficiente aos desejos normais de um adolescente de periferia. Uma política que tentar construir outras estruturas para a vida de adolescentes em Recife, tem que oferecer melhores opções para esses, para que não tenham que juntar-se com os grupos armados para ganhar reconhecimento, ou buscar a justiça e a sua tão desejada independência.

A vida com "os caras"

Até agora temos analisado valores e vontades construídas na vida cotidiana dos moradores de Recife que são importantes para entender o modo de relacionarem-se naquelas comunidades, mas tambem permitem entender um pouco sobre a entrada de crianças, adolescentes e jovens nos grupos armados. Normalmente esses aspectos andam de mãos dadas com alguns passos concretos que levam ao adolescente a formar parte do grupo que vende drogas e disputa controle das bocas no comércio de drogas. O momento de integração no tráfico é marcado pela bolsa pedra.

O esquema se organiza do seguinte modo: o dono da boca dá (sem cobrar o valor à priore) ao iniciante, uma bolsa pedra no valor de 300,00 reais. Essa bolsa pedra é uma espécie de trato de confiança entre o vendedor e o dono da boca (e da bolsa) – um crédito dado no início do trabalho. Se o vendedor mostrar-se capaz de vender essa bolsa num período aproximado de uma semana, que renderá a esse o total 100,00 e ao dono da boca 200,00 reais, então ele recebe outra, que deve vender logo, e assim sucessivamente. Cabe ao vendedor entregar o valor em reais ao dono da boca, e o demais ele pode vender e obter o seu próprio rendimento do negócio, ou pode dar a alguém ou ainda consumir. Os traficantes são, em boa parte, vendedores autônomos trabalhando por uma comissão de 33%.

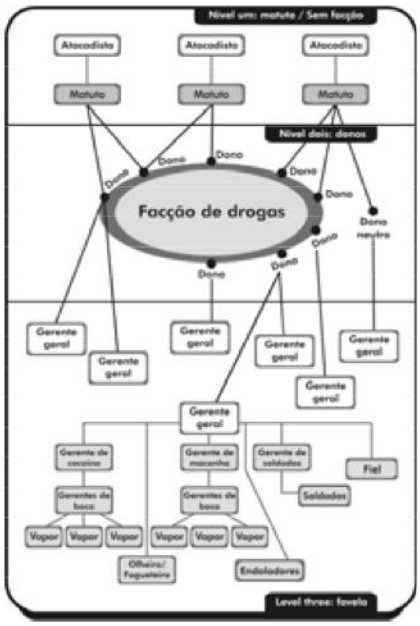
A estrutura do narcotráfico de Recife parece se diferenciar de outros lugares, como Rio e SP, onde existe um comando muito mais organizado e armado, com uma hierarquia onde o "dono da boca" coordena seu exército,

BOLSA: É interessante que o termo "bolsa" usado para o pacote de drogas que um vendedor recebe é o mesmo usado pelo governo para auxilios dado a grupos marginalizados - bolsa escola, bolsa fàmília, etc.

Para a estrutura do tráfico no Rio de Janeiro, veja Luke Dowdney, *Crianças do Tráfico.* RJ: Ste Letras, 2003 e Marcio Alvito, *As Cores de Acari.* RJ: FJV, 2001.

Estrutura do tráfico, Recife

Estrutura do tráfico, Rio de Janeiro



fonte: Luke Dowdney, Crianças do Tráfico. RJ: Ste Letras, 2003.

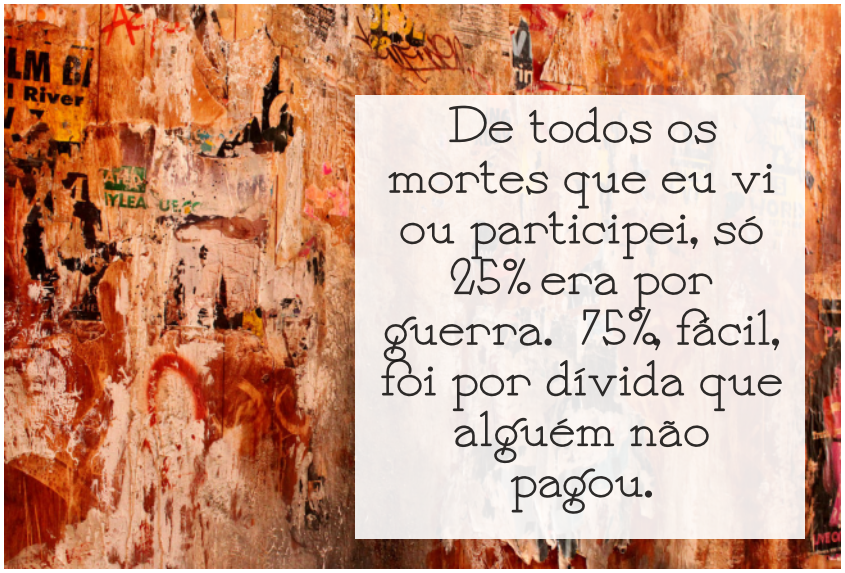
com soldados que defendem o território onde a boca instituiu como seu. Na descrição dos jovens de Recife, a estrutura do narcotráfico nas comunidades onde vivem se constitui basicamente pelo "dono da boca", vendedores (chamados de "os caras") e consumidores. Entre os vendedores, existe sempre aquele que é tido como "Braço direito" do cara, que sempre executa mandos do dono da boca.

Algumas crianças (10, 12 anos) e adolescentes, dizem que na comunidade tem muitos dos vendedores de drogas que passam despercebidos; ninguém diria que o são, porque não se mostram como tal. E nesse caso, eles não constróem a carreira baseada na dinâmica violenta, que tenta de derrubar um concorrente; trabalham quietos, obtendo seu lucro sem grandes conflitos, embora possam se confrontar com a polícia vez por outra.

Mas a entrada desse menino/a nos grupos pode ocorrer muito facilmente. São usados desde muito novos como aviõezinhos. Muitos dos meninos relatam terem feito esse serviço desde muito novos sem qualquer conhecimento o que estavam levando. Era um jeito de terem seu próprio rendimento de centavos ou reais desde 4, 5, 6, 7 anos de idade. Assim, a porta se abre aos contatos e amizades, e quando descobrem, já estão envolvidos e se sentem, em alguns casos, parte dela. Também é comum o assédio por parte de amigos, de conhecidos, e se não quer, precisa resistir bravamente. É comum, também, por exemplo, que envolvam-se com amigos que estejam traficando e sejam também considerados traficantes. Nesse caso, quando em contato com os amigos e pegos pela polícia, no caso de presos, para sobreviverem na cadeia precisam de favores de outros presos. Quando saem, tem dívidas morais que os obriga a entrar na rota da ilegalidade para manterem-se vivos fora da prisão; precisam pagar a dívida moral fazendo favores que comumente os leva a ser alvo novamente da polícia. Assim, entra num ciclo de dívidas que o faz inevitavelmente fazer parte desse mundo do tráfico e da ilegalidade.

PRATICAS VIOLENTAS

Na imaginação de quase todos que pensam na violência nas favelas brasileiras, a guerra do tráfico serve como enquadre dos atos de violência. Os traficantes invadem outras favelas para conquistar as bocas de fumo; os policiais invadem a favela para acabar com o tráfico; os traficantes brigam entre si para controlar o comércio de drogas. Em Recife, a os homicídios nas favelas acontecem também por outro motivo: a dívida.



Neste estudo, não pudemos fazer uma análise estatística de causas de morte nas favelas de Recife. Porém, quase todos os informantes concordaram com um dado oferecido por um ex-traficante: "De todos os mortes que eu vi ou participei, só 25% era por guerra. 75%, fácil, foi por dívida que alguém não pagou." Um dado importante foi o número de mortes que Arruda teve nos anos 2008-9. Vinte e cinco ao total, mas grande parte eram conbranças de dívidas, entre essas, algumas acionadas pela guerra do tráfico.

Abordaremos algumas das práticas de violência em Pernambuco, chamando atenção, através das histórias que ouvimos durante a pesquisa como e por quê as pessoas morrem assassinadas. Grande parte do sucesso do Pacto pela Vida veio da observação

Os relatos de muitos moradores na favela indicam que esta estatística erra num fato importante. Na realidade um número considerável dos assassinatos acontecem por engano. Embora só tenhamos a evidência da "fofoca", é interessante. Quando a vítima não é uma conhecida da pessoa que está falando sobre a morte, será comum que diga que "fulano morreu por ser um bandido ou um viciado". Em contraste, quando o vítima é conhecida, a pessoa que conta a história muitas vezes insiste que era bala perdida, que os matadores pegaram a pessoa errada, ou que a polícia atirou na pessoa que "estava lá" e inventou a história depois. Claramente, esta fofoca não é evidência científica, mas sugere que muitas das pessoas que morrem, são assassinados por acidente.

de que grande número dos assassinatos no estado foram cometidos por grupos organizados de "limpeza social"; atacando a estes grupos, a polícia podia ter um grande impacto com mínimo investimento. Esperamos que esta análise também indique caminhos que ajudem a enfrentar o problema da violência no Recife.

A Divida

Como explicamos no início, com a Bolsa Pedra o narcotráfico no Recife se constrói na base da dívida. O dono da boca dá uma bolsa cheia de 30 pedras de crack para um adolescente, sem exigir nada em câmbio nesse momento. O adolescente vende cada pedra a R$10, e dentro de umas semanas, o deve voltar para pagar R$200 ao dono da boca, enquanto o restante R$100 fica para o vendedor. Depois de entregar o pagamento da primeira venda, o vendedor recebe outra bolsa e, no processo, contrai outra dívida.

O problema inicia quando o vendedor não dá conta do valor total de 200,00 reais e passa a dever ao dono da pedra. Esta dívida, quando não liquidada rapidamente, pode resultar num conflito complexo ao vendedor. Nesse caso pode haver violência dentro do próprio grupo de vendedores e compradores, e a dívida financeira é considerada dívida moral, pois o dono da boca precisa manter o respeito perante os demais vendedores, ou a outros potenciais. Se ele deixa passar "barato", não vai conseguir manter o negócio funcionando com lucro.

Dívidas de poucos reais, quando não liquidadas em um certo período, devem ser honradas "apagando" o devedor. A mesma dinâmica parece existir em menor grau entre vendedores e consumidores. A morte precoce de um filho, ocasionado por dívidas é um dos maiores medos apresentados pelas mães de crianças/adolescentes. Se torna um risco grande quando um adolescente passa a consumir drogas e não tem como manter o vício (mesmo maconha, que é entendido como não perigoso em termos dos efeitos colaterais, se torna um risco eminente de morte por provável dívida adquirida). Em ambos os casos, o conceito de honra funde dívida moral e dívida financeira. Uma frase constante que se ouve nas comunidades é que se não paga com dinheiro, paga com a vida. E no caso de dívida persistente, o mais importante não é mais o dinheiro (conseguir o dinheiro de volta) mas manter a honra. Nesse caso, na estrutura do grupo, é o chamado "Braço direito" do chefe quem mata.

Quando ganham a bolsa pedra, muitos meninos sem nenhuma experiência na venda ou na administração de dinheiro, recebem um pacote que vale muito para a sua economia. Os erros que podem cometer são muitos, e em todos os

Como um traficante contrai dívidas

1. Vender parte da bolsa e começar a gastar o dinheiro que ganharam, chegando a gastar mais que os R$100 que lhes pertencerão,
2. Dar pedras de presente para mulheres ou a amigos/conhecidos para ganhar prestígio ou afeto,
3. Vender fiado para pessoas que não pagarão,
4. Usar as pedras por curiosidade, vício, ou pelo estress da venda
5. Perder as pedras,
6. Jogar as pedras fora quando abordado pela polícia,
7. Receber em pagamento um objeto (celular, DVD) que parece ter valor, mas que não consegue vender ou que está quebrado,
8. Outros erros que não nos contaram.

casos citados, o vendedor não poderá pagar a dívida ao dono da boca. Ficando endividado e pode pegar outra bolsa e aumentar a sua dívida, ou pode buscar outro modo de pagar a mesma; ou, como se verá a seguir, pode morrer.

O segundo tipo de dívida é entre o vendedor e o usuário. Muitos viciados sabem manipular o sistema: buscam vendedores novos, contam histórias tristes ou ameaçam, e conseguem a droga fiada. Sem o dinheiro do usuário, o vendedor não pode pagar a sua dívida ao dono da boca. Um adolescente que vendia por muito tempo e foi preso três vezes por tráfico, explicou o que aconteceu:

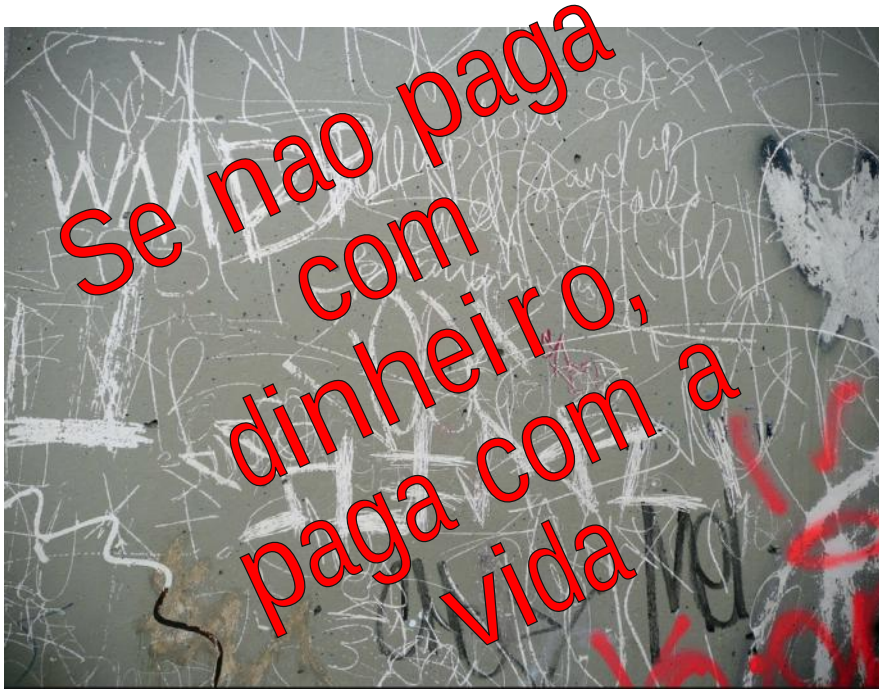
"Se um viciado contrai dívida com a gente e não pode pagar, o dono da boca fica encima. Tem que pagar, tem que pagar. E fala, 'Se não pode pagar com dinheiro, paga com a vida.' Então tinha uma escolha: ou eu mato ao cara que me deve a grana, ou o traficante mata a mim."

Quando um dos pesquisadores perguntou - "Não pode pagar com tua grana?" ele respondeu: "Posso. Mas se faço isso, saio como um etário, um froxo, e acabou, sabe? Então é mato o morro."

Pesquisador: "E a maioria…"

Vendendor: "Mata, claro."

Este comentário abre muitas questões que valem a pena aprofundar. Primeiro, tem que entender a lógica da frase, "Se não paga com dinheiro, paga com a vida," um tipo de ética/honra do tráfico que se escuta em muitas conversas sobre violência nas favelas de Recife. Uma dívida de R$10 merece a morte. Na realidade, não é que a vida vale só dez reais. O que vale uma vida é a honra do homem que vende fiado. Do mesmo jeito que reconhecer ao outro é dar parte da minha substância de consideração para ele (veja capítulo 5), emprestar dinheiro não é só emprestar papeis com números. É dar fé: por isso a palavra "fiado" sempre está presente. Eu dou dinheiro, e em câmbio, você me dá respeito e a promessa de pagar o dinheiro de volta. A cultura nordestina tem base na idéia de reciprocidade, e a confiança que se constrói quando eu faço um favor, e você devolve o favor. Eu respeito o outro e o outro me respeita. Eu faço um favor, e o outro me deve um favor. Igualmente, se



alguém faz algo mau a mim, eu tenho a obrigação de devolver esse mal, me vingar. Guardar a obrigação de reciprocidade é um primeiro mandamento.

Usamos a palavra "homem" com toda sua carga de masculinidade, porque esta ética de reciprocidade e dívida moral faz parte essencial de o que é ser macho no nordeste. Se alguém não paga a dívida, implica guardar uma parte da minha substância de honra e consideração; efetivamente roubou minha honra ou me desconsiderou. Não é, realmente, que uma vida tem o valor de somente dez reais: é que a dívida – qualquer dívida – é sinônimo de honra, e a honra sim vale a vida.

Não pagar a dívida é não respeitar, e esta falta de respeito é contagiosa: por isso, o ex-traficante diz que é impossível perdoar a dívida ou ele mesmo pagar. Assim, ele se torna frouxo, otário. Perde prestígio e honra não só perante o usuário que não pagou a dívida, mas também perante seus amigos. E porque os usuários são muito conscientes de quais vendedores são "os frouxos e fracos", um vendedor que perdoa a dívida terá que enfrentar pedidos de perdão por toda sua vida.

Não é só a honra do vendedor que importa aqui; também é a honra do dono da boca – por isso que "fica encima para cobrar" – e da boca como instituição. Se um usuário não paga a sua dívida o dono e a boca perdem honra e a fama de bom empreendedor. O único jeito de recompensar esta perda, é através da morte do homem endividado. Embora perdeu seu dinheiro, a valentia de poder matar outra pessoa ressarce o insulto à honra do dono ou a boca.

A dívida que merece a morte também poder ser moral, e muitos "bons meninos" ficam na trama do tráfico por este motivo. Por exemplo, entrevistamos um adolescente com amigos em um bairro rival; quando foi visitá-los, "os cara" do bairro rival pediram um favor dele, uma coisa que parecia pequena e que ele não podia negar pela ameaça implícita das suas armas. Ele deu a informação, mas resultou que essa "pequena favor" afetou a boca do seu próprio bairro. O dono da boca da favela do jovem disse que para pagar essa dívida moral, ele teria que trabalhar fazendo coisas para a boca; caso contrário, morreria.

O caso de jovens presos muitas vezes inocentemente segue a mesma

lógica. Atrás das grades é difícil sobreviver, e precisará ter bons amigos para defender-se das gangues e dos oficiais, para conseguir onde dormir, para ter comida. Os poderosos presos têm contatos com os traficantes nas favelas, e quando o menino sai da prisão, tem que pagar a dívida que contratou lá dentro vendendo, fazendo favores, juntando-se com a gangue. Se não faz, vive sob ameaça ou de perder a honra e de não ser homem de palavra e talvez a vida.

O assassinato por dívida é um tipo de morte anunciada: o homem endividado (seja financeira ou moralmente) sabe qual é a conseqüência da sua dívida. A fofoca no bairro também dá notícias do possível assassinato: "os cara estão buscando fulano…". Essas notícias abrem caminho a outro tipo de violência pouco presente nas estatísticas: o deslocamento forçado. Entre os meninos que não entram no tráfico, quase metade contaram histórias de ter que fugir do bairro por um tempo por causa de dívida financeira ou moral ou por engano. Outras pessoas não fogem. Não sabemos se não fugir é uma forma de aceitar a morte, negar a possibilidade que realmente vai acontecer, ou simplesmente não ter opções.

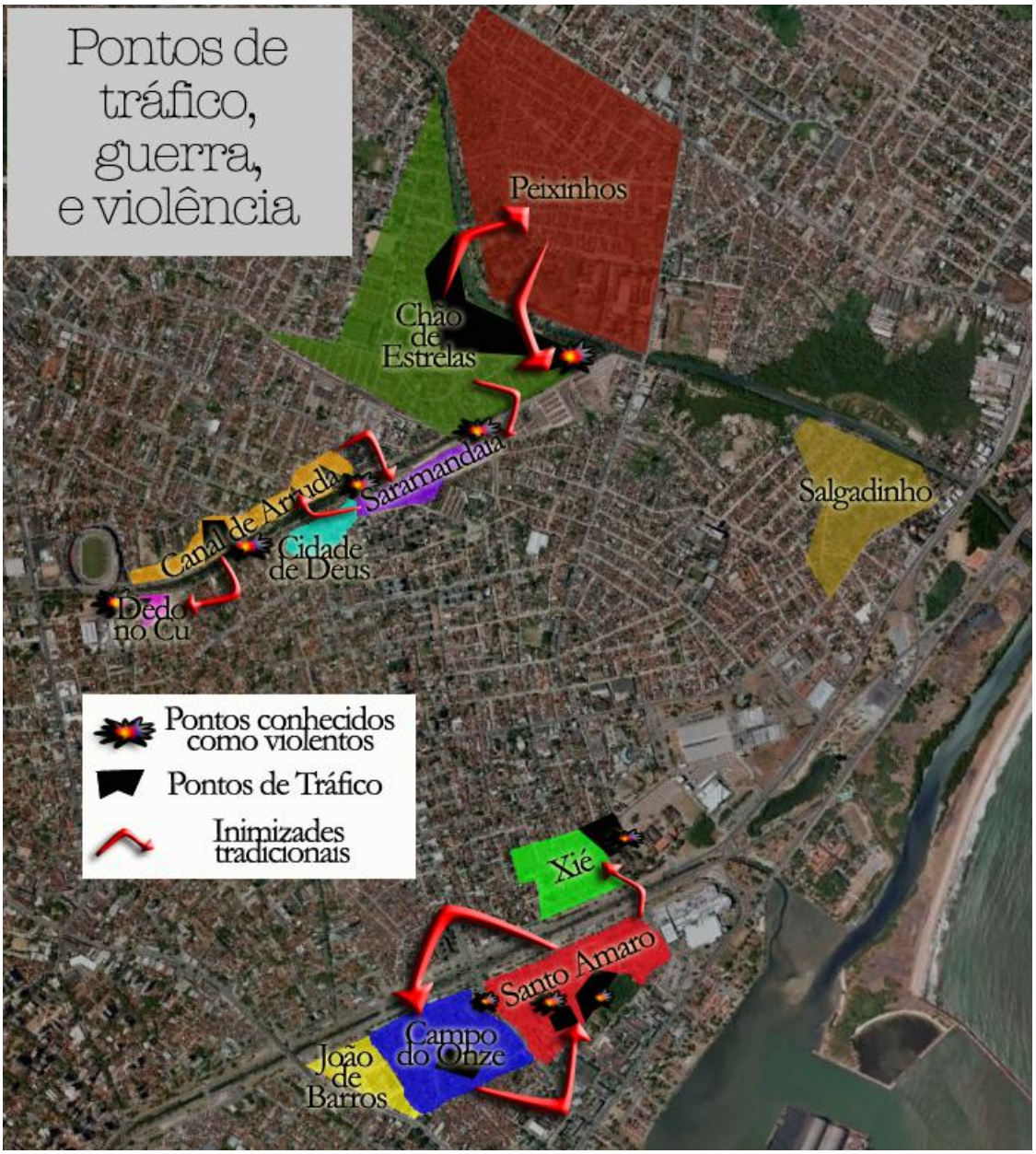
Guerra

Outro motivo de violência é o gerado pela concorrência entre bocas vizinhas. Quando uma boca passa a não ter mais um nível de venda razoável, pode requerer os clientes que vão para outra boca. Agem no intuito de destruir a boca do vizinho pra incrementar a sua venda, e o que importa não é o território em si, mas o cliente.

As guerras entre favelas acontecem num contexto de rivaldade tradicional e, em muitos casos, de proximidade. Campo do Onze e Santo Amaro; Arruda e Dedo no Cu; Chão de Estrelas, Peixinhos, e Saramandaia... cada grupo partilha um território e uma história de guerras há muito tempo. Entre inimigos antigos é muito fácil que um insulto, um problema econômico ou simplesmente um novo dono de boca que quer mostrar que é valente, fará disparar a guerra novamente.

Como veremos na análise da economia de prestígio, o essencial na guerra entra bocas não é conquistar a boca da gangue rival, mas destruí-la. Por ter crescido demais, ou por começar a roubar freguesia das outras bocas próximas, inspira inveja, e a gangue rival tem que acabar com ela. Um traficante de Arruda contou a história de uma guerra em 2009, que ele participou:

> *"A boca de Dedo no Cu estava crescendo demais. O pessoal comprava lá e não aqui. Então o dono mandou para o Braço Direito, 'tem que acabar com a raça daqueles cara.' Então o Braço juntou a nós todos pela noite, e disse pra ir pegar nas armas. A gente cruzou o canal no escuro, noite que a gente soube que iam fazer festa lá, e invadiu. Atiramos; atiramos em todos. Era meses antes*



deles começarem a vender bem de novo."

Em 2008-2009 em Arruda, as guerras entre as várias bocas na comunidade (tinha 10 em diferentes momentos), e entre Arruda, Dedo no Cu, Cidade de Deus e Saramandaia, chegaram a um ponto quase sem fim, onde uma invasão exigia uma resposta de vingança, com outra vingança a seguir. Era tão violento que não dava para sair na rua a qualquer momento.

No Rio e em Medellín existe uma divisão de trabalho na gangue, onde tem vendedores, soldados, olheiros, fogueteiros, aviões, e vapores especializados, mas em Recife os vendedores fazem todos os papéis, incluindo o do soldado. O Braço Direito comandará na guerra em vez do dono, mas o pessoal será o mesmo como o que vende qualquer noite na boca. Segundo o traficante de Arruda, o dono nem vai à guerra: ele só manda.

As guerras podem ter motivos econômicos, mas também motivos de

A Guerra do Canal de Arruda

Do Outubro de 2008-Março de 2009, três favelas na beira do Canal de Arruda lutaram para controlar o tráfico de drogas na área. Com as ações policiais em Santo Amaro, tanto usuários como compradores estavam procurando novas bocas de fumo, e o Canal estava no lugar certo. Tinha acesso fácil para carros ao lado de becos estreitos e tortos, fáceis de defender no caso da invasão da polícia. Saramandaia tinha uma gangue antiga, mas as gangues de Arruda e Campo Grande, na comunidade Dedo no Cu ainda estavam se estabelecendo.

Para ganhar mais freguesia neste novo mercado de narcóticos, as gangues das três favelas entraram numa guerra anárquica e sanguinolenta. Tinha dez ou mais bocas de fumo no Arruda, e cada um tentava se mostrar o mais poderoso e importante numa guerra civil entre os becos da mesma comunidade. Saramandaia, com uma gangue monolítico, aproveitou da anarquia no Arruda para acabar com algumas bocas no lado nordeste, enquanto as bocas do sul fizeram guerra contra a boca da pequena favela de Dedo no Cu no Campo Grande.

Nos poucos meses do conflito, morreram ao menos 25 pessoas no Arruda, e mais nas outras duas favelas, chegando a uma taxa de homicídio de mais que 500 por 100,000 (ainda mais se considera que todo aconteceu em só 5 meses). Ao final, existiam só três bocas no Arruda, e os policiais aproveitaram da fraqueza das gangues para prender os donos dessas boca.

Segundo alguns participantes da guerra, muitos garotos morreram no conflito armado, mas o ambiente de violência também atingiu muitas outras vítimas na favela. Os traficantes aproveitam do clima para matar muitas pessoas endividadas e para acertar contas pessoais.

honra ou para ressarcir um insulto. Enquanto estávamos em campo, começou uma guerra entre Chão de Estrelas e Alto Santa Terezinha (gangues não rivais tradicionalmente, e pontos de venda bem distantes), porque quando um traficante de Chão de Estrelas ficou presou, disse à polícia que era de Sta. Terezinha, e revelou os nomes e os lugares de venda da sua favela. Para vingar-se contra esse insulto, a gangue de Santa Terezinha invadiu a Chão de Estrelas várias vezes, só para matar aos rivais e causar problemas para a venda.

Alguns dias antes da guerra, a conversa na comunidade começou a revelar: "O bicho vai pegar", e as mães não permitem que as crianças brinquem mais nas ruas. A origem da notícia normalmente é oculta, mas as pessoas sabem quando vai acontecer uma guerra e se preparam. Vimos nesse fato uma ótima oportunidade de promover diálogos que resultem em outras dinâmicas que não a de assassinatos (veja propostas, capítulo 7).

Uso de bebida e drogas: perder a cabeça

A violência bastante citada entre os jovens pesquisadores é a gerada pela ação daqueles que estão sob o efeito de álcool ou outro tipo de droga, especialmente o crack. A tensão do dia a dia, a percepção da impossibilidade de resolver conflitos de outro modo, pode gerar atos violentos contra os conhecidos, ou contra uma pessoa que enfrentou-se pela primeira vez. É esse um motivo de violência contra crianças e mulheres, mas também de mulheres

contra homens, homens contra homens e mulheres contra mulheres. Uma das informantes da comunidade do Arruda orientou a pesquisarmos especialmente durante a semana, pois nos fins de semana existe um uso mais acentuado de bebidas alcóolicas e que isso faz a comunidade muito mais violenta. Embora exista nas comunidade um evidente uso de cachaça, o crack tem tomado a vida de muitos dos jovens, num processo de auto agressão que gera agressão a outros. Um dos problemas do consumo de crack é a relatada falta de moral que fica o sujeito que o consome. Passa a roubar, a agredir e por isso passa a ser considerado quase um ninguém. Dizem alguns informantes que o uso do crack tem alterado a dinâmica de respeito e de dignidade nas comunidade. Quando um usuário de crack rouba nas comunidades, se considera que ele está no desespero, e por isso é mais facilmente perdoado que alguém que rouba por outros motivos.

O Valente

Esses mesmos informantes apontaram um elemento gerador de conflitos constantes na comunidade: o conflito que advêm daqueles que são amostrados, ou seja, grupos ou indivíduos quererem mostrar que tem poder, portando armas e "dando uma de valentes", e embora esse seja um dos aspectos que gera violência, pois alem do sujeito agir violentamente, gosta de mostrar-se como violento (a performance), gera uma espécie de estado liminar constante na comunidade, onde os sujeitos envolvidos com esses ou vizinhos, estão

O valente no Candomble

Quando a equipe de pesquisa foi convidada pelo pai de santo do Arruda, foi ao terreiro de umbanda, para filmar um ritual. No intervalo, eu, Kurt, elogiei o garoto que estava tocando tambor dando-lhe um leve abraço. Ele devolveu o abraço com bastante entusiasmo e me convidou a voltar quando quizesse.

Quando o músico voltou para o terreiro, um dos pesquisadores me disse, "Que sorte que ele gostou de ti. Ele é o valente, o matador da favela. Tem cinco mortes nas costas."

Pensei ao princíipio que o comentário era para expressar alívio: "boa coisa que gostou de ti, porque noutro caso, poderia te matar." Mas agora penso que também pode refletir a questão de circulação de mana e honra. O respeito do valente me concedeu um novo status na comunidade, embora frente a pessoas que condenam o que faz o matador.

-Kurt Shaw

em constante perigo. Esses são caras que fazem circular "mana", ou seja, por eles e através deles, se pode obter alto reconhecimento; mas ao mesmo tempo, são pessoas que carregam um perigo eminente, e se relacionar-se com elas é facilmente ser reconhecido como "poderoso", essa mesma relação os coloca num estado de perigo social. Matar alguem – calar ou anular um sujeito - pode ser o teste mais alto de que alguém realmente está "nessa vida" e que tem coragem. Seu poder cresce de modo exponencial, mas junto com ele, o perigo da sua vida.

Limpeza Social

Quando uma pessoa tem construído na sua comunidade um histórico de relações de conflitos, é chamada de "alma sebosa". Nesse caso não é de grande espanto que esse venha a trazer ainda mais conflito para a comunidade, envolvendo-se em grupos armados, galeras, ou no narcotráfico, ou envolvendo-se constantemente em brigas. Espanto é quando um "menino/a bom" passa a fazer parte "dessa vida". O depoimento de uma das moradoras de Santo Amaro sobre um dos traficantes entrevistados por nós, é revelador: "Menino bom e deu prá essa vida... não vai viver, né? vai passar voando pela vida porque vai viver com medo."

Zé Brown, famoso artista recifense, canta o rap "Alma Sebosa," que compôs críticando pessoas que criam confusão nas favelas.

-fonte: Facebook do Zé Brown

A limpeza social pode acontecer de muitas maneras. Existem grupos organizados de chacina em todo o estado de Pernambuco, contratados para matar às almas sebosas, mendigos, ou supostos criminosos. Segundo José Luiz Rattón, só combater a esses grupos conseguiu reduzir a taxa de homicídio por 12% entre 2008-2009.

Dentro das comunidades, há outras formas de extermínio; por exemplo, a execução da alma sebosa, citado longamente na tese *Superar no Movimento*.

"Um artista popular explicou o que pode significar o alma sebosa: alma sebosa é alguém que vive trazendo coisa ruim pra comunidade. Não respeita o filho dos outros, nem a mulher dos outros. Bebe demais e faz muita bobagem, bate em qualquer um por aí. E cagüeta todo mundo.

E explica como o alma pode ser atraído para a morte, pelo próprio lado que ele tem de ruim:

Um cara que quer tudo que é mulher daí se manda uma mulher assim maliciosa lá pra chamar ele, pra ele pensar que tá bem. Daí ela leva ele pra us

canto, e chega o marido da mulhê, e mata ele. Foi em nome da honra. Ninguém diz nada. Ninguém vai acusar o cara de ter matado o alma sebosa. Todo mundo queria fazer o mesmo. Daí a polícia chega e todo mundo diz – vi não quem foi. E a polícia diz logo que foi morte por justa causa, essas coisas assim. Muitas vezes até a polícia sabe quem foi, mas até ela queria que o cara parasse de incomodar.

Assim, matar um alma sebosa se legitima, pois o mesmo oferece perigo para uma comunidade." (Silva, 2008:224).

Dentro dos bairros existem também pessoas conhecidas como "amigos da polícia", cujo papel tradicional era parecido ao de informante. Porém, especialmente em Arruda, quando a polícia teme entrar à comunidade, ou não tem a evidência para tomar uma pessoa preso, pode pedir ao informante tornar-se o matador. Em troca de imunidade da polícia, o informante pode matar o inimigo da própria polícia.

Violencia Domestica

Embora esta pesquisa faz ênfase na violência que se manifesta mais que tudo nas ruas, crianças nas favelas de Recife – como crianças de todas as classes sociais em todas partes do mundo – também sofrem de violência em casa. A violência pública no Recife tem um forma, uma história, e motivações particulares, mas parece que a violência doméstica não difere muito do que se encontra numa casa de classe média ou numa família rural.

A violência doméstica e intrafamiliar nas favelas de Recife tem duas características que valem a pena notar. Primeiro, a geografia social das comunidades confunde a divisão entre público e privado. As casas são pequenas, e crianças passam a maior parte da sua vida nas ruas, becos, e largos. As ruas também não são estritamente públicas: pessoas desconhecidas não são bem-vindas; famílias podem fechar a via, e em muitos casos uma rua "pública" pode existir embaixo de um telhado ou ainda dentro de uma casa. Esta desconstrução da relação entre público e privado impossibilita qualquer tentativa de esconder a violência doméstica. Todo mundo sabe o que está acontecendo.

Por outro lado, o desrespeito e a violência que existe nas relações de famílias ricas está escondida atrás das paredes e muros construídos, verdadeiras fortalezas onde muitas vezes a criança é abandonada pelos pais, mas cuidadas

por mães das crianças das favelas, que não tem tempo para seus próprios filhos. Essa violência pouco aparece nas estatísticas e quase nunca é alvo de ações públicas. Está escondida.

Como na rua, a honra tem um papel central na violência doméstica das favelas. Os pais batem para "que me respeitem". Desrespeitado e invisível na rua e na vila, os pais vêm a casa como espaço para ganhar consideração. Seria possível pensarmos que quando os pais recebam mais reconhecimento e consideração nos espaços públicos, precisem usar menos a violência nos espaços domésticos?

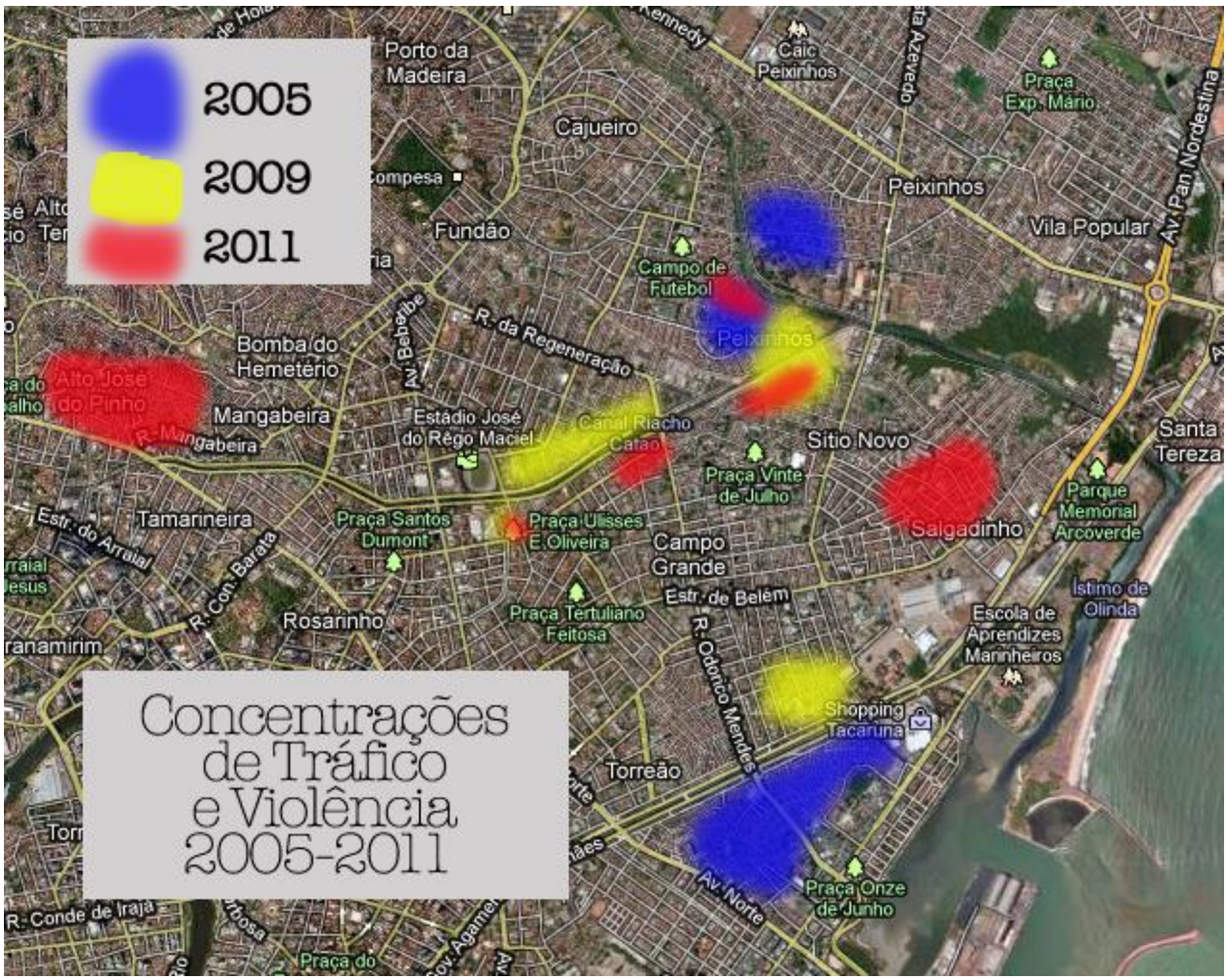
Cartografia
Skyward

3

Ações atuais de construção de paz e prevenção de violência

Nos anos 90 e no começo dos anos 2000, quando as taxas de homicídio no Recife estavam crescendo a 12-14% por ano, chegando à espantosa taxa de 100 assassinatos por 100,000 habitantes, tanto as ONGs quanto as instituições do estado desenvolveram ações que visavam construir a paz ou reduzir a violência nos bairros. Só a favela de Santo Amaro foi alvo da atenção de vários projetos de agência de cooperação internacionais, e foi declarado o primeiro "Território de Paz" pelo governo brasileiro, liberando milhões de reais para projetos sociais, culturais, e policiais. Como prova da eficácia destas iniciativas, as organizações e os financiadores podem dizer que agora, as taxas de homicídio e os confrontos entre gangues e polícia em Santo Amaro têm reduzido radicalmente. Toma-se Santo Amaro como um exemplo de sucesso nas ações sociais de combate a violência.

Porém, esta história também ilustra o problema de responder à violência sem uma política coerente. Embora os moradores de Santo Amaro concordem que o bairro é menos violento, na realidade, o tráfico de drogas e a violência associada como ele, foram deslocados para novos lugares e recriados com novas práticas. Em 2009, quando começaram as grandes ações da polícia em Santo Amaro, o tráfico foi para os bairros Arruda, Xié, e Chão de Estrelas. Quando foi atacado em Xié e Arruda, foi mais para dentro em Chão de Estrelas, e em Cidade de Deus, Saramandaia, Salgadinho, e para uma pequena de Campo Grande, chamado de "Dedo no Cu". Talvez mais preocupante: fechar o tráfico aberto em Santo Amaro forçou o comércio para lugares que antes tinham sido pacíficos por anos, como o Alto Zé do Pinho e a Alto Santa Terezinha. É claro que sem uma política mais ampla, atacar a violência e o crime em um bairro, como se esse fosse isolado, só a fez migrar para as



comunidades vizinhas, que já sofriam os efeitos da violencia de Santo Amaro, mas de modo indireto. Agora passam a ser esses os bairros onde as crianças têm que cuidar-se de balas perdidas nas ruas.

O segundo problema é que a estatísticas mentem. É certo que há menos assassinato e tráfico aberto em Santo Amaro; isto não quer dizer que tem menos comércio de drogas, menos adolescentes viciados ou menos violência. Na realidade, os moradores dizem que as dinâmicas do tráfico mudaram para se adaptar a um novo ecosistema de segurança pública. Sabendo que assassinato e guerra atrai o interesse da polícia e o olhar do estado, agora as gangues comportam-se de outro jeito, como pequenos comerciantes que não enfrentam outros grupos, nem buscam reconhecimento como traficantes. As bocas de Santo Amaro, que antes brigavam entre si, agora têm um pacto de convivência e colaboração. Em Campo do Onze, por exemplo, não existe mais uma só boca de fumo, mas os traficantes estão em constante movimento, e os compradores (ou a polícia) têm que perguntar às pessoas na rua onde tem venda naquele dia. A nossa pesquisa não visava contar o número de usuários de droga em cada bairro, mas muitos moradores acreditam que mais jovens agora usam drogas que antes, embora a violência na rua é menor que foi. Segundo um dos moradores de Santo Amaro, uso de droga trouxe consigo mais violência doméstica.

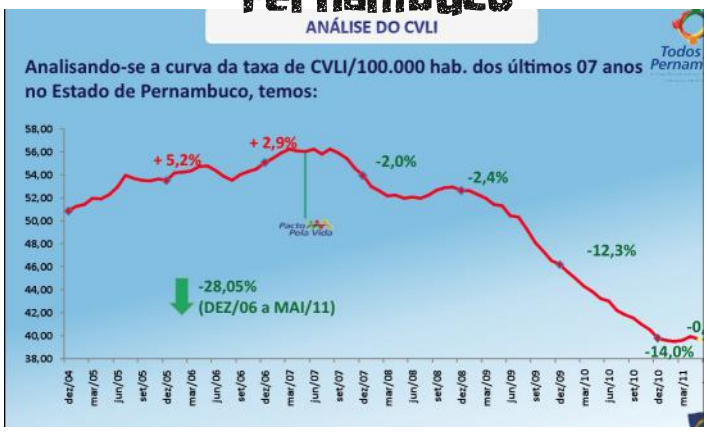
Aqui, queremos analisar as ações de prevenção de violência já presentes

nas favelas pesquisadas, tanto de atores do Estado como os da sociedade civil, na luz do debate sobre o que "realmente" aconteceu em Santo Amaro e Campo do Onze. Os resultados foram surpreendentes para nós: há cinco anos, teríamos dito que as ONGs estavam desempenhando um papel importante na redução da violência e o Estado como uma causa da violência. Hoje, este contraste não é tão evidente.

NOVAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SEGURANÇA

Antes de 2007, o estado de Pernambuco, embora tido um dos mais violentos no Brasil, nunca teve uma política de segurança pública. Ações sim, mas jamais uma política coerente para pensar a segurança dos cidadãos do estado. Quando Eduardo Campos foi eleito governador em 2007, esse chamou José Luiz Rattón, agora professor de sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, para responder à necessidade de uma política do estado.

Homocidios por ano, Pernambuco



Fonte: Pacto pela Vida

Sabendo que grande parte do problema era a falta de comunicação entre os diferentes atores no campo, Rattón convocou um diálogo em todas as partes do estado sobre o que deveria ser esta política. Uma ONG de delegados policiais preocupados com os direitos humanos já tinha chamado Rattón a pensar o problema junto com eles; mas o professor reuniu-se também com o Ministério Público, juízes, Guardas Municipais, movimentos sociais, e a sociedade civil em geral, para uma série de debates sobre a estrutura de segurança.

Segundo Luiz Ratton, o plano enfocou no "longo prazo", visando reduzir o número de homicídios de 12% por ano, até chegar no promédio brasileiro, e ao final, até as metas das Nações Unidas. A estratégia do estado enfou nas seguintes ações:

1. Ênfase no homicídio e crime contra a vida: Os melhores delegados foram transferidos para novas delegacias especializadas em homicídio

e perícia, e receberam mais recursos para descobrir culpados por crimes contra a vida.

2. Acabar com os grupos de extermínio: Grande número de homicídios em Pernambuco são feitos por grupos de extermínio contra "marginais", ou os que têm dívidas. Nos primeiros anos, combater a ação destes grupos conseguiu a meta de 12% de redução de assassinatos.
3. Reforma Burocrática: A política de segurança foi transferido da Secretaria de Segurança Pública para a Secretaria de Planejamento, que tem controle sobre o orçamento do estado. Desse jeito, a política podia ser mais flexível.
4. Criação de AIS (Áreas Integradas de Segurança), que permitiu monitorar níveis de crime em cada região, enfocar recursos no lugares precisos, e criar políticas de segurança particulares a cada região.
5. Re-orientação da política social para a prevenção da violência: Colaboração com escolas, bolsas e outros programas do governo para promover uma novo jeito de pensar os programas sociais.
6. Comitê Gestor: se criou semanalmente uma reunião de todos os atores que trabalham com a segurança pública, desde delegados e secretários até grupos sociais, onde o grupo avalia as estatísticas e promove novas ações.

Estatasticas usadas pelo Pacto para avaliacao e Planejamento

ANÁLISE POR ÁREA INTEGRADA DE SEGURANÇA (AIS)

Tabela 1: Números absolutos e taxas de crimes violentos letais intencionais (CVLI) por Área Integrada de Segurança (AIS) – Pernambuco (2009 e 2010) – Março.

	Números absolutos (março)			Taxa no período* (março)		
	2009**	2010	Diferença	2009**	2010	Variação (%)
AIS-1 (Sto Amaro)	4,5	4	0	5,2	4,6	-12,0%
AIS-2 (Campo Grande-Iputinga)	10,1	8	-2	3,3	2,6	-21,8%
AIS-3 (Boa Viagem-Ibura)	14,6	17	2	3,7	4,3	15,1%
AIS-4 (Afogados-Tejipió)	20,2	16	-4	4,9	3,8	-21,8%
AIS-5 (Monteiro-Guabiraba)	16,9	19	2	4,5	5,0	11,5%
AIS-6(Jaboatão-Moreno)	38,2	35	-3	5,1	4,6	-10,2%
AIS-7 (Olinda)	21,3	27	6	5,4	6,7	25,3%
AIS-8 (Paulista-Itamaracá)	27,0	26	-1	4,7	4,5	-5,4%
AIS-9 (Camaragibe-São Lourenço)	7,9	9	1	3,3	3,8	13,5%
AIS-10 (Cabo-Ipojuca)	14,6	10	-5	6,1	4,1	-32,5%
AIS-11 (Nazeré-Carpina)	16,9	12	-5	3,4	2,4	-28,8%
AIS-12 (Vitória de Santo Antão)	14,6	14	-1	4,0	3,8	-4,5%
AIS-13 (Palmares)	16,9	8	-9	3,9	1,8	-52,8%
AIS-14 (Caruaru)	21,3	35	14	3,6	5,8	62,1%
AIS-15 (Pesqueira-Belo Jardim)	9,0	9	0	2,9	2,9	-0,5%
AIS-16 (Limoeiro-Surubim)	9,0	12	3	2,8	3,8	33,4%
AIS-17 (Sta Cruz Capibaribe)	10,1	17	7	4,6	7,6	64,0%
AIS-18 (Garanhuns)	12,4	16	4	2,5	3,2	28,7%
AIS-19 (Arcoverde)	11,2	14	3	3,6	4,4	23,3%
AIS-20 (Afogados Ingazeira)	2,2	4	2	1,3	2,2	77,3%
AIS-21 (Serra Talhada)	4,5	9	5	2,5	5,0	98,7%
AIS-22 (Floresta)	4,5	5	1	3,1	3,4	9,7%
AIS-23 (Salgueiro)	3,4	0	-3	2,5	0,0	-100,0%
AIS-24 (Araripina)	10,1	3	-7	3,3	1,0	-70,7%
AIS-25 (Cabrobó)	3,4	2	-1	3,2	1,9	-41,5%
AIS-26 (Petrolina)	7,9	9	1	2,5	2,7	11,2%

(*) Por 100 mil habs.
(**) Média mensal de CVLI em 2009.
Fonte: Infopol/GACE/SDS-PE.

Fonte: Pacto pela Vida

Segundo ainda o mentor do projeto, com estas reformas, nos últimos 5 anos, a taxa de homicídio caiu um promédio de 12% por ano.

Metas do Pacto pela Vida 2011-2012

1. Implementação de *A*gentes Comunitárias nos bairros
2. Melhoramento de Correção Policial (Internal *A*ffairs)
3. Redução de *A*busos Policiais
4. Melhoramento da relação

No ano de 2011 iniciou-se uma nova etapa do projeto, onde cada comunidade terá um Agente Comunitário do Pacto pela Vida, um canal de comunicação entre as comunidades e o Comitê Gestor. Estes agentes mobilizarão ações comunitárias e transmitirão as queixas e denúncias da comunidade (sobre crime, violência policial, etc) aos órgãos políticos. Ainda em 2011 continua e reforma policial, com treinamento em direitos humanos, e na correção policial (*internal affairs*). Rattón reconhece algo que os moradores das comunidades afirmam: que o Pacto pela Vida reduziu o número de homicídios, mas ainda não reformou a relação entre policiais e comunidade, uma relação ainda definida pela violência e revolta.

Muitas pessoas na sociedade civil, entre elas quase todos os líderes das ONGs entrevistadas, têm dúvidas sobre o Pacto pela Vida, e não acreditam no seu compromisso com os direitos humanos ou a mudança social. Igualmente, nas favelas, a maioria dos moradores segue percebendo a polícia como o fonte principal da violência. As mudanças de política que reduziu grupos de chacina e de limpeza social ainda não chegaram a mudar o comportamento dos policiais que trabalham nas favelas.

Porém, teoricamente ao menos, se pode afirmar que o Pacto mostra um compromisso do Estado de Pernambuco em pensar a violência com seriedade, e o projeto vai realizando as metas principais de redução de número de homicídios; parece não ter fracassado totalmente, como aconteceu em Rio de Janeiro em 2000, um desastre que incrementou o cinismo de muitos sobre a possibilidade de mudança nas políticas do estado. Entre os anos 2011-2013, com a implementação dos Agentes Comunitários e a reforma policial, serão críticos; será um teste muito maior do que tem acontecido até agora.

Muitas outras ações dos governos federal, estadual, e municipal agora justificam-se com um discurso de prevenção de violência ou construção de paz, mas consideramos que foi mudada a justificativa, sem grandes

Em 2000 o sociólogo Luiz Eduardo Soares foi convidado a criar uma nova política de segurança púublica para o Rio de Janeiro. Seu projeto, muito mais radical que o do Pacto pela Vida, ameaçou interesses dos policais corruptos. Na ocasião, o governador do RJ não apoiou Soares quando esse recebeu ameaças de morte. Depois de 18 meses de trabalho, Soares buscou exílio político em Nova Iorque para escapar dos policiais.

Uma das primeiras ações tomadas por José Luiz Rattón quando foi convidado a fazer um plano de segurança púublica para Pernambuco, foi conversar com Soares, para evitar erros já cometidos no RJ.

mudanças de prática dos programas. Pelo geral, tanto os jovens quanto os seus pais não tinham boas opiniões sobre os seguintes programas:

1. Segundo tempo: Esporte para promover a convivência, e para integrar o jovem no mercado de trabalho. Alguns adolescentes notaram que as atividades acontecem na base militar, onde poucas pessoas do público alvo sentem-se confortáveis.
2. Centros de Juventude: Cultura, incluindo rap e hip-hop, para prevenir a violência e a criminalidade Quase todos os entrevistados notaram que tem um policial como guarda no portão, cadeado. Alguns participam, e um jovem que a gente conhece é professor de rap lá, mas a maioria dizem que participam, em grande parte, pela bolsa de 100 reais/mês que recebem.

Em alguns grupos focais, moradores das favelas opinaram que os programas da prefeitura são mal administrados e que tratam os jovens como criminosos. Porém, segundo os educadores de ONGs locais, o problema maior são as bolsas que os adolescentes ganham para participar. "Antes," disse um educador do Galpão Santo Amaro, "os garotos tocavam tambores ou dançavam porque era divertido. Gostavam. Agora perguntam: 'Tem bolsa? Quanto?' Essa coisa de bolsas faz com que só participem do que é bom para eles, se o governo pagar. Se não, não o fazem."

Ações da Sociedade Civil

Todas as ONGs entrevistadas fazem projetos de prevenção de violência ou construção de paz, em alguns casos projetos muito bonitos, com protagonismo infantil no centro da ação. Shine a Light tem investido muito no mix de cultura e educação popular que surgiu de Recife nos anos 90, promovendo algo que já forma parte do trabalho das ONGs mais criativas de América Latina.

A Crise nas ONGs de Recife

Entre as ONGs entrevistadas, quase todas estão sofrendo crise. Entre as mais preocupantes:

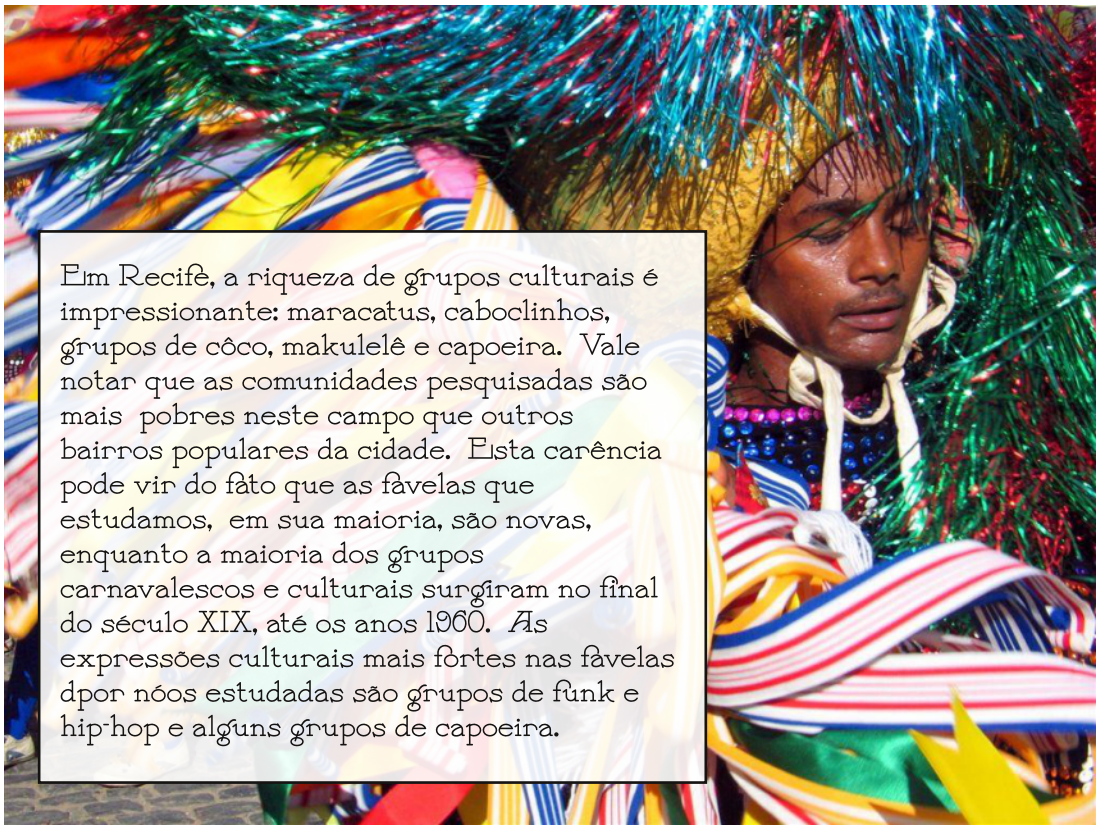
1. Uma ONG sempre inovadora no uso da cultura na educação popular, não tem dinheiro para pagar os salários. Todos os 15 educadores estão trabalhado como voluntários.
2. Uma das mais importantes ONGs que trabalha com meninas, pela profunda crise financeira teve que vender duas de suas três casas para poder seguir o trabalho.
3. Várias das ONGs tradicionais de Santo Amaro limitaram seus serviços drasticamente. Uma delas funciona só sábado, e outra estava fechada por váarios dias na semana.
4. Uma importante articuladora de trabalhos com a infância de rua fechou as portas.

Um dos problemas enfrentados pelas ONGs tradicionais é que não sabem como conseguir recursos dos novos doadores. Em alguns casos, estes problemas tem a ver com a saída da cooperação internacional e com a supervalorização da moeda brasileira. Mas também as crises financeiras tem grande motivaçãao na crise metodologica e poliiticos que sofrem tais instituições.

Para a maioria das ONGs, o marco teórico que enquadra o seu trabalho de redução de violência é "afastar a criança dos perigos da rua," um lema que surgiu como parte da luta contra a moradia de meninos nas ruas nos anos 1990, e que foi transferido para prevenir a participação nas gangues e outros grupos violentos. Como se verá a seguir, consideramos que as práticas que surgem dessa proposta têm, em grande parte, um resultado complexo e em alguns casos negativo para as comunidades.

Para algumas das ONGs, o projeto contra a violência é simplesmente "tirar as crianças da rua", mas outras, especialmente em Santo Amaro, fazem algo mais proposital. O Galpão Santo Amaro, por exemplo, capacita jovens para serem "multiplicadores de paz." Aprendem a falar em público, a entender o contexto da violência, e depois irem às escolas e outras ONGs para dar aulas. No AACA, as crianças aprendem técnicas especiais para resolver conflitos sem violência, falando dos problemas e convidando os outros a falar. O PDA, em Chão de Estrelas, tem um projeto parecido. O enquadre do protagonismo infantil que estrutura esses projetos é interessante, mas como não

Creches em Santo Amaro



Em Recifê, a riqueza de grupos culturais é impressionante: maracatus, caboclinhos, grupos de côco, makulelê e capoeira. Vale notar que as comunidades pesquisadas são mais pobres neste campo que outros bairros populares da cidade. Esta carência pode vir do fàto que as favelas que estudamos, em sua maioria, são novas, enquanto a maioria dos grupos carnavalescos e culturais surgiram no final do século XIX, até os anos 1960. As expressões culturais mais fortes nas favelas dpor nóos estudadas são grupos de funk e hip-hop e alguns grupos de capoeira.

tivemos oportunidade de ver os multiplicadores em ação, não ousamos fazer uma avaliação.

O Grupo Pé no Chão apresenta uma reflexão mais completa sobre como o seu empenho combate à violência. Segundo Jocimar Borges, fundador de Pé no Chão, tem jovens de comunidade que vão se tornar líderes; influirão em como o resto da comunidade vê o seu mundo e age nele. Através de dança, percussão, breakdance, rap, e outras artes afros e urbanas, Pé no Chão capta estes futuros líderes para a causa da cidadania e da paz; também fundamental neste processo é a oportunidade que os adolescentes têm de apresentar sua arte em público, tanto nas escolas e ruas de Recife, como em palcos na Europa. Com este reconhecimento e oportunidade de poder transformar seu mundo, aprendem a ser líderes civis.

Nesta ação do Pé no Chão, é muito importante como jovens artistas tornam-se referência para crianças nas comunidades. Um dos pesquisadores deste estudo, um artista de destaque no Pé no Chão e na cidade, falou que quando aparece na televisão fazendo uma entrevista ou uma performance, crianças do seu bairro o chamam na rua para conversar, perguntar como podem aprender a dançar ou ser ator. O pesquisador revelou a mudança na sua vida: "Antes, as mães falavam: não ande com aquele menino não. Mas agora dizem: vai dançar com ele, que vai ensinar muito pra vocês."

> "Quando eu era pequeno, tinha os movimentos revolucionários e um jovem com raiva podia fazer algo com a revolta. Agora só tem o tráfico para dar reposta à essa revolta."
>
> Depoimento de um coordenador de ONG local.

Neste sentido, Pé no Chão canaliza o desejo de reconhecimento, para que os jovens sejam reconhecidos como artistas e líderes. Mas igualmente importante é a canalização da revolta. Segundo Borges, "Quando eu era pequeno, tinha os movimentos

revolucionários, e um jovem com raiva podia fazer algo com essa revolta. Agora só tem o tráfico para dar reposta à revolta." Porque os garotos e as garotas em Pé no Chão podem usar a sua capacidade artistica para denunciar a injustiça – e sentir que a sua ação faz diferença – têm a oportunidade de canalizar a revolta.

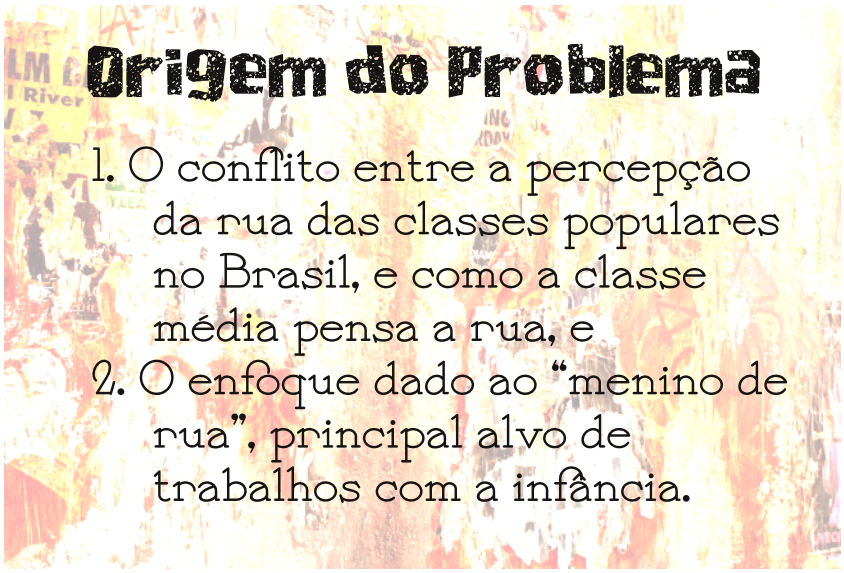
Os bairros pesquisados apresentaram bom número no que se refere a sociedade civil organizada: com sete ONGs, três escolinhas de futebol e três programas do governo, o complexo de Santo Amaro-Campo do Onze, por exemplo, deve ser um dos bairros com mais sociedade civil em Recife. Nas favelas pesquisadas, têm organizações grandes e mais tradicionais, como o PDA e a AACA, grupos que realmente surgem da base, como Daruê Malungo, Galpão Santo Amaro, e Peixe-arte, e grupos de vanguarda, como Pé no Chão. Se fossemos perguntar sobre quais cidades tem a sociedade civil organizada mais interessante e forte na América Latina, Recife seria próximo ao topo da lista.

Foi surpreendente, no entanto, entender que a sociedade civil, embora com interesses de paz e sem o querer, mantem um contexto que permite a violência, ou melhor dizendo, que efetivamente não conseguiu criar alternativas de mudança desse contexto.

Quase todas as ONGs entrevistadas, vale dizer, exercem um papel imprescindível nas comunidades onde trabalham. Esta análise não é uma crítica a nenhuma ONG, mas à práticas que se desenvolveram entre muitas organizações, e que, em conjunto, formam parte da base de um problema nas favelas. Com algumas ONGs fazendo um trabalho de ponta com artes e cultura, e outras ONGs dedicadas a "afastar a criança dos perigos da rua," as ONGs de base exerceram pouca atividades nas ruas das favelas e formaram líderes juvenis com poucas oportunidades no mundo fora da favela.

A RUA (NAO) E "PROBLEMA"

Embora muitas crianças entendam desde muito cedo o prazer, a alegria e o valor da rua para o seu desenvolvimento, e por outro lado saibam bem dos cuidados que devem tomar nessa, a rua tornou-se, em muitos contextos, o lugar do perigo. A noção da rua como problema tem duas fontes: 1) o conflito entre a percepção da rua da classe popular no Brasil, e como a classe média pensa a rua; 2) o enfoque sobre o "menino de rua" como o principal alvo de trabalhos com a infância.



Graças à perspectiva de classe média e o enquadre de apoio das agência de cooperação, muitas ONGs passam a entender a rua como um lugar de perigos, marcando o trabalho dos programas sociais como o que auxilia a "afastar a criança da rua." Como conseqüência, a sociedade civil abdica da rua como espaço de encontro, e alimenta a idéia, tanto fisicamente como simbolicamente, de que a rua é ocupada ou lugar onde está o mal, criando uma espécie de criminalização de um espaço essencial de convivência e socialização. Na realidade estas ONGs, ao invés de lutarem contra a violência, não ocupando as ruas, alimentaram a idéia de que essa é um espaço onde só tem coisas ruins acontecendo; fehcaram-se para a dualidade do mundo da rua; sendo a rua frequentada por pessoas muito diferentes nela acontecem coisas ruins e boas, lícitas ou ilícitas.

Algumas ONGs tampouco perceberam que a rua mesma pode ser transformada. Um dos pesquisadores associados dessa pesquisa que vive em Santo Amaro, afirmou que antes as ruas do seu bairro eram vistas pelos moradores como espaco de conflito (pelo uso constante dos becos e vielas pelos narcotraficantes), onde era quese obrigatório comportar-se de modo agressivo para poder estar lá, e agora, diz que a rua passou a ser vista e vivida enquanto espaço onde tambem se pode trocar gentilezas, de convívio pacífico, e não somente onde se deve xingar o outro.

Para mais informaçãao sobre a relaçãao entre casa e rua, veja, Roberto da Matta, *A Casa e a Rua*, RJ, Rocco, 1997.

Para a classe popular no Brasil, a rua é um lugar de socialização, brincadeiras, e educação, e como sugere DaMatta em *A Casa e a Rua*, muitas vezes um extensão muito importante da casa. Como se escuta no ditado popular, "a rua é a sala do pobre." Crianças brincam na rua, jogam bola, e passam tempo com seus irmão maiores, aprendendo como criar segurança e autonomia vagarosamente. Porém, para a classe rica no Brasil, a rua tornou-se um lugar de perigo e sujeira, onde o "bom menino de casa" pode encontrar-se com doenças, práticas indesejadas, e com as classes perigosas. No contexto internacional, "menino de rua" inspira um sentimento de pena e caridade, mas para um rico brasileiro, "menino de rua" é primeiro uma categoria de delinqüente e marginal, em contraste com o bom "menino de casa."

Em alguns casos, como o do AACA (Associação de Apoio a Criança e ao Adolescente) em Santo Amaro, esta dicotomia entre casa e rua vem diretamente da classe média, e em outros casos, vem dos cursos de assistência social. Dando aula na Universidade Federal de Pernambuco em 2002, era muito claro que os alunos estudando serviço social já tinham, e receberam mais ainda, uma formação que os incutia estes valores. Porém, o problema também provém em grande parte da cooperação internacional, e nossa (usamos a primeira pessoa conscientemente) ênfase na categoria do "menino de rua" como critério de apoio a ONGs. Já que a cooperação internacional deu prioridade aos trabalhos com os chamados "meninos de rua" depois dos eventos trágicos da Candelária em Rio de Janeiro em 1993; assim, todas as ONGs sabem que têm chance maior de ganhar apoio se dizem que estão trabalhando essa questão. Com o número de meninos e meninas que dormem na rua em queda, ou melhor dizendo, com pesquisas que mostram o erro metodológico da contagem (crianças tidas como "de rua" são, em verdade, crianças que ocupam a mesma para trabalhar ou para dormir temporariamente), trabalhar na prevenção de que uma criança vivesse na rua tornou-se o chavão do trabalho, e o marco teórico do trabalho com a infância transformou-se em "'afastar' a criança da rua."

Para exarcebar ainda mais esta divisão, algumas ONGs com sede nas favelas trancam o portão com cadeado e só os funcionários podem abrir. Simbolicamente, torna-se evidente que a rua é perigosa e a criança frágil. Devem se evitar a estada dessa na rua.

Para a política de redução do número de meninos e meninas que faziam da rua seu lugar de moradia, esse enfoque parece ter em parte funcionado. Como marco teórico para o desenvolvimento comunitário, foi um fracasso total. Em grande parte, esta falha surge da incapacidade de distinguir as ruas do centro da cidade das ruas do bairro, e o "morar na rua" do "habitar a rua". Habitar, brincar, e aprender nas ruas da favela é e sempre era uma parte essencial da infância popular brasileira e a política de "afastar a

> Alguns traficantes entrevistados falaram que não querem que seus filhos entrem no tráfico e quando podem dar conselho às crianças, dizem para não seguirem seu exemplo.

criança da rua" ignora a idéia e o uso desse espaço como habitat.

Como sabem todos os que trabalham com educação, tornou-se obrigatório a distinção entre os "bons garotos" e os "moleques" ou "menores", classificando-os e dividindo-os. Tanto nas ONGs quanto nas famílias, esta divisão impôs-se à crianças que assistem programas sociais e ONGs, e por outro lado, à crianças que "vagam pelas ruas". Muitas vezes sem se dar conta, algumas ONGs que tem sedes nas favelas, trancavam o portão com cadeado que só os funcionários podem abrir, alimentando ainda mais esta divisão. Simbolicamente, torna-se evidente que a rua é tão perigosa e a criança tão frágil, que só grades podem as defender desse perigo. Crianças deveriam estar ocupadas dentro dos prédios das ONGs, enquanto as ruas pareciam serem ocupadas pelos que "não queriam nada com a vida". Falando com líderes comunitários das favelas, esses descreveram um equilíbrio tênue entre "cair pelo lado do mau" ou "cair pelo lado da cultura" (entendido em Recife como "bom caminho" por ocupar a pessoa e criar possibilidades de socialização e trabalho), mas essa "queda" depende, segundo os informantes, muito dos amigos e das circunstancias, mais que do fato que alguém é bom ou ruim, por excelência.

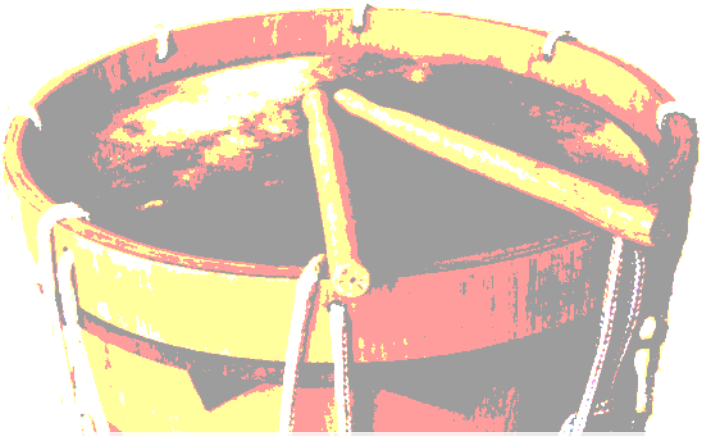
Ainda mais importante é o papel que têm crianças pequenas com sua presença nas ruas. Não por ser "do bem" nem "do mal," mas simplesmente porque todos querem proteger as crianças; adultos e adolescentes comportam-se diferente quando as veêm brincando nas ruas. Os traficantes que entrevistamos admitiram que não querem que seus filhos entrem no tráfico; disseram que quando podem dar conselhos às crianças, a primeira coisa que dizem é que devem estudar e "botar a cabeça no lugar", ou seja, não seguir o caminho que seus pais seguiram. Por isso, na presença de crianças, o tráfico e a violência associada com ela, se apazigua. A presença das crianças como seres cuja inocência todo mundo deve proteger, funciona para re-construir a vergonha e algumas normas culturais perdidas no tráfico. Porém, se as crianças estão trancadas atrás dos portões das ONGs, não podem exercer o papel transformador da rua.

As ONGs não são os únicos atores dentro das favelas que construíram a divisão entre a casa (ou sede da ONG) e a rua, nem os únicos que afastam as crianças dos perigos das ruas. A violência da polícia e das gangues é um fator muito mais importante na divisão semiótica entre a casa (boa e segura) e a rua

(fisica e moralmente perigosa). Quando surgem rumores de violência policial, a primeira coisa que fazem as mães é correr para a rua para trazer os seus filhos para a casa, e com razão. A mídia, com as manchetes de sangue, também tem esse papel. Porém, o papel das ONGs na formação de opinião, e no lugar que habitam as crianças no seu dia a dia, é essencial, especialmente porque elas são mais acessíveis (ou dizem ser) aos grupos familiares que a estado e uma mídia sensacionalista.

CAPACITACAO DE LIDERES

Inconscientemente algumas ONGs contribuíram ao fato que a rua é ocupada pelos traficantes e grupos organizados. Outras ONG, também com as melhores intenções, criaram outro problema: um grupo de jovens inteligentes, já não mais conformado com a opressão, com talentos e capacidade de liderança que estão vivendo num mundo onde não podem usar estes talentos para ganhar reconhecimento ou dinheiro para eles e para suas famílias. Assim, alguns deles acham no tráfico, mesmo que temporariamente, um lugar para desempenhar a liderança e o empreendedorismo que aprenderam nas ONGs.



A maioria dos garotos e garotas do Grupo Pé no Chão dizem que no futuro querem ser "Educadores", e no Grupo Daruê Malungo querem ser "Artistas."

Para analisarmos este problema, primeiro temos que entender como se limitou a possibilidade de resistência no Nordeste brasileiro. É um dos lugares mais desiguais no planeta, onde a injustiça é tão descarada que ninguém procura esconder. "O rico toma conhaque, o pobre toma Pitu; o rico toma no copo, o pobre toma no ...," para citar a letra de uma música que tocava um adolescente que ganhava dinheiro tocando triângulo nos ônibus de Recife. Para um jovem que cresce no sertão ou na favela de Pernambuco, uma lição importante será como conformar-se com a triste e injusta realidade. Esta dinâmica normalmente controla a possível violência dos jovens.

Um dos trabalhos mais importantes de muitas ONGs de base tem sido a quebra desta

normalização da opressão. Através da cultura, da dança, da narração, e da educação popular, aprendem a desejar e a sonhar, a ver que o mundo pode ser melhor para eles e para suas famílias. As crianças e os adolescentes veêm que existem outras alternativas de vida que trazem mais reconhecimento e dinheiro. Perguntando à maioria de garotos que frequentam a ONG Pé no Chão que profissão desejam desempenhar, disseram "Educador", e na ONG Daruê Malungo, disseram que querem ser artistas.

O problema essencial é que abrem poucos espaços de trabalho para artistas e educadores no Recife; existem mais garotos capacitados que vagas. E embora Recife tem mais oportunidades para artistas que a maioria das cidades do mundo graças ao investimento da prefeitura na cultura de carnaval e outros eventos grandes, também não é uma alternativa para tantos jovens. Nesse contexto, os jovens mais hábeis encontram oportunidades novas nas artes, e servem de modelo e referência para outros garotos, um passo chave na construção de paz nos bairros. Porém, os garotos que são muito bons, mas por algum motivo não conseguem se inserir nesse mercado de trabalho, deixando de lado o sonho de ser professor ou artista. Por isso também, muitos deles migram para o exterior em busca desse lugar.

ONGs como Pé no Chão, Daruê, e Peixe-arte também oferecem uma formação em liderança, política e ética. Os alunos aprendem a perder a vergonha e a timidez que também formam parte da subjetividade da opressão nas favelas. Nos grupos, aprendem a organizar o tempo e as pessoas. Nos shows e apresentações, aprendem a falar com pessoas de outras classes sociais ou outros países. Todos são talentos importantes que servem de base para uma nova sociedade civil mais justa. Mas com 15-16 anos, quando já não basta o reconhecimento que recebem nos shows junto com o grupo, quando começam a buscar emprego e veêm que têm poucas alternativas especialmente no campo onde querem trabalhar, experimentarão outro motivo de revolta: o que sonharam há muito tempo parece-lhes impossível.

Daí a imagem do "otário" [bobo, idiota], uma categoria que se encontra em favelas em quase todo Brasil. Alguns acadêmicos dizem que o a ética do otário está em contraste com a do bandido. Chamar alguém de otário é uma espécie de insulto que os "caras da vida errada" dão para os trabalhadores honestos. O que notamos nesta pesquisa é que o etário não é o oposto ao bandido, mas sim o oposto ao autônomo. O etário é quem conforma-se com a triste e injusta realidade da vida, abandonando seus sonhos para poder sobreviver, dar comida para a sua família. As boas ONGs de arte, catalizam um sonho onde é possível escapar da vida de otário, sem entrar no

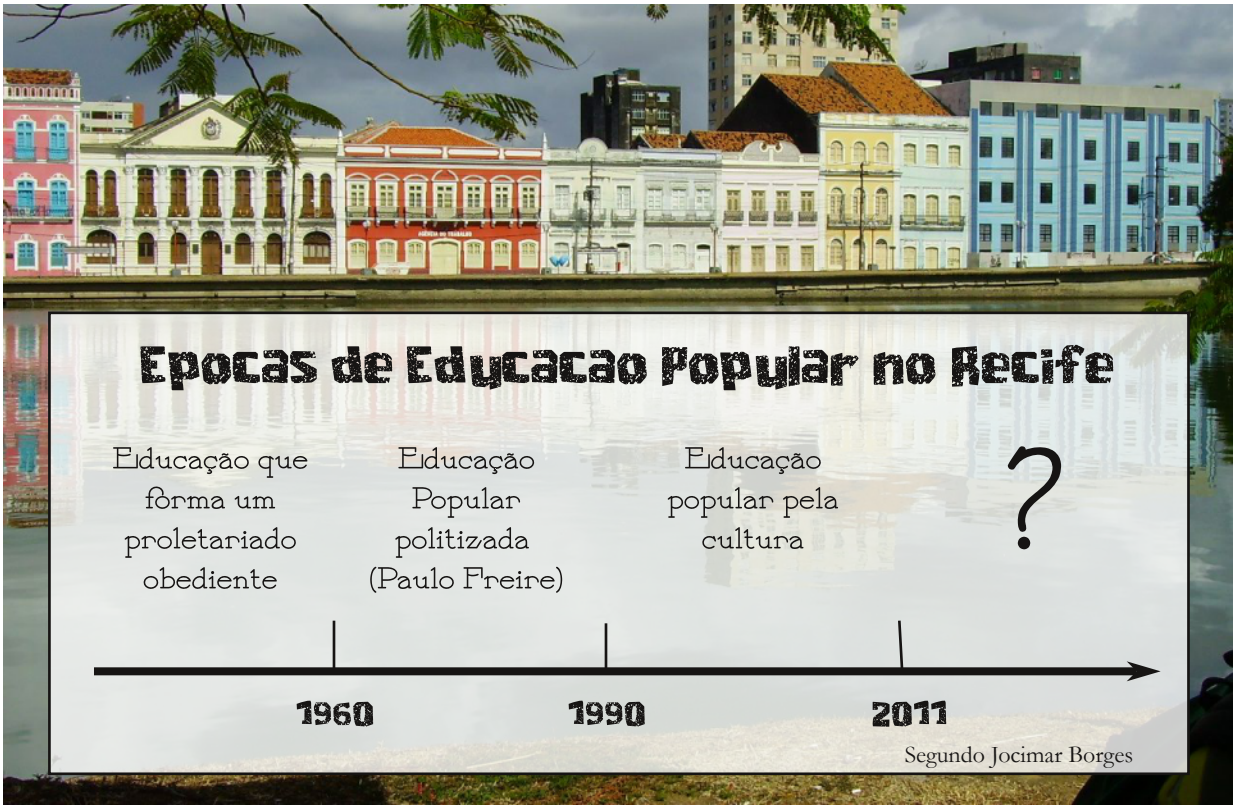
Otário: adj. Quem ou o que se deixa enganar fàcilmente, ingênuo, simplório, bobo. Do Lunfardo: homem ingéenuo, de boa fè.

Zaluar, Alba. *Condomínio do Diabo.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1994

tráfico. Quando o jovem começar a querer ganhar seu sustento, verá como é difícil este sonho.

Este estudo não pesquisou um grupo bastante grande para oferecer estatísticas confiáveis sobre o porcentagem de traficantes ou líderes do tráfico que participaram nas ONGs; para levantar bons dados, precisaria de um censo de traficantes, o que esta pesquisa não objetivou. Porém, a existência de donos de boca ou de vendedores que participaram em ONGs culturais são uma realidade e trazem preocupação. Sem a capacidade de exercer os talentos que aprenderam nas ONGs nem o canal que essas ofereceram para expressar a revolta, o tráfico é uma alternativa para os que não acharam emprego com as artes.

Esta análise não pretende, de modo algum, culpar às ONGs, pois essas estão fazendo o certo: oferecem educação para desnormalizar a opressão e viabilizar ainda mais as capacidades de agir no mundo. Pode-se perceber um processo parecido com bons jogadores de futebol: vários traficantes entrevistados falaram que tinham sido muito bons jogadores de futebol, que



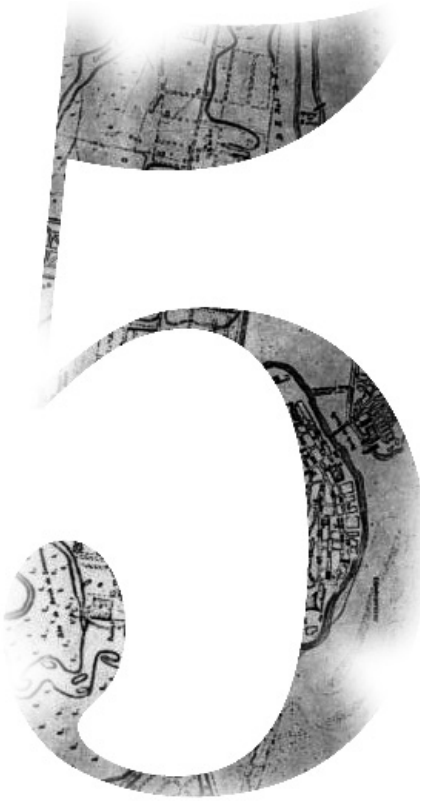
"tinha chance de ser profissional" antes de decidir entrar no tráfico. Tanto futebol quanto a cultura abrem oportunidade de sonhar, algo fundamental num contexto de opressão histórica do nordeste brasileiro.

Jocimar Borges (ONG Pé no Chão) diz que a consciência desse problema marca o fim de um período de educação popular no Recife e abre outro. Por muitos anos, a educação em Recife formava parte do sistema de controle social, para normalizar a opressão dos pobres; mas as iniciativas baseadas em Paulo Freire, natural de Pernambuco, marcam uma revolução na educação. Depois da educação popular (nos anos 1960), a meta não era mais preparar o aluno para trabalhar conformadamente no mundo que o oprimia, e sim aprender a ler o mundo criticamente e transformá-lo. As ONGs dos anos 1990 marcam uma nova etapa da educação popular, onde entende-se que dança e música são ferramentas fundamentais para alimentar a educação. Mas agora, em 2011, esse modelo também chega à sua crise com a questão econômica nas comunidades de periferia e o crescimento do narcotráfico no mundo.

Embora essa problemática do paradigma educacional não constituia parte de nossos objetivos, buscar novas formas de educação popular e um novo paradigma para usar a cultura e a educação para resistir a violência tornaram-se centrais.

5

Três Economias: Dinheiro, Informação, Prestígio



Nos transcurso da pesquisa Cartografia das Favelas, identificamos três fluxos de recursos que são essenciais para o funcionamento e o desenvolvimento das favelas, fluxos que se pode analisar em termos econômicos. Primeiro, tem o fluxo de dinheiro e de bens de consumo, o que é tradicionalmente entendido como economia. Mas, igualmente importante são outros fluxos que podem ser examinados com as mesmas ferramentas: informação e prestígio.

Usamos a palavra "fluxo" porque queremos entender o sistema semi-fechado das economias faveladas, em que alguns recursos entram de fora da comunidade, muitos recursos que circulam dentro da comunidade, e alguns recursos que saem. Pode-se pensar esse sistema como um lago, com vários riachos que entram, um ecosistema que depende da água e os nutrientes que trazem os riachos e arroios, e um rio (ou, na realidade, vários rios) que saem. Chamaremos estas três categorias de: entrada, circulação e saída.

Já que é mais fácil pensar a economia em termos de recursos financeiros, começamos por essa, não esquecendo que a economia de informação, de prestígio e do dinheiro sobrepõem-se e dependem umas das outras.

Fluxo de Dinheiro

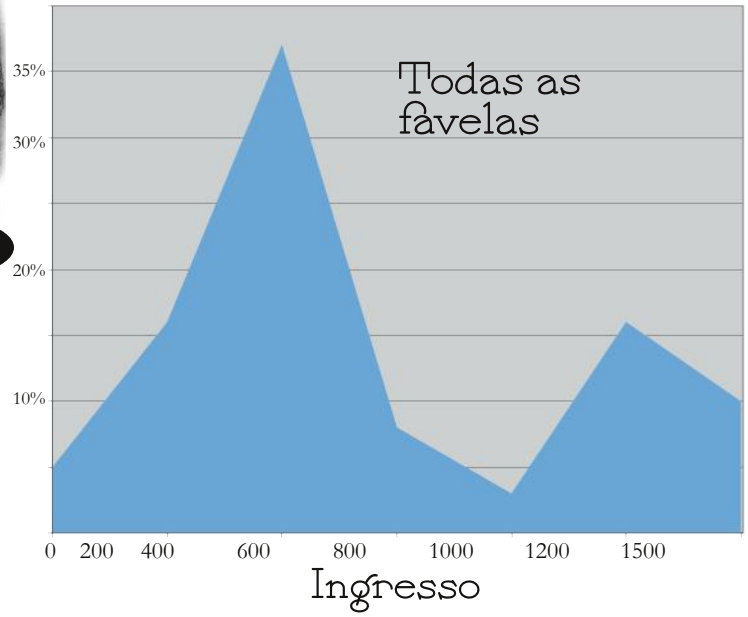
Porque a maioria das pessoas percebem a favela enquanto um lugar de carência, é mais comum pensar nos recursos que fluem de fora da comunidade para dentro; embora queremos desafiar esse senso comum, vamos começar com a entrada de dinheiro que chega na favela. Nas nove favelas pesquisadas, tem muita pouca produção nos termos tradicionais: poucas fábricas, pouca agricultura, poucas usinas. Para pensar como o dinheiro circula nas comunidades, primeiro temos que entender como chega lá.

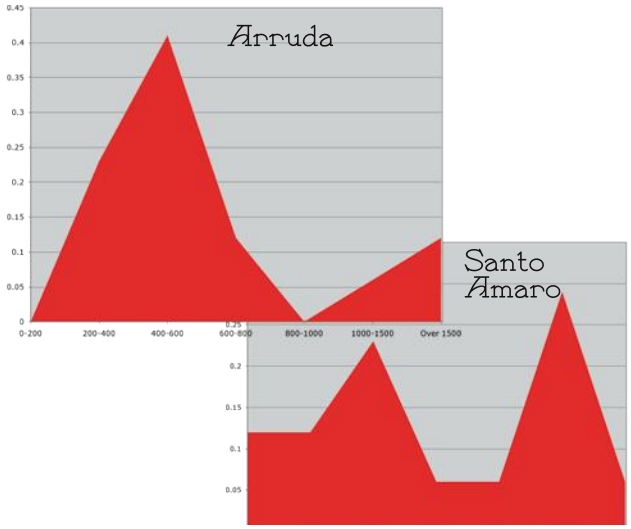
Entrada de Dinheiro

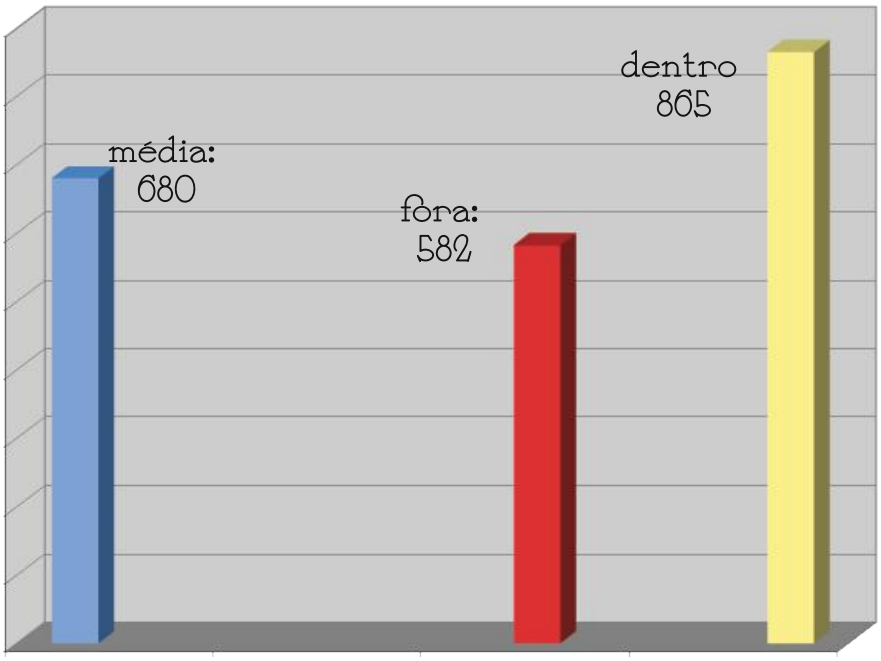
Os grandes níveis de desigualdade econômica nas favelas de Recife surpreendem. Pelo geral, os observadores da favela distinguem mais entre uma favela e outra que entre uma pessoa e outra dentro da mesma comunidade – "Água Fria agora é uma comunidade rica; quase não é mais favela", ou "Dedo no Cu, isso aí é miséria mesmo" – mas a nossa pesquisa mostra que a desigualdade dentro das favelas é muito mais que a diferença entre uma favela e outra.

Na realidade, os ingressos são extremadamente desiguais em cada comunidade: uma família que ganha R$200,00 mensais pode viver ao lado de uma família com um salário de R$2.400,00 mensais, uma diferença em ingresso

Distribuicao de Ingressos

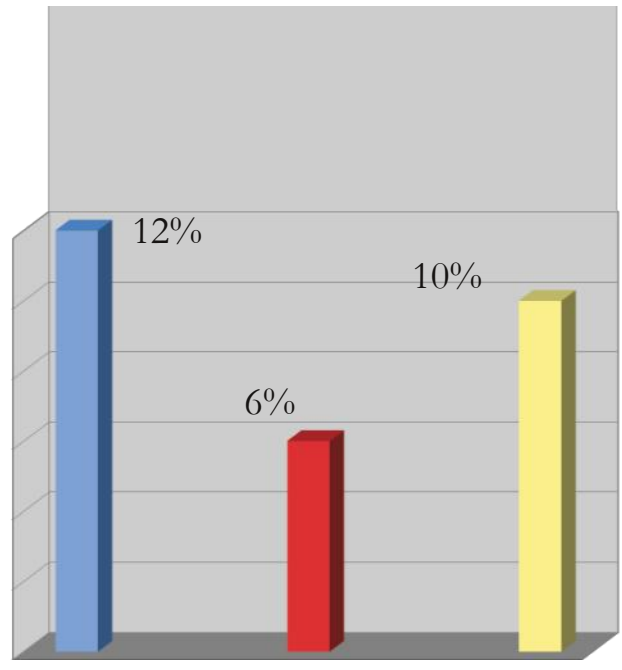


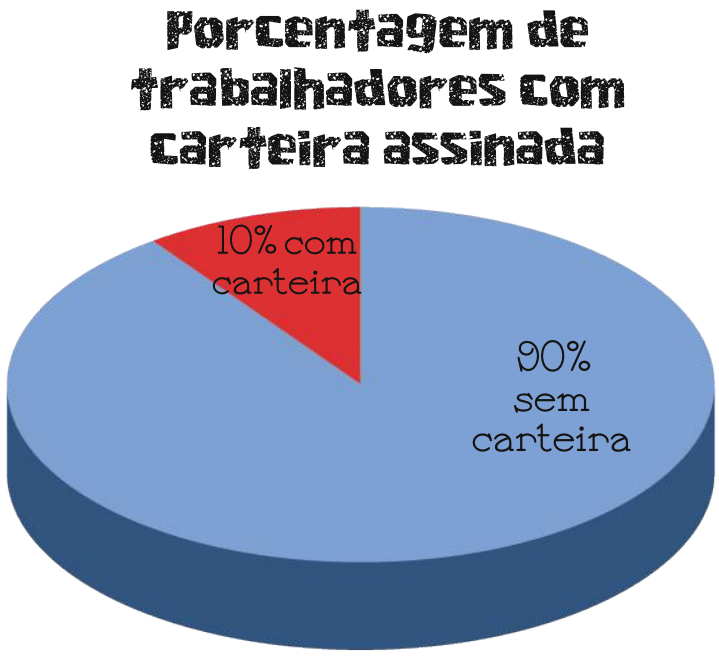




de 12 vezes. Se pensamos no contexto norteamericano, seria como se uma família abaixo da linha de pobreza ($22,000 de renda por ano para uma família com quatro pessoas) vivesse ao lado de uma família de classe alta, com um salário de $240,000 de renda anual. Com tamanha diferença de ingressos numa cultura que valoriza a igualdade, se pode entender melhor por quê existe tanta preocupação com a inveja e o olho gordo.

O que pode intensificar esta dinâmica de inveja é o fato de que muitas das profissões bem pagas trabalham dentro da favela: cabeleireiros, donos de LAN-House, e outros donos de pequenos negócios. Embora os preços cobrados nestes negócios parecem muito razoáveis (R$4,00 para um corte de cabelo), pode imaginar que as pessoas mais pobres vêem os "ricos" da favela como os que ganham o seu salário explorando os outros. Também é interessante que entre os que





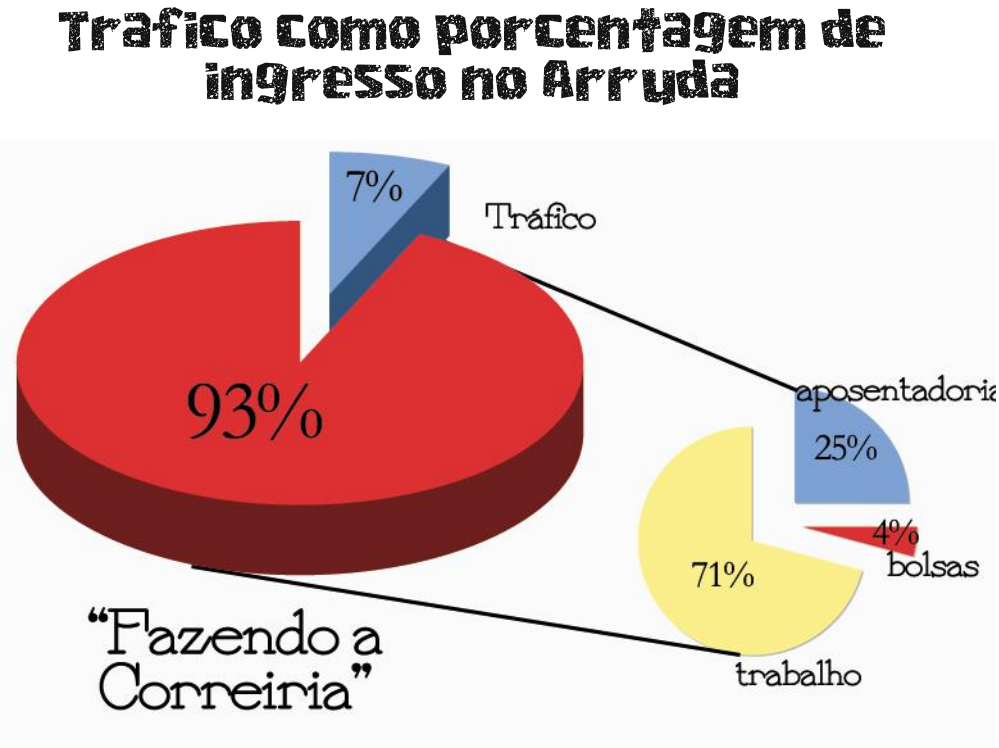
trabalham fora da favela, os artistas de rua (os que podem ganhar $1200-1500/mês) são muito melhor pagos que profissionais como mecânicos ou garçons.

A pesquisa também destaca a importância de pagamentos do governo na economia da favela. As bolsas têm um papel menos importante que tínhamos imaginado – embora algumas famílias dependam exclusivamente delas – é a aposentadoria que é essencial para a economia de muitas famílias. O dinheiro que vem de uma aposentadoria é mais alto que o salário médio na favela, e em muitos casos, a família inteira depende dele. É preocupante o pequeno número de pessoas trabalhando com carteira assinada hoje, com a ameaça que isso implica à continuidade do recurso da aposentadoria.

A mídia e o senso comum vêem o tráfico como uma atividade importante na economia da favela, mas a nossa pesquisa mostra que, estatisticamente, esse tem um papel muito pequeno. Tomamos como exemplo a favela de Arruda, onde temos bons dados.

Arruda tem uma população de 5000 habitantes, habitando aproximadamente 1100 casas. Se nossos questionários representam a média da comunidade, 50-60% destas famílias trabalham, recebem aposentadoria, ou ganham bolsas que vêm de fora da comunidades, com um ingresso média de R$530 por mês por família. Assim, o ingresso total da favela é R$291,000 por mês; isto não é, enfatizamos, um PIB da favela, que deveria também incluir a circulação de dinheiro de dentro, mas só um tipo de comércio exterior.

Se contrastamos este ingresso com o dinheiro que se ganha na boca de fumo – com 10 vendedores e alguns associados mais – vemos que um vendedor ganha R$800/mês, do qual uns



R$500 é para pessoas de fora da comunidade (o restante é de consumo interno, e cabe em outra categoria econômica). Com três bocas de fumo no Arruda, podemos calcular que os traficantes são responsáveis por R$15,000/mês. Com o lucro do dono (estimamos entre R$2500-5000), o total do tráfico é menos que R$20,000. Resulta ser só 7% do comércio exterior.

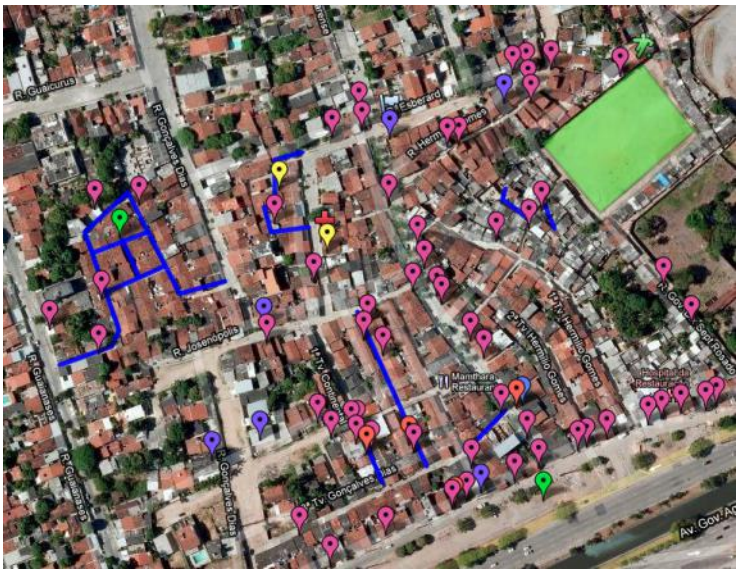
Se compararmos essa entrada de recursos na favela advinda do tráfico (que em parte é usado, segundo a pesquisa, para manter o fluxo das relações do próprio tráfico, com festas e roupas caras) com o ingresso que provem de empregadas domésticas ou reciclagem, teremos surpresas. Uma dessas surpresas da pesquisa vem da descoberta do impacto da recliclagem na economia de algumas comunidades, especialmente nas favelas na beira do Canal de Arruda. Um recliclador que trabalha todos os dias da semana, ganha R$1000 por mês, um salário maior do que um traficante ou uma empregada doméstica. Na favela de Arruda exsitem cinco compradores do material que os reclicladores coletam, e centenas de famílias ganham o seu dinheiro desta forma. O problema, segundo o chefe de uma das empresas de recliclagem (ele mesmo um ex-puxador de carrinho) não é o salário, e sim o desprezo dado ao trabalho do reciclador. Embora ganha melhor do que muitas pessoas nas favelas, são conhecidos como "mendigos" e desprezados por pessoas dentro e fora da comunidade. Os níveis de abuso de álcool e drogas são altos, e os reciladores muitas vezes usam grande parte do salário nisso.

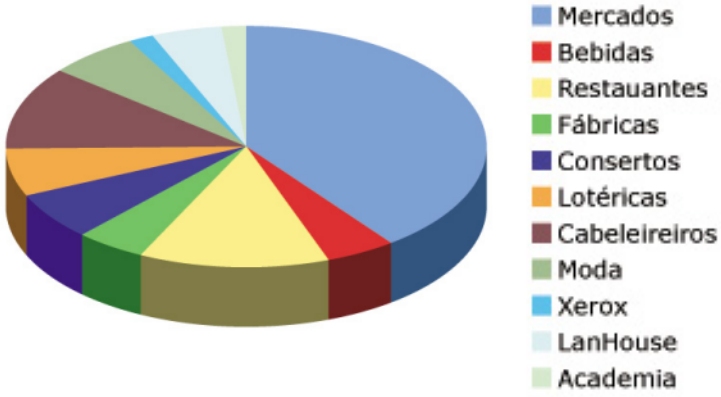
Circulacao

O trabalho fora da comunidade não é a parte mais importante da economia da favela. Só a medade das pessoas trabalham fora, mas os outros trabalham dentro da comunidade. Por isso, a categoria de circulação de dinheiro dentro da favela é muito mais importante que o fluxo que vem de fora: a maioria das pessoas compram comida, arrumam suas bicicletas, televisões e telefones; cortam seu cabelo, e ainda compram roupa e vão aos restaurantes dentro da favela. Quando um bilhete de 10 reais chega na favela, circula lá muitas vezes antes de sair.

Economistas falam do "multiplier effect" (efeito multiplicador) para entender o impacto de investimento ou gastos no produto bruto da economia. Nos textos econômicos, define-se assim: "*a factor of proportionality that measures how much an endogenous variable changes in response to a change in some exogenous variable.*" Para explicar melhor: se o governo investe um milhão de reais para fazer uma estrada, o impacto da economia da cidade não é só um milhão de reais. Os trabalhadores vão gastar seus salários na cidade, comprando comida, roupa, transporte e bens de consumo. A estrada provavelmente vai reduzir o tempo e o custo do transporte de produtos para abastecer mercados, liberando

Empresas em Xie





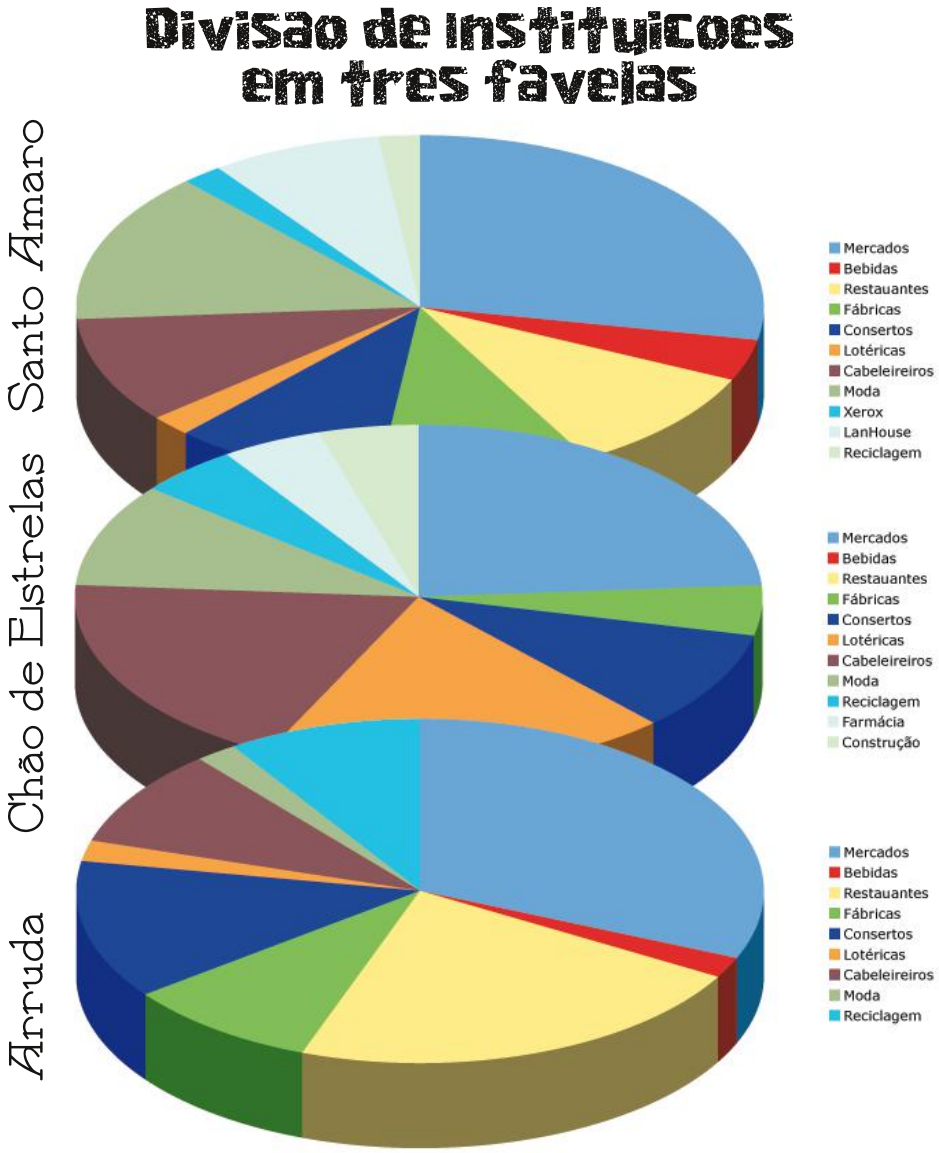
dinheiro para outras compras e tempo para outro trabalho.

Da mesma forma que o investimento público tem um multiplier effect bem grande, os salários das pessoas que trabalham fora da favela o terão. Esse dinheiro circulará muitas vezes dentro da comunidade, causando impacto muito maior que o salário indicaria.

Analizando os mapas das comunidades, veremos que grande o número e a diversidade de negócios nas favelas. Em Xié, por exemplo, uma favela pequena, há 64 negócios, com uma diversidade de serviços: quase a metade são mercadinhos e barracas, mas também têm um bom número de restaurantes e bares (8), cabeleireiros e salões de beleza (7) e lojas de roupa e moda (4). Embora esta pesquisa não tem a sofisticação econômica para postular um multiplier quotient, sabe-se que o dinheiro circula dentro da favela por um bom tempo, passando por muitos mãos, antes de sair da comunidade.

Uma indicação da força da economia de circulação dentro das comunidades pode ser percebido pelo lucro dos negócios nas comunidades. O dono de um LAN-House ou Vídeo-Game normalmente ganha ao menos dois salários mínimos, enquanto um cabeleireiro pode ganhar quatro salários mínimos. As barracas e os depósitos de bebida também podem oferecer um bom lucro para os donos, mas em muitos casos, a meta destes negócios não é sempre lucro financeiro em si. Segundo vários donos de barracas, o lucro do negócio não aparece em forma de dinheiro, mas em forma de comida que podem oferecer para as suas famílias. O velho sistema de trocas, que igualmente trás recursos àquele que oferece os serviços.

Normalmente as barracas funcionam da seguinte forma: o dono vai pela manhã a um atacado próximo à favela, onde consegue bons preços para os produtos que sabe que vai vender. Volta com a compra num carrinho de mão, e vende a 10-20% mais caro do que pagou. Os barraquistas reconhecem que a maioria dos moradores da favela poderiam fazer exatamente a mesma coisa,



poupando 20% nos gastos de comida, mas os mercadinhos seguem funcionando por vários motivos:

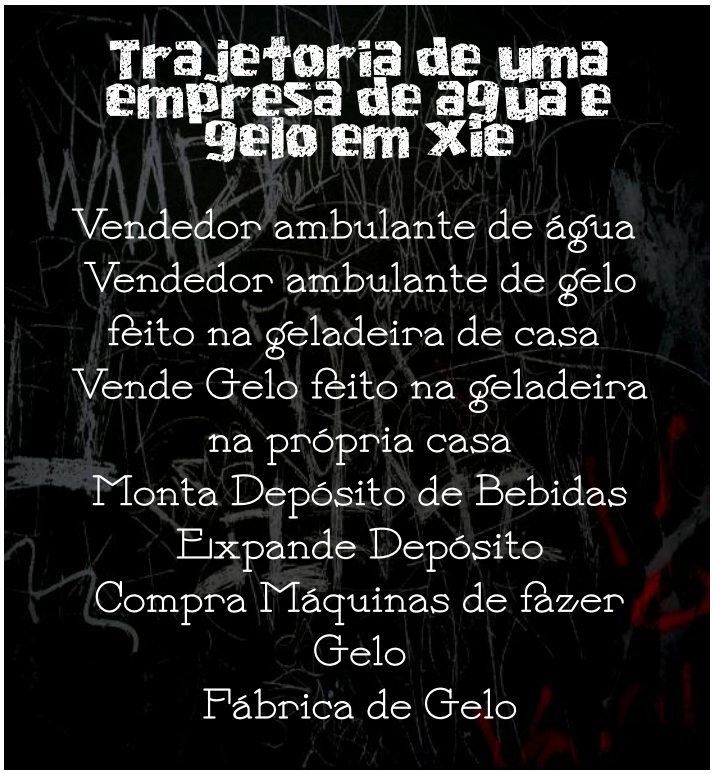
1) é muito mais fácil comprar perto de casa;

2) para comprar no atacado, tem que comprar em grande quantidade, e a maioria dos moradores das favelas não tem nem o dinheiro nem o espaço para guardar grandes quantidades de mercadorias;

3) os mercadinhos vendem fiado e permitem pagar só ao final do mês.

Vender fiado é um tema polêmico para os donos de mercadinhos. Todos conhecem vários outros mercados que quebraram por confiar em compradores não confiáveis, mas também sabem que sem esse risco, perdem grande parte da sua freguesia. Para pequenas dívidas, o sistema judiciário não oferece soluções, e os donos teriam que pedir os traficantes para recuperar o dinheiro; já que os traficantes matam por dívidas de R$5-10, os barraquistas preferem não tomar essa medida. Para resolver este problema, os donos dos mercados em Santo Amaro formam uma rede informal de troca de informações, comunicando quais compradores não pagam as suas contas ao final do mês. Estas pessoas não podem comprar fiado em nenhum mercado local.

Embora o tráfico não contribui grande parte do PIB do bairro, os traficantes têm um papel essencial na economia da favela: o controle do crime. Graças ao tráfico há muitos viciados nas favelas e alguns escolhem crime para financiar o seu vício. Embora existam normas contra roubar dentro da sua própria comunidade, a força da "nóia" das pessoas que querem o crack, vai quebrando estas normas de comportamento, e os donos de mercados e



barracos enfrentam roubos. Vendo que a denúncia dos roubos motivava a presença policial na favela – e não só a presença, mas uma ação que beneficia a comunidade, em vez de um espancamento – os traficantes começaram a oferecer um serviço policial para os mercados e outros negócios em Santo Amaro. Quando há um roubo (ou outro crime) os donos denunciam aos traficantes, que vão atrás dos furtadores e dão um castigo instantâneo, recuperando o bem perdido. Já que numa comunidade pequena, tanto os donos como os traficantes provavelmente conhecem os ladrões, os donos dos negócios revelam que o sistema funciona muito bem; melhor do que chamar a polícia. "Agora tem muito menos crime dentro da favela. Há uns anos atrás, me roubavam cada semana, mas agora não roubam mais", relatou um dono de mercadinho em Santo Amaro. "Há uns dias, um cara roubou o meu celular do mercadinho, e em duas horas, os caras devolveram."

Conforme relato de vários informantes entrevistados há uma trajetória de desenvolvimento empresarial nas favelas. Normalmente, o empresário ou empresária (grande número são mulheres) aproveita de algo que já tem em casa para vender para os vizinhos: o mais comum é vender gelo, feito na geladeira de casa, mas também tem mulheres que costuram para os seus filhos, e começam a vender para a comunidade; ou jovens que compraram um computador pessoal que alugam para os amigos.

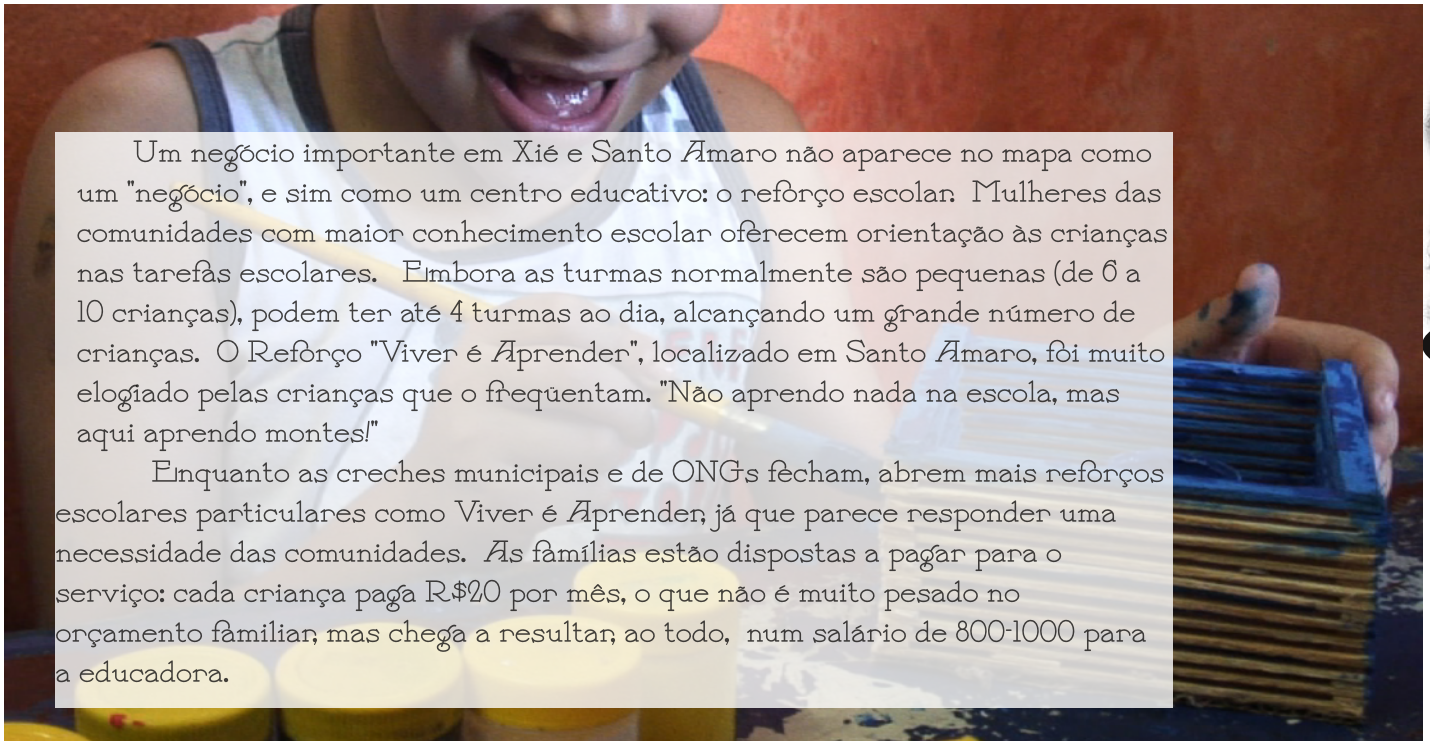
Enquanto os trabalhadores gastam grande parte do seu salário em comida, roupa, e outros bens dentro da favela, os traficantes gastam seu dinheiro desproporcionadamente fora da favela, reduzindo o multiplier effect do dinheiro do tráfico a quase 1.0. Os seus gastos maiores são em roupa e sapatos, e fazem questão de comprar essas coisas nos shoppings, onde a compra ganha mais prestígio, mas onde o dinheiro terá quase nenhum impacto na comunidade. Gastam dinheiro dentro da comunidade para comprar cachaça e cerveja para grandes festas, mas a maioria dos depósitos de bebidas dentro das comunidades compram dos atacados na vila, ganhando só 10-20% do preço da venda, um bom lucro para o dono do depósito, mas pouco nos termos da grande comunidade. Depois de conversar sobre o tema com dois garotos da comunidade de *Arruda* e Peixinhos, esses decidiram montar uma marca de roupa para vender aos jovens que estavam comprando a sua roupa fora da favela, eles mesmos nos ajudaram a entender que na comunidade existe dinheiro que circula e a reconhecer a importancia de manter os recursos dentro da própria comunidade.

Aprendendo dos vizinhos (ou nas igrejas; as igrejas evangélica parecem ser um ponto de comunicação importante de conhecimento empresarial) que já têm negócios, percebem a importância da acumulação de capital para investir, e os negócios vão crescendo para chegarem a ser mecadinhos, lojas e fábricas de roupa e móveis, empresas de conserto de bicicletas, carros, ou de eletrodomésticos.

Com algumas exceções, parece que existe um certo limite no crescimento dos negócios na favela, normalmente controlado pelo número de funcionários. Em Xié, existem várias fábricas grandes com empregados, mas tem poucos lugares onde o negócio estende além da família. Não é claro o motivo deste limite, mas existem várias hipóteses entre os moradores: a complexidade da lei trabalhista brasileira, a falta de desejo de crescer, o medo da inveja dos vizinhos com sucesso demais, a falta de capacitação em administração.

Saida

O egresso de dinheiro da favela não acontece num único rio, mas – se seguemos usando a metáfora do ecosistema – para um tipo de pântano. A maioria do dinheiro gasto nos mercadinhos e depósitos de bebida vai para os atacados, já que entre 70%-80% do custo dos produtos é da compra fora da favela. As costureiras e trabalhadores de concertos compram as matérias primas fora da comunidade, mas a porcentagem do preço do produto é muito



Um negócio importante em Xié e Santo Amaro não aparece no mapa como um "negócio", e sim como um centro educativo: o reforço escolar. Mulheres das comunidades com maior conhecimento escolar oferecem orientação às crianças nas tarefas escolares. Embora as turmas normalmente são pequenas (de 6 a 10 crianças), podem ter até 4 turmas ao dia, alcançando um grande número de crianças. O Reforço "Viver é Aprender", localizado em Santo Amaro, foi muito elogiado pelas crianças que o frequentam. "Não aprendo nada na escola, mas aqui aprendo montes!"

Enquanto as creches municipais e de ONGs fecham, abrem mais reforços escolares particulares como Viver é Aprender, já que parece responder uma necessidade das comunidades. As famílias estão dispostas a pagar para o serviço: cada criança paga R$20 por mês, o que não é muito pesado no orçamento familiar, mas chega a resultar, ao todo, num salário de 800-1000 para a educadora.

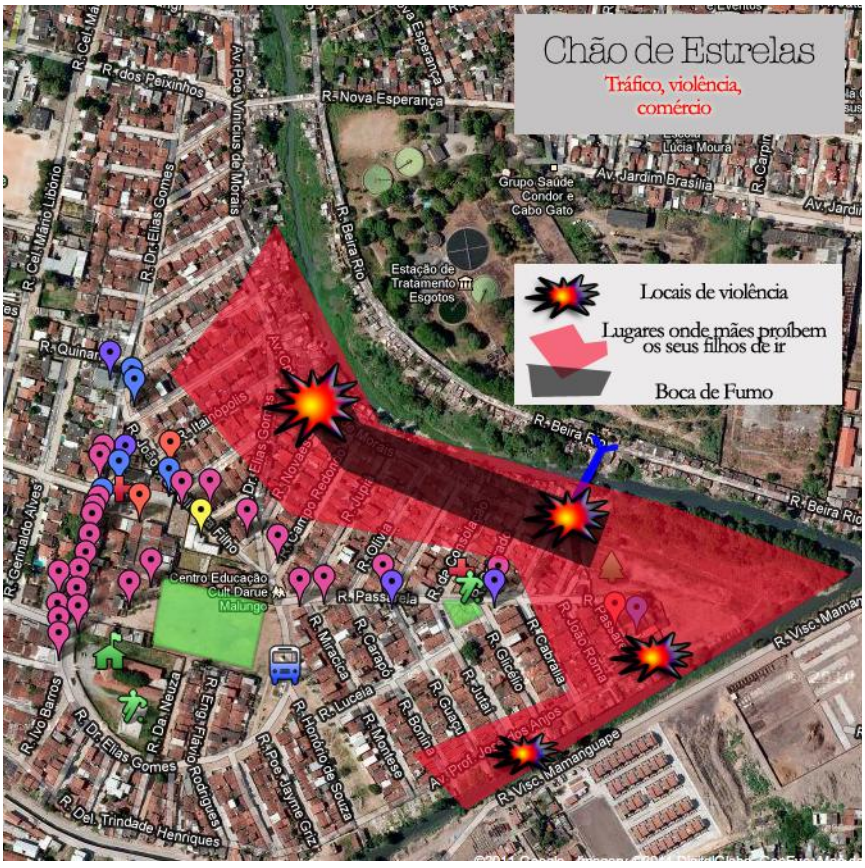
menor. Jovens gastam para comprar roupa e sapatos em lojas nos shoppings ou no centro. Bens de consumo (televisores, celulares, DVDs, sistemas de som) quando comprados novos (um fonte de prestígio) também extraem reais da circulação na favela.

A economia na favela é ativa e diversa, e as empresas – apesar das quebras de todos os negócios – crescem. É muito importante, neste contexto, notar a cartografia dos negócios e o tráfico: nas ruas que tem tráfico, tem poucos negócios, e nas ruas que tem negócios, tem pouco tráfico. Os donos das lojas sabem que os compradores não sentem-se seguros onde existe qualquer possibilidade de ameaça ou violência; assim, fazem um certo tipo de controle social do tráfico acordando, de modo implícito, que nessa região não haja uma venda explicita de drogas ou buscando outros lugares de venda que não sejam próximos à bocas.

Igualmente os traficantes não querem vender em lugares de muita circulação de pessoas. Os compradores querem ficar anônimos, e quando têm muitas pessoas na rua é mais difícil controlar a pesença de policiais sem farda ou outros possíveis informantes. Por isso, quando começa a crescer o negócio, buscam outros lugares para vender. Este processo aconteceu nos últimos anos na rua pricipal de Xié e nas ruas no nordeste de Santo Amaro.

Em Santo Amaro e Arruda, o crescimento dos negócios tem uma relação direita com a pacificação do tráfico; o caso de Chão de Estrelas é ainda mais claro. A rua comercial do bairro é um lugar seguro e muito transitado, mas à pouca distância, nas ruas sem mercadinhos e cabeleireiros, tornaram-se os lugares mais perigosos na cidade hoje.

A oposição entre comércio e violência em Chão de Estrelas



Fluxo de Informação

As informações mais cobiçadas dentro da favela são notícias sobre a favela mesma: quem está jogando futebol bem, quem apanhou da polícia, quem está namorando com quem… Por isso, imagina-se que seria mais importante a circulação da informação dentro da favela que o fluxo de fora para dentro. Não é bem assim.

Ingresso:

Cardinot

Ao meio-dia, um dos programa mas assistidos no Recife – tanto nas favelas quanto fora dela – é "Barra Pesada" apresentado por Cardinot, uma hora de notícias sobre violência na cidade. Enquadrado como um serviço ao povo, um tipo de denúncia à violência, o apresentador Cardinot mostra somente mortes, assaltos e as guerra dentro das favelas, cenas de sangue diárias. Graças em grande parte ao programa, a imagem das favelas de Recife é de violência e crime.

Cinderela

Cinderela apresenta-se como um programa de comédia, mas pode ter ainda mais impacto ideológico. Como skits e piadas sobre os eventos na cidade, define alguns lugares como "tão perigoso que não dá para entrar". Muitos educadores contam histórias de encontros de jovens de diferentes bairros da idade, e quando se apresentam como "sou de Santo Amaro" ou "Chão de Estrelas," escuta-se um coro de "pe-pe-pe" dos outros, a onomatopéia que Cinderela usa para descrever as comunidades consideradas violentas.

A informação"válida" que os moradores recebem sobre a vida na favela vem dos seus vizinhos, da sua experiência, mas também do retrato das favelas em programas de televisão como *Cardinot* e *Cinderela*.

Os fatos retratados na mídia são importantes, e as pessoas dentro das comunidades falam muito quando vêm um conhecido ou o morador do seu bairro no Cardinot, tanto como vítima quanto algemado. Porém, o que é mais importante é como estes programas demarcam o que é importante e o que não é dentro das favelas. A mensagem principal dos programas não é tanto que esta ou outra pessoa é presa pela polícia, mas que as histórias que valem contar, são história de sangue. Nas esquinas e vielas das favelas, contam-se muitas outras histórias além de o que se vem em Cardinot e Cinderela, mas também dá-se privilégio aos contos de

violência. Constitui-se um enquadre sobre a favela como lugar de carência, droga, e violência. São as histórias de sangue que merecem ser contadas na televisão ou como fofoca, na rua.

É difícil que informação positiva sobre as favelas chegue as comunidades, como ingresso de conhecimento. Algumas ONGs servem de canal para esta informação positiva, seja através de eventos culturais (como o que faz Pé no Chão) ou através de cineclubes e rádios comunitárias (Auçuba), mas pelo geral, o ingresso de informação – e o enquadre que essa informação dá à informação que circula na favela – retrata a favela de modo muito negativo.

Informação sobre novas oportunidades (de emprego, de bolsas, de cursos) chega na favela por vários caminhos. As ONGs agilizam uma rede dentro das comunidades, passando informação para as crianças, que depois contam aos pais e amigos. Escolas também têm esse papel. Em lugares onde a organização comunitária é forte como Chão de Estrelas, reuniões dos moradores e a própria Associação de Moradores podem ser muito importantes. Porém, em muitas outras comunidades, a Associação de Moradores é muito fechada, passando informação sobre benefícios públicos só para os escolhidos por partido político, grupo de interesse, ou amizade. Em muitos casos, ainda pessoas bem conectadas com ONGs não sabiam como ganhar acesso à bolsa família ou bolsa escola.

Fui na tua favela,
quero ver tu lá na minha.
Minha disposição,
eu mostrei que eu fui lá.
Agora vem pra Santo Amaro,
pra nunca mais voltar.

- Funk de Galera, 2008

Circulacao

A circulação de informação dentro da favela obedece, mais que tudo, a lógica de boca-a-boca, com os benefícios e os perigos que esta forma de

> "Decidi, depois de um tempo fazendo funk de galera, que era estúpido só elogiar as cara e ganhar fama para eles. Comecei a fazer funk para dar IBOP aos meus amigos: 'O João matou não sei quantos, o Pedro espancou à polícia.' Nada a ver com a verdade, mas todo mundo começou a prestar atenção na gente."
>
> -Depoimento de um compositor de funk e rap, morador de Santo Amaro.

comunicação implica. As pessoas conversam muito enquanto passam pelas ruas, jogam dominó, ou acompanham seus filhos nas brincadeiras, e os temas que parecem mais comuns são amor e violência. Em Cardinot ou Cinderela, os traficantes e bandidos sempre são os culpados pela violência; mas nas conversas entre as pessoas nas comunidades, as histórias mais contadas e recontadas, abordam o espancamento dos policiais.

Duas formas de circulação de informação dentro das favelas de Recife merecem destaque: o funk de galera e o rap. Os jovens produzem e escutam esses gêneros de música como expressão artística, mas também como uma forma de comunicar o que eles acham importante. Para a funk de galera, a mensagem principal é o elogio e o esculachar, como parte da concorrência de IBOP entre as favelas. Para o rap, o conteúdo da música é a denúncia da violência e da injustiça.

O funk é mais conhecido na mídia pelos bailes funk, mas para os adolescentes da favela, as letras dos funks são muito importantes como um meio de comunicação. O gênero mescla jornalismo (a narrativa de fatos que acontecem nos grupos) com a propaganda (a promoção de um grupo ou uma pessoa), resultando em guerras de interpretação entre galeras rivais – guerras simbólicas que muitas vezes chegam a ser guerras de verdade. O objetivo principal é levantar o IBOPE ou fama da galera ou os seus membros.

O funk comercial que se escuta na rádio ou em bailes trata, mais que tudo, de amores e desamores, muitas vezes com um tom pornográfico; mas a narrativa do funk de galera relata os eventos da vida da grupo, com ênfase especial no conflito com as outras galeras. Este "jornalismo" é fortemente partidário, com o fim de elogiar a galera da qual o cantor é membro e esculachar as galeras rivais. Um dos jeitos mais rápidos de ganhar a consideração "dos cara", os líderes das galeras e as gangues, é escrever um bom funk de galera elogiando eles, ou desprezando os seus inimigos. Deste jeito, incrementa a fama dos jovens já famosos nos seus bairros, e ganha a entrada do funkeiro na economia de fama [veja parte 3 deste capítulo].

Esta narrativa finge contar a verdade, mas muitos funkeiros não sentem a mínima responsabilidade de ficar no verídico. Um informante contou,

> *"Decidi, depois de um tempo fazendo funk de galera, que era estúpido só elogiar as cara e ganhar fama para eles. Comecei a fazer funk para dar IBOP aos meus amigos: 'O João matou não sei quantos, o Pedro espancou à polícia.'*

PROTEGENDO OS GAROTOS DO HIP-HOP

Durante a nossa pesquisa, dois adolescentes associados com o movimento hip-hop começaram a vender crack no seu bairro. Poderia-se imaginar que os traficantes celebrariam quando dois meninos que sempre foram contra o comércio de drogas decidiram juntar-se a esse. Ao contrário, os traficantes foram ao líder do grupo dos breakdancers e disseram, "cuidado com fulano e sicrano. Estão vendendo e não deveriam fazer isso." Outros b-boys contaram que os traficantes não permitem que eles vendam, para não se percam na "vida errada." Tanto no discurso quanto na prática, os traficantes acreditam estarem fazendo algo danoso, e querem proteger aos que fazem o que eles consideram "o bem."

Nada a ver com a verdade, mas todo mundo começou a prestar atenção na gente."

Funk também pode servir como um serviço de inteligência ou espionagem. O mesmo funkeiro contou, "Quando tinha uma guerra contra os cara de lá, eu tinha um amigo na favela deles, e ele me contou onde 'tava a boca, onde reunia os cara, onde guardava a grana. Eu fiz uma música com toda essa informação. Ficaram putos. Queriam me matar. Por anos, não podia ir na favela deles por isso."

Normalmente, os funk de galera não são gravados em discos e não se escuta na rádio, mas são um tipo de música mais "descartável", feitas no momento e esquecidas pouco tempo depois. Porém, na sua auge, muitas pessoas decoram e repetem as letras, gozando dos inimigos e admirando os seus aliados fortes e espertos. Funciona do mesmo jeito que o jornalismo partidário do começo do século XX, animando e incitando aos fieis, brindando informação útil para a luta (contra a outra galera), e brindando diversão e entertainment. A diferença é que numa comunidade onde a palavra escrita tem pouca força, a composição e repetição de poemas tem este papel.

O rap também exerce o papel de jornalismo na favela, embora com uma meta muito clara de ser um contra-discurso à mensagem de Cardinot e da televisão. "Como é que as pessoas aprendem o que acontece na favela?", perguntou um rapper. "O rap é o jornal da comunidade." Na realidade, o rap não funciona tanto como um jornal diário, mas como uma revista, que toma passos atrás, olha a situação e a analisa. O rap busca criar outro enquadre aos eventos que todos já conhecem através da fofoca e da televisão, ajudando o público a entender as causas e os motivos da violência. Por isso, os rappers falam dos abusos da polícia, da injustiça da economia, da invisibilidade e da exclusão sofrida pelo estado.

Rap tem um discurso altamente pedagógico no Recife, chamando o público a se comportar melhor, tratar o outro com compaixão e solidariedade, e trabalhar para a justiça. O refrão de uma rap conhecido em Santo Amaro diz: "Paz e união, amor e esperança; chega de violência, basta de vingança; Tenha humildade, solidariedade, repeitando as pessoas da sua comunidade." É

interessante notar que o público alvo das letras das músicas inclui traficantes, inclusive aqueles que os rappers criticam. Como notou Jocimar Borges do Pé no Chão, "Os traficantes escutam (e gostam!) músicas que condenam o que fazem à comunidade." Não vivem os valores do hip-hop, mas no discurso (nos entrevistas) e numa ações cotidianas, acham que a ética dos meninos do hip-hop é certa.

Embora os meninos do hip-hop consideram que a sua arte é um tipo de jornalismo, uma comunicação de informação, parece mais apropriado pensar o rap como uma comunicação de valores e idéias. Ajuda a entender o que acontece de mal nas comunidades, e propõe ações para mudar a situação.

Saida

Informação sai da comunidade voluntariamente e/ou involuntariamente. Os jornalistas e policiais buscam informação dentro da comunidade e a publicam, embora os moradores não queiram que esta informação seja publicada. Em contraste, a informação que a comunidade quer que saia, pela geral egressa em forma de cultura através das performances de maracatus, caboclinhos, e outros grupos durante carnaval e na festa de São João; também sai através do funk ou do rap que chega nas rádios; ou através de filmes que ganham estréia em festivais no centro da cidade; ou ainda pelos professores de capoeira que viajam a Europa para dar aula lá. Esta informação, quando aparece na televisão ou quando os moradores sabem de um show dos seus vizinhos, sempre causa orgulho.

Outro modo de sair informação é através dos múltiplos serviços prestados pela comunidade a grupos fora dela, como através das empregadas domésticas, dos pedreiros, serventes, que tem contato quase diário com um universo fora da sua comunidade. Ainda através de redes de amigos e parentes que moram em outros bairros ou cidades e que estão em permanente contato.

Uma saída de informações que a comunidade tem apenas um pouco de controle, acontece através dos intelectuais da música ou da academia. Alguns grandes artistas brasileiros foram para favelas de Recife para aprender a tocar ou dançar ritmos e passos tradicionais. Chico Science, o fundador do Mangue-Beat, que tornou-se conhecido mundialmente nos anos 90, estudou em Daruê Malungo. Antônio Nóbrega e Naná Vasconcelos aprenderam no mesmo lugar. Lenine aprendeu a tocar em vários maracatus Recifenses. Um grupo de heavy

Aprendendo nas favelas de Recife

Chico Science, o fundador do Mangue-Beat, que tomou o mundo nos anos 1990, estudou em Daruê Malungo.

Antônio Nóbrega e Naná Vasconcelos aprenderam no mesmo lugar.

Lenine aprendeu a tocar com vários maracatus.

Um grupo de heavy metal convidou Cila do Coco para fazer um disco com eles na Bélgica.

metal convidou Cila do Coco para produzir um disco com eles na Bélgica. Muitos dos grandes músicos aproveitaram a riqueza artística de Recife para fazer suas performances.

"Aproveitaram". Sob o ponto de vista de algumas pessoas da comunidade e especialmente das ONG s locais, este é o problema. Segundo esses, os artistas deveriam sempre fazer o caminho de volta, dando os devidos créditos e a consideração a quem foi seu mestre, e em certo sentido, retorno de recursos que conseguiu através desse conhecimento. Porém, não tem um protocolo oficial sobre como o músico famoso deve ressarcir o que aprendeu dos artistas da favela. Os tamboristas e bailarinos da periferia de Recife sentem orgulho ao ver sua arte reconhecida pelo grande público, mas também ficam ressentidos, porque os outros ganharam aproveitando o seu conhecimento. Consideram esse processo um roubo do seu conhecimento e experiência.

Deste jeito, o egresso de informação e cultura é tanto desejado – porque traz prestígio e atenção para a comunidade – quanto temido – porque parece uma forma de exploração da riqueza cultural da favela, por não dar o desejado retorno a essa.

FLUXO DE PRESTÍGIO

Nos valores das favelas de Recife, prestígio e honra têm um papel central, e as pessoas de todos grupos e classes sociais fazem muito esforço para ganhar consideração. Igual a economia de dinheiro, a grande parte desta luta para ser reconhecido forma parte de o que é bom sobre a favela: uma avó terá orgulho de ser considerada como boa pessoa e boa educadora de filhos e netos; um capoeirista ou músico também ganha consideração pela sua competência como artista. E embora não é possível medir prestígio do mesmo modo que medimos salário, podemos dizer que a maior parte da circulação do prestígio (igual a grande parte da circulação do dinheiro) auxilia de modo positivo e saudável a vida das pessoas nas comunidades.

Mas a parte desta economia que clama por mais atenção não é a avó que quer ser considerada como boa matriarca, mas o dono de boca de fumo que quer ser visto como o "melhor" de todos. Mães não brigam na rua para ser

considerada “a melhor mãe”, mas os traficantes sim; para eles, reconhecimento é um zero sum game, onde se uma pessoa ganha honra, a outra pessoa tem que perder.

Se o dinheiro vem e é despendido de diferentes modos – dentro da lógica do trabalhador e dentro da lógica da malandragem, ou de quem não gosta de ser visto como otário – é importante notar que a honra também pode vir de diferentes modos. Os meninos que entram no tráfico notam que começam a valorizar mais a consideração do traficante que a consideração dos seus pais. Igualmente, embora os traficantes gostariam que os artistas tivessem consideração por eles, normalmente o artista vai ter consideração por outros artistas, e outras pessoas que estão fazendo algo que acham admirável na comunidade. É importante mencionar que nesta parte do texto, prestamos muita atenção à honra zero sum, mas esta ênfase é só pelo dano que esta lógica causa nas comunidades. Se olhamos em termos estatísticos a “economia de consideração do bem” (ser honrado por ser boa mãe ou boa artista) forma uma parte muito maior do “PIB” de reconhecimento.

Entrada de consideracao

Um jeito de superar a lógica do zero sum game de reconhecimento, é promover novos caminhos para a entrada de honra às comunidades. O trabalho do Pé no Chão serve como bom exemplo desta iniciativa: Pé no Chão leva jovens artistas de Santo Amaro, Arruda e Chão de Estrelas, especialmente, para o centro da cidade, onde fazem shows exibindo sua arte; e levam os melhores artistas para palcos da Europa e África, onde também podem ser reconhecidos como grandes artistas ou educadores.. Por esta prática, os garotos que participam no Pé no Chão (e, em grau menor, de Daruê e Peixe-arte) ganham reconhecimento por outras fontes, e não somente a interno. O seu reconhecimento não vem mais somente dos vizinhos, aumentando as possibilidades de reconhecimento. Não é mais um zero sum game, porque a possiblidade de reconhecimento cresceu.

O que é importante aqui é que, igual ao ingresso

Compartilhando a fama

Detefon, bailarino e coreógrafo que começou a sua carreira no Pé no Chão (um dos investigadores desta pesquisa) contou que quando estava trabalhando como ator na produção da Rede Globo do espetáculo "Paixão de Cristo", em Nova Jesusalem, concedeu uma entrevista na tevê local. Nas próximas semanas, cada vez que saia pelas ruas do bairro onde mora, pessoas aproximavam-se para mostrar um passo de dança ou cantar um rap que compuseram. Reconhecendo os artistas locais, Detefon podia partilhar simbolicamente a fama adquirida pela sua arte.

de dinheiro à favela, o recurso ganhado fora da favela não só beneficia ao artista que trabalha fora da comunidade, mas é tem seu efeito multiplicador. Os jovens que fazem dança ou teatro no centro da cidade ou na Europa, agora podem "usar" esta fama, reconhecendo aos outros.

Podemos pensar que para os moradores das comunidades faveladas de Recife, "consideração" é uma substância, uma "coisa" que pode passar de uma pessoa à outra. Nas ilhas do pacífico sul, o "mana" é uma coisa parecida: é "a matéria da qual a mágica é feita"; algo que pode passar de uma pessoa à outra.

Qual é "a coisa da qual a consideração é feita"? Embora é uma palavra que perdeu sua força no nordeste urbano, parece que o mana dos moradores da favela é a honra. Segundo Marcel Mauss, um dos primeiros antropólogos a pensar o conceito de mana,

> *"É lícito, portanto, concluirmos que em toda parte existiu uma noção que envolve a do poder mágico. É a noção de uma eficácia pura, que, no entanto é uma substância material e localizável, ao mesmo tempo que espiritual, que a age à distância e no entanto por conexão direta, quando não por contato, móvel e movente sem mover-se, impessoal e assumindo formas pessoais, divisível e contínua".*

Mauss. Marcel. "Sociologia e antropologia". São Paulo. Cosac & Naify. 2003, p. 151

E nesse sentido podemos pensar o "reconhecimento" como aquilo que importa de fato, entre tantas outras coisas que circulam. é uma especie de poder mágico. Em Mauss mana é "verbo, substantivo e adjetivo", "localizável e onipresente", "subjetiva e objetiva", "maléfica e benéfica" concomitantemente. Ela é, conforme vimos, ao mesmo tempo que uma força, também um meio, um mundo separado e no entanto acrescentado no outro sem separar-se dele, que tudo se passa como se

Cinema e Reconhecimento

O cinema parece ter a capacidade de incrementar o reconhecimento nas favelas, sem a presença física do público. O mero fato que "alguém" vai ver o que um menino ou um adolescente filmou -- seja em festivais, na internet, em cineclubes pequenos -- pressupõe a visibilidade e o reconhecimento pelo que fazem os moradores das comunidades.

Uma avaliação feito por Shine a Light, sobre o impacto de cinema e educação em Recife e outras comunidades periféricas, mostrou um incremento na liderança comunitária e no sucesso educativo.

ele estivesse construindo numa quarta dimensão do espaço, cuja existência oculta seria expressa, por assim dizer, por uma noção como a de mana.

As comunidades de periferia são campos abertos, em constante comunicação e que comportam diversos agrupamentos que estabelecem entre si um sistema próprio de troca de coisas, mas também de honra. Assim, entre esses grupos, o mana que circula é também diferenciado, e em determinados casos, se fortalece ou se enfraquece, conforme o grupo que a pessoa passa a querer receber mais consideração. Do mesmo jeito que mana é "a substância de que a magia é feita," honra é a substância da qual a consideração é feita.

Esta idéia de duas ou mais espécies ou moedas de honra (a qual são atribuídos distintos sentidos e dinâmicas) ajuda a entender outro problema da economia do reconhecimento nas comunidades. Embora os jovens da favela criticam muito a "burguesia" por não reconhecerem aos favelados como o são, e por dizer que só são criminosos, os mesmos se vestem de um jeito que os rotula dentro da categoria de marginal ou bandido. Os jovens que participam no tráfico, por exemplo, usam camisa e bermudas caras – para mostrar que "não são pobres" – mas são de marcas e estilos que os ricos não usam. Eles não estão tentando "passar por ricos" e sim, mostrar que são ricos dentro do seu próprio contexto. O problema é que os policiais e a populaçã reconhecem esta roupa como "de criminoso", e vão bater ou descriminar em qualquer menino que usa Ciclone, Seaway, ou uma camisa de Manchester United. Se buscam reconhecimento, segurança ou bons negócios, parece que vestir-se desse modo lhes causa bastante problema.

Por outro lado, a consideração da polícia ou de moradores da vila não é um fim-em-si para os jovens do tráfico, mas funciona como um meio para ganhar mais consideração dentro do seu próprio grupo. Vestido de roupa que "só usa traficante" em frente a polícia causará muitos problemas para o jovem, mas trará para ele mais honra dentro do grupo dos traficantes. O ódio do policial ou o desprezo do morador da vila é um espelho onde pode projetar a sua bravura para os seus amigos e para os inimigos. Mas, no processo, isola mais a honra que circula na favela, da honra da vila, e enfatiza ainda mais a natureza zero sum do jogo de consideração.. Em contraste, a fama que ganha o artista incrementa a interdependência da favela e da cidade, e traz mais reconhecimento às comunidades.

Circulacao

Historicamente, igualdade é um valor importante para os grupos populares nordestinos. As pessoas temem muito à inveja do outro, acreditando que vai atrair "olho gordo" e inspirar conflitos dentro das comunidades. Há dez anos, quando começamos a trabalhar em Recife, era muito comum escutar

falar da "cultura do caranguejo": se tem um balde cheio de caranguejos, alguns tentarão fugir, mas os outros caranguejos vão agarrar suas pernas para arrastá-los de volta. Quando uns amigos de um dos investigadores dessa pesquisa foram baleados ao retornarem de uma pitzaria, perguntamos os motivos, e recebemos a resposta: "não se sabe ainda, porque eles não são envolvidos com essas coisas de droga, nem usando, nem vendendo...não sei... pode ter sido inveja...". Do mesmo jeito, segundo os artistas e intelectuais que usavam a metáfora do caranguejo, a cultura da favela não vê com bons olhos que uma pessoa se pense melhor ou se exiba, rebaixando os outros. Por outro lado, usavam ditados populares que serviam como barreiras a inveja. Nos isopores que vendedores de rua usam para levar cerveja ou água, é comum ver escrito, "A tua inveja é a força do meu sucesso." Em mercados populares, exitem placas que dizem "Sapo tem olho gordo, mas vive na lama." Esse era um modo de fazer a inveja servir ao invejado, ou mostrar como essa pode atingir ainda mais ao invejoso que ao invejado.

Recentemente pequenos empresários nas favelas começam a ver a cultura do caranguejo como uma barreira ao desenvolvimento econômico, e propõem outras relações entre os moradores da comunidade, relações que valorizam concorrência e inveja mas que igualdade e solidariedade. Esta mudança parece ter relação com a inserção no livre mercado e, a menor grau, a presença de igrejas novas que pregam o evangêlio da prosperidade.

Para o jovem nas favelas de Recife agora, a grande preocupação é mostrar-se "bem de vida," apresentar-se como uma pessoa que não é carente. Por isso a importância de bens de luxo: uma camisa do Seaway que custa R$80, uma bermuda do Ciclone que custa R$180, tênis que custam ainda mais. Se o jovem pode gastar seu dinheiro em coisas caras, torna-se evidente que é "bem de vida" e não um "pobre coitado".

No mundo das ONGs e de alguns intelectuais que se preocupam com a vida na favela, se discute muito as prioridades de consumo dos favelados. Algumas famílias, quando têm um ingresso extra, aproveitam o recurso para dar mais infraestrutura para a casa; mas outros não. Porquê, se pergunta, um jovem pai vai gastar R$500 para comprar um iPhone ou um Blackberry, quando esse mesmo dinheiro poderia ser usado para melhorar a casa, comprar roupa para o bebê, ou investir em uma pequena empresa? Para formular parte da resposta, é importante pensar nos resultados da pesquisa sobre a economia financeira: para muitas famílias nas favelas pesquisadas, a pobreza não é tão extrema como pode parecer. Mas a segunda parte da resposta tem a ver com o olhar do outro. Se um jovem quer ser reconhecido como "bem de vida", se isso é sua prioridade

> "Não é fácil montar uma loja, mas agora tem muitas pessoas que me conhecem, mas que eu não conheço. Elas vêm aqui do outro lado do bairro para me buscar." Este comentário mostra a importância de ser reconhecido e considerado, mas também reflete a natureza da fama nas favelas de Recife: é importante que "mas pessoas me conhecem, que eu conheço."
>
> Comerciante de roupas,
> Campo do Onze

principal, comprar um bom telefone celular é um decisão racional. Não é "falsa consciência" (como acusarão esquerdistas) nem falta de ética (como acusarão os de direita). Pensando na eficiência de resultados, o "*bang for the buck*," comprar um celular ou uma boa camisa é um investimento racional.

A busca de reconhecimento não se limita só aos jovens. A dona de uma loja de roupas do Campo do Onze falou com orgulho, "Não é fácil montar uma loja, mas agora tem muitas pessoas que me conhecem, mas que eu não conheço. Elas vêm aqui do outro lado do bairro para me buscar." Este comentário mostra a importância de ser reconhecido e considerado, mas também reflete a natureza da fama nas favelas de Recife: é importante que "mais pessoas me conheçam, que eu mesmo conheço." Por isso que tem sentido falar de um fluxo de reconhecimento: é como se cada pessoa tivesse uma quantia limitada de reconhecimento que pode dar, e cada um quer ganhar esse reconhecimento dos outros para si mesmo. A economia de reconhecimento, então, é um zero sum game: quando uma pessoa ganha, outra pessoa perde.

Este zero sum game de reconhecimento é muito evidente nas brigas das galeras funk. Quando duas galeras ou duas pessoas lutam, o ganhador vai subir no ranking ou IBOP das galeras enquanto o outro perde. Uma menina que participa nas galeras relatou com orgulho da noite quando o seu grupo desafiou a galera mais famosa na cidade, e ganhou. Ela ficou emocionada que o seu grupo passou a ser o mais considerado, mas também que a galera rival perdesse lugar no ranking.

A concorrência entre bocas de fumo ilustra como funciona este processo. Nas favelas de Rio de Janeiro ou Medellín, tradicionais modelos para entender as guerras de tráfico, uma gangue ataca a outra para conquistar o seu território, especialmente a boca de fumo que usa para vender drogas. Em contraste, nas guerras de Recife, a meta não é tomar a boca do rival. É destruí-la. Racionalizando esta prática, os traficantes explicam que se a freguesia não pode comprar na outra boca, vai migrar para comprar deles, trazendo assim mais dinheiro. Porém, na realidade, a freguesia da boca destruída não irá só para a boca da gangue vitoriosa; irá para muitas outras bocas. O que importa não é tanto que a gangue ganha, mas que o seu rival perde.

conclusões

Estas reflexões sobre os fluxos de dinheiro, informação, e consideração inspiram propostas diferentes que as tradicionais para os problemas de pobreza e violência na favela. Embora pode ser importante incrementar o ingresso de recursos financeiros na favela, por exemplo, parece que ainda mais importante é catalizar a circulação dos recursos dentro da comunidade, um processo que já vai acontecendo naturalmente em Xié e Santo Amaro. Segundo, é importante provocar um curto-circuito do processo de reconhecimento que já desenvolvu-se nas favelas, promovndo o ingresso de novos recursos de consideração. Com a informação, parece que o problema central é a "saída de informação" sobre a comunidade. A questão a ser revista é como os moradores da favela poderão exportar informação sobre as boas coisas das suas comunidades, e aproveitar das riquezas intelectuais e culturais que certamente tem.

6

Saída dos Grupos Armados

Entre os membros de gangues e outros grupos armados, escuta-se muito a frase, "já quando está dentro, não dá pra sair." Porém, durante o transcurso da pesquisa, entrevistamos cinco jovens que tinham sido traficantes, e que saíram sem grandes obstáculos. Neste capítulo, queremos pensar tanto a retórica de "não é possível sair", como o processo concreto que ofereceu um escape para muitos jovens que tinha participado no tráfico ou na violência armada organizada.

Como temos analisado antes, todos os traficantes que entrevistamos reconheceram que estavam fazendo coisa ruim, algo que não queriam que os seus filhos fizessem, e que conselharam às outras crianças não fazer. Porém, é uma atividade que dá prazer, status, e dinheiro a eles, e por isso, não querem deixar de fazer. O jeito mais fácil para resolver este conflito cognitivo é dizer que fizeram a escolha errada, mas que agora, não dá para arrepender da sua decisão, porque depois de entrar, não há saída.

Dão várias razões pelas quais não é possível sair do tráfico; porém, a experiência dos ex-traficantes mostra como superar estas dificuldades:

1. **Conhecimento:** Segundo vários vendedores, as gangues não os permitirão sair porque sabem demais. Se passam informação para a polícia ou para uma gangue rival, prejudicará tanto à gangue, que os donos da boca não os deixam sair. A fala de um ex-traficante em Campo do Onze contradiz esta justificativa: "O quê é que eu sei que um morador da comunidade não sabe? Onde está a boca, como se faz a venda, quem manda? Todo mundo sabe disso. O traficante não sabe nenhum segredo."

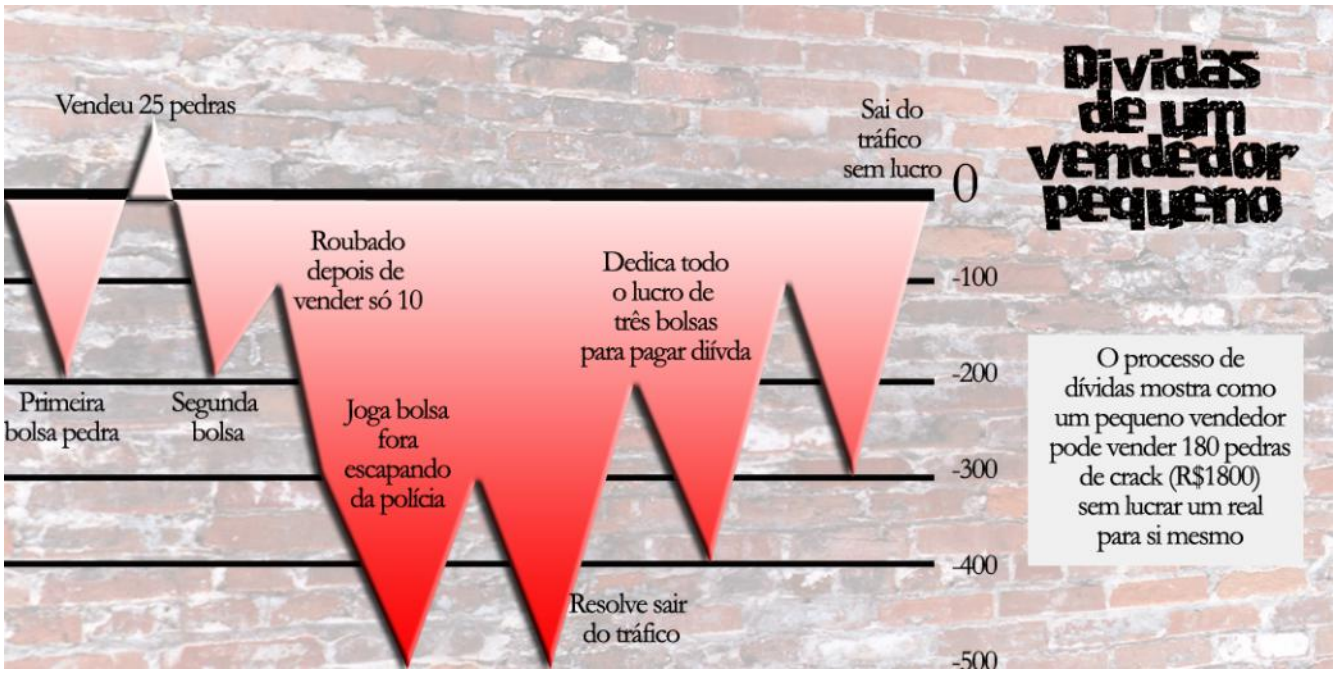
   Na realidade, o discurso de conhecimento precioso parece mais

um jeito de elogiar ao status do traficante que "não pode sair." Por sentir-se parte de uma sociedade secreta, sentem-se importantes e poderosos, conhecedores de um mundo que os "etários" não conhecem. Mas, como insiste o ex-traficante, a informação que têm não é nada especial.

Os únicos que têm informação realmente importante são os donos das bocas (e, em alguns casos, seus braços-direito). São eles que sabem como a droga entra na comunidade, quem fornece, e quem (entre os ricos e poderosos da vila) facilita o tráfico. Esta informação que pode prejudicar aos poderosos de fora da favela tem que manter-se um segredo. Porém, não é nada que um traficante de rua terá acesso.

2. **Dívida.** O traficante vive endividado. Desde a primeira vez que recebe a bolsa pedra, o vendedor deve dinheiro ao dono da boca, e paga a dívida só para contrair outra quando recebe a próxima bolsa. Já que praticam um ofício perigoso, em muitos casos esta dívida é muito maior dos R$300, o custo de uma bolsa. Um ex-vendedor de Xié contou a seguinte história, a que ilustra bem o que acontece com muitos vendedores novatos.

"Não estive vendendo há muito tempo. Vendi bolsas e achei que estava indo bem. Estive aqui mesmo [mostra a rua principal de Xié] quando de o



maior rebouliço, e o polícia invadiu. Estive aqui [mostra uma rua secundária], e não podiam me ver no começo; aproveitei e joguei a bolsa emcima do telhado. O ROCAM levou muitos meninos presos essa noite, mas não tinha nada contra mim, porque não tinha pedra comigo. Mas outro dia subi no telhado, e não tinha mais bolsa. Sumiu. Mas eu tinha que pagar os $300 para o dono. Foi então que decidi que não queria mais fazer isso não. Vendi para pagar a dívida, e me mandei."

A maioria dos traficantes mantém dívidas com os donos da boca, variando entre uma e várias bolsas de pedra. Enquanto trabalham bem e seguem trazendo dinheiro para a boca, esta dívida não é problema maior do que a hipoteca que uma família americana de classe média tem para pagar por sua casa; é simplesmente parte da vida. O problema é quando o vendedor quer sair do tráfico, ou quando deixa de ganhar grana para a boca (por preguiça, vício, etc). Nesse momento, o dono vai cobrar a dívida. Se paga a dívida, o vendedor pode sair sem muitos problemas. O desafio é ter disciplina para poupar o dinheiro que precisa para fazer isso.

3. **Honra e amizades.** Segundo um ex-traficante no Arruda, um dos grandes problemas da saída do tráfico, é que quando um garoto entra na gangue, queima as velhas amizades fora do grupo armado. As amizades dentro da gangue não são boas ou sinceras, mas os companheiros de negócio tornam-se também os amigos do vendedor. Saindo do grupo implica a perda dos amigos que restam, deixando o jovem só. Este mesmo informante diz que a coisa mais pesada para ele agora é a solidão, sem os amigos da infância ou os camaradas do tráfico. "Eu tinha medo de sair por isso, é e foda mesmo," ele contou.

Outros traficantes falam do mesmo medo não em termos de afeto, mas de honra. Sair do tráfico é abandonar o grupo e a atividade que fornecia prestígio e consideração e os camaradas que o consideravam. Muitos traficantes pensam que os outros vão dizer que são covardes ou frouxos por terem saído da profissão.

Um ex-traficante em Campo do Onze explicou que não realidade, a sua experiência foi o oposto de o que tinha temido. "Eu acho que os cara me respeitam mais agora que quando estive dentro. Sabem que tinha a coragem de fazer algo que eles não conseguem fazer, mas que muitos querem fazer. E o que é cabuloso é que dentro, não eram amigos, não amigos de verdade. Mas agora que estou fora, muitos são meus amigos, e a gente fala de outras coisas, faz outras coisas. É muito melhor."

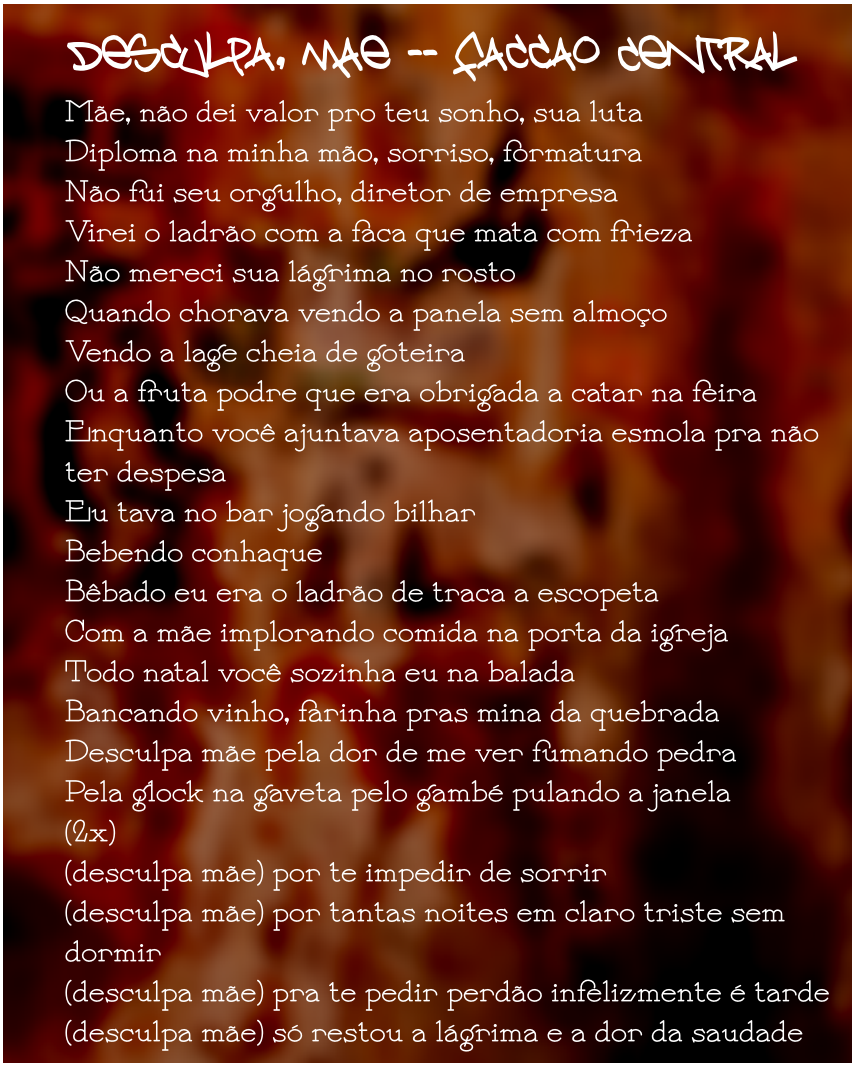
Embora não seja totalmente correto que quando uma pessoa

está dentro do tráfico não pode sair, como alegam muito traficantes, isto não quer dizer que abandonar o tráfico é fácil. Muito ao contrário: exige muita disciplina, coragem e vontade. É notável que entre os ex-traficantes que entrevistamos, quase todos ou tinham uma família presente ou um grupo de amigos que fortaleceu-os durante o processo.

4. Trabalho. Muitos educadores e diretores de ONGs lamentaram que a participação no tráfico, ou especialmente ter sido preso, impossibilitava arrumar emprego, algo que força muitos meninos a reentrar no tráfico para ganhar a vida, embora queiram sair.

Isto é correto quando se pensa em empregos fora da favela. Porém, dentro da favela, esta proibição não existe. Ex-traficantes e ex presidiários trabalham nas barracas, são cabeleireiros, trabalham em reciclagem… em muitos casos, parece que a experiência no comércio de drogas e a impossibilidade de emprego de carteira assinada, promove a criação de pequenas empresas.

Em muitas história de saída do tráfico, escutamos que o motivo fundamental era a família. "A minha coroa 'tava sofrendo demais pelo que estive fazendo. Eu via a dor dela e não podia mais fazer isso. Por isso saí," explicou um garoto; outro disse, "eu não queria que os meus filhos soubessem que eu estava fazendo isso, mesmo que fossse pensando neles". Escutamos várias vezes, tanto de traficantes como de outros habitantes das favelas, que "quando o filho toma o caminho errado, é a mãe que sofre mais," e a consciência desse fato parece ser essencial para muitos meninos que conseguem sair do



Kurt Shaw, "Only a Mother's Love", in Jimmy Carter and Philip Zaleski, *The Best American Spiritual Writing 2008* (The Best American Series). NY: Mariner, 2008

tráfico.

A força da presença da mãe na vida dos garotos é muito evidente na tatuagem vista em muitas favelas da cidade: "Amor só de mãe." No mundo inseguro do tráfico e violência, uma força certa é o amor da mãe. Uma música conhecido por quase todos os garotos das comunidades é "Desculpa Mãe", de Facção Central. Também se escuta muito: "quando você ficar preso, quem vai visitar? Os amigos não. Mas a mãe, sim."

Embora as mulheres falam muito de como ajudar os seus filhos, oferecendo um tipo de apoio e conselhos entre si, ainda não surgiu nenhum movimento organizado para aproveitar deste sentimento.

Do mesmo modo que até 2007 o Estado de Pernambuco não teve uma política pública de segurança coerente, pode-se dizer que até 2011, não existe uma política da sociedade civil para enfrentar a violência. Existem ações, e das ONGs entrevistadas, todas realizam atividades orientadas ao que chamam de uma "cultura de paz"; sem estes esforços, as condições na cidade de Recife seriam muito piores.

Em alguns casos, no entanto, o discurso e as ações que envolvem a "cultura de paz", politicamente corretos, são vistas pelos moradores das comunidades de periferia como uma espécie de linguagem apropriada para conversar com ONGs e com o estado.

Quando envolve a vida cotidiana dos jovens, parece que as dinâmicas de "consideração" da revolta e da independencia são fortes e profundamente arraigadas e nem sempre tidas por esses como ruins ou danosas a suas vidas, como se aborda na mídia ou nas fofocas. As propostas que seguem aceitam a cultura da consideração, da revolta e da independencia como aspectos fundamentais na vida de jovens, forças que movem o ser, e que poderão ser extremamente produtivas para uma transformação das condições de vida desses e/ou de crianças pequenas nas comunidades pesquisadas, e, consequentemente, de toda a comunidade local. O principal aspecto que perseguiremos nesses propostas são dois:

1) Valorização de atividades e dinâmicas já existentes na comunidade, seja divulgando-as, seja ampliando-as, seja modificando-as em seu objetivo final, atraindo assim mais crianças e jovens para oportunidades produtivas de saber e de recursos para comunidade e seus moradores.
2) Fomentação do fluxo de trocas (de informações, de recursos, de saberes) positivamente entre as comunidades em si e outros bairros,

que abra a vida comunitária para (outros) saberes que já circulam nelas, para que sejam igualmente considerados, ganhando força, e destituindo o mito da favela como locus de violência em si.

Esperamos que essas linhas norteadoras auxilie a Fundação Bernard Van Leer a criar e apoiar ações eficazes que venham orientar e fomentar fortalezas comunitárias existentes contra a violência, e auxiliar na criação de outras que venham contribuir no processo de fortalecimento da vida comunitária de alguns bairros de periferia de Recife.

UMA POLÍTICA COMUNITÁRIA

Até hoje a maioria das ações da sociedade civil (tanto ONGs como clubes de futebol, grupos culturais, etc), visam oferecer alternativas para crianças e adolescentes. Nas entrevistas, escutou-se muitas vezes frases como, "queremos afastar as crianças das ruas e dos perigos de droga e violência que encontra-se lá." A pesquisa indica que pensar as ações da sociedade civil desta forma foi, em realidade, danoso para as condições das favelas por conceber a rua, um lugar que toda criança que brincar e estar, como lugar de perigo e maldade e por ter tentado retirar crianças e jovens da rua.

Esta orientação do trabalho social reflete uma tendência muito forte na classe média brasileira, a que vê a rua/o público como fonte de perigo, e a casa como fonte de segurança e virtude, mas quando imposto em comunidades populares, negava o conceito popular brasileiro da rua como espaço de convivência, socialidade, e educação.

Portanto, parece fundamental, numa política civil nas favelas, que se observe:

1) Não se use a cultura para afastar crianças dos perigos da rua, mas que as atividades com essas visem *transformar a cultura de rua* e o modo como se vê a mesma. Este marco orienta alguns projetos propostos por moradores das comunidades, líderes de ONGs e grupos culturais, acadêmicos e funcionários do estado, e até membros de gangues, galeras.
2) *Intervenção rápida*: Como as pessoas normalmente sabem que a violência está prestes a acontecer, uma intervenção que medie os conflitos de modo rápido e eficiente pode evitar que esse se transforme em uma tragédia.

A intervenção rápida poderá ser útil também no caso de auxiliar

meninos(as)/adolescentes a resolver problemas que estão enfrentando e que poderão levá-los ao caminho do crime. A nossa pesquisa indica alguns dos caminhos de entrada aos grupos armados: pichação como forma de guerra/desafio violento, participação em galeras funk, e primeiro uso de drogas, revolta, necessidades de consumo, gosto pelo desafio podem ser boas indicações de que o menino está procurando dar sentido ao seu mundo. Normalmente é um amigo que convive diariamente ou a família que observam mais rapidamente se esse caminho está prestes a ser tomado pelo menino (a)/a adolescente. Se alguns atores que trabalham com adolescentes de 10-14 anos auxiliarem em processos que podem ajudar o menino a "ficar no bom caminho", fará muita diferença.

3) Encontrar e incentivar meios de expressão e de reconhecimento dentro e fora das comunidades, que possam *canalizar expressões de revolta e demanda de reconhecimento* e para fomentar recursos.

AÇÕES EM COLABORAÇÃO COM O PODER PÚBLICO

Ombudsman ou think-tank dentro da Secretaria de Infância

Junto com a reforma burocrática do sistema de segurança pública dentro do Estado de Pernambuco, o Governador também re-organizou a estrutura burocrática de serviços e políticas para a infância. Segundo Rattón (Assessor Especial para Segurança), a nova Secretária de Infância é inteligente, jovem, e muito aberta a novas idéias. Criando um ombudsman ou centro de pesquisa e monitoreio dentro da Secretaria se poderia criar uma nova cultura de direitos e protagonismo infantil dentro do Governo do Estado.

Justificativa

Justificativa no marco da política comunitária: Intervenção rápida em FEBEMs e outros instituições do Estado. Canalização de revolta.

Parceiros

Possíveis Parceiros: Secretaria da Infância, Departamento de Sociologia da UFPE

Agentes Comunitarios do Pacto pela Vida:

Justificativa

Justificativa no marco da política comunitária: Redução da brutalidade policial e a revolta que a causa. Transformação da cultura política da favela.

Parceiros

Possíveis Parceiros: Pacto pela Vida, ONGs nas comunidades onde trabalharão Agentes Comuntários.

O próximo passo do Pacto pela Vida é a articulação de Agentes Comunitários com o Pacto; seriam pessoas que moram na comunidades, as que poderiam servir como canal de comunicação entre o Comitê Gestor e a favela. Até agora, parece que o papel e a prática dos Agentes não são muito claros, mas o apoio do Van Leer poderia orientar este recurso estadual para que realmente sirva aos moradores da comunidades. Na história do Brasil contemporâneo, tem muitos exemplos de conselhos e agentes comunitários que deveriam mediar entre estado e comunidade, mas que se incorporam dentro de um sistema de clientela ou patronagem partidária. Em outros casos, já que o salário é pago pelo estado, servem só para comunicar a vontade do estado ao povo, e não o contrário. Se Van Leer financiasse a capacitação, os canais de comunicação, ou até o salário dos agentes comunitários, esse poderia manter-se mais autônomo, evitando ser coptado pelo sistema e dinâmica viciada do estado.

Capacitacao de policiais

Nos últimos anos, a Universidade Federal de Pernambuco tem convidado numerosos policiais a participarem de aulas sobre segurança de direitos humanos, e a evidência indica que estes policiais ajudam a transformar a violenta cultura policial que inspira tantos jovens a entrar no tráfico. Apoio para esta iniciativa poderia resultar em grandes resultados.

Justificativa

Justificativa no marco da política comunitária: Redução da brutalidade policial e a revolta que a causa.

Parceiros

Possíveis Parceiros: Secretaria da Infância, Departamento de Sociologia da UFPE

AÇÕES EM COLABORAÇÃO COM ONGS

Creche dos becos

Os becos, vielas, e largos das favelas pesquisadas funcionam como creches que surgem organicamente das comunidades. Crianças brincam juntos, em grupos de 8-15, em um lugar mais seguro e controlado, e crianças maiores estão sempre presentes, cuidando das mais pequenas. Ao mesmo tempo, tem muitos adolescentes de 11-14 anos (idade de entrada aos grupos armados) que sentam nas entradas dos becos, conversando para passar o tempo, e em muitos casos assegurando que os irmãos menores não saiam dos becos para entrar em lugares de perigo. Um dos mais bem sucedidos esforços de base que encontramos na pesquisa era um reforço escolar que emerge desta prática: uma mulher que organiza as crianças do Largo dos Apolos em Santo Amaro para ajudá-las com suas tarefas de escola.

Justificativa

Justificativa no marco da política comunitária: Transformação da cultura de rua, promovendo a mesma enquanto espaço de educação e convivência. Intervenção rápida com adolescentes em perigo de juntarem-se com grupos armados. Canalização de vontades de honra (como professores repeitados) e revolta (organizando as crianças para exigir direitos).

Parceiros

Possíveis Parceiros: Daruê Malungo (Chão de Estrelas); Pé no Chão (Arruda); Ruas e Praças (Santo Amaro); Multicultural de Peixinhos.

A Creche dos Becos, idéia que surgiu da observação da dinâmica do cotidiano das mães e crianças moradores do Arruda, formaliza esta prática quotidiana, propondo atividades de educação para crianças nesses espaços, que alimentem o protagonismo e a visibilidade de crianças, adolescentes e jovens. A idéia básica será que em cada beco onde juntam-se crianças, haja um/a educador/a jovem e outro/a adolescente treinados para ajudar às crianças com suas tarefas de escola, mas também para realizar atividades que fomentem a cultura da leitura, da dança, da música, jogos interativos, etc. Os educadores seriam canalizadores de atividades que as crianças já desenvolvem entre si, valorizando essas e agenciando mostras em eventos onde as crianças pudessem ser reconhecidas como agentes de criação. Essas creche seria uma espécie de espaço de convivio, onde mães e crianças pudessem participar juntas dessas atividades, e onde ambas pudessem intteragir e aprender novas coisas. Se o projeto for bem aceito, tais creches poderiam tornar-se, a longo prazo, pequenas empresas que se auto sustentam, ou organizações civis que obtem recursos de fundações.

Os educadores seriam impreterivelmente jovens/adolescentes das

comunidades locais que apresentassem capacidades pedagógicas, adolescentes que correm perigo de entrar no tráfico. Em cada uma das comunidades uma ONG poderia auxiliar aos educadores e apoiaria a capacitação dos mesmos; Cotidianamente, todo o programa seria administrado por um educador, que acompanharia todos os becos, apoia aos educador/as, etc.

Seria possível também incluir algumas práticas bem sucedidas de outros lugares: uma biblioteca e uma briquedoteca ambulantes, por exemplo, que poderiam passar de beco em beco.

Muitos adolescentes disseram que quando crianças, tinham muitos sonhos para suas vidas, mas com 9-10 anos viram que esses sonhos seriam impossíveis. Convidando profissionais que moram na favela para falar sobre sua profissão (bombeiro, pedreiro, artista, o que for), as crianças aprendem que existem mais opções. O tráfico não é mais um dos poucos que se tornaria viável, como de certo modo o é atualmente.

IBOPE

A causa de muitas guerras, tanto de gangues como de galeras funk, é para "ganhar IBOPE" frente a outras comunidades. Na internet existem páginas dedicadas à anunciar qual galera está subindo no ibop, qual está caindo, quem conseguiu "esculachar" a quem, e quais são as favelas de mais prestígio. Os critérios do IBOP têm sido a violência (quem ganha nas brigas de galera ou as guerras de tráfico) e o esculacho na música.

No Oi Kabum existe um núcleo de produção de páginas de internet, onde os artistas e programadores são das favelas. Com um investimento mínimo, este grupo poderia criar outro sistema de ranking de favelas, onde se ganha prestígio por outras ações (ganhar concursos de maracatu, caboclinho, passar um certo tempo sem violência, etc) e promover o mesmo para as comunidades.

Justificativa

Justificativa no marco da política comunitária: Transformar a cultura de concorrência para promover a dinâmicas de competição

Parceiros

Possíveis Parceiros: Oi Kabum e Auçuba

O cavalo do xadrez

Segundo a metáfora de um educador, Recife é um tabuleiro de xadrez onde a periferia e o centro são os espaços pretos e brancos. E quase todos os habitantes são bispos: só movem diagonalmente nos espaços da mesma cor. Alguns eventos culturais (Terça Negra, Eco Da Periferia, Carnaval e São João) levam as periferias ao centro, mas é pouco comum convidar o centro a visitar a periferia.

Trabalhando com organizações e grupos culturais na periferia, seria possível promover eventos regulares que convidam à classe média, a outros grupos culturais a visitarem (e apresentarem-se) na periferia. Se poderia também promover bailes, shows de música e dança, cineclubes, eventos literários de intensa troca. Desta forma, expande o reconhecimento cresce e supera a dinâmica de medo que regula a relação entre favela e vila. Outro aspecto de mudança poderia ser que quando a polícia entra à favela para proteger as pessoas durante os eventos e não para fazer uma "batida", estabelece uma nova relação entre polícia e comunidade.

Justificativa	Transformação da cultura de rua e a relação entre favela e vila. Aumento de reconhecimento/honra nas favelas. Redução ou canalização da revolta por novas espaços de luta e de protesto/relacionadas com a polícia.
Parceiros	Pé no Chão, Daruê Malungo, Fundo Baobá, Maracatus, caboclinhos, e outros grupos culturais. Departamento de Cultura da Prefeitura de Recife

Fundo Baobá pretende criar uma Agenda Cultural da Periferia, para divulgar em toda a cidade; poderia ser bom parceiro para este trabalho.

Futebol

Um dos grupos com mais inserção nas comunidades são as escolinhas de futebol; porém, os organizadores e técnicos nem sempre têm conhecimento de educação popular ou movimentos sociais. É notável o número de traficantes que falam que eram bons jogadores de futebol antes de entrar no tráfico. O futebol parece ter o mesmo papel de alguns grupos culturais, que desnormalizam a opressão e a baixa expectativa nas vidas dos garotos, mas não oferece emprego para todos os jovens do grupo.

Justificativa	**Justificativa no marco da política comunitária:** Canalização de desejo de honta e competição entre favelas. Transformação de cultura de rua. Intervenção rápida com jogadores em risco de entrar no tráfico.
Parceiros	**Possíveis Parceiros:** Escolinhas de Futebol em Arruda, Chão de Estrelas, Santo Amaro, e Campo do Onze. ABC Trust e Ruas e Praças

Várias das escolinhas de futebol expressaram vontade de melhorar seu trabalho social. A ONG "Ruas e Praças" está começando um projeto usando futebol, o que poderia ser uma boa referência. Além de capacitação de técnicos, seria fundamental promover campeonato entre grupos de favelas (que auxiliam no processo de reconhecimento e de IBOP), bem como promoções de grupos de jogadores dentro da comunidade.

Eventos

Recife é uma cidade de festas, onde tanto o calendário quanto a economia da cidade é marcada pelo carnaval, Festa de São João, e outros festivais. Várias pessoas, tanto das ONGs quanto moradores das comunidades, recomendaram que se aproveite desta cultura de festas e eventos para contribuir para a produção de saberes e recursos positivos para a vida comunitária. Em muitos casos, já que são festas com um elemento de competição, poderia integrar-se nas propostas de IBOP, e claro que seriam importantes para mobilizar o cruzamento das fronteiras entre os bairros e grupos de classes sociais distintas. Entre as sugestões:

a. **Batalha do funk:** várias práticas culturais que agora parecem folclóricas em Recife, começaram violentas: maracatu, maculelê e capoeira eram estilos de briga que tornaram-se concorrências culturais. A batalha do funk propõe fazer o mesmo com as brigas entre galeras, criando eventos públicos onde as galeras competem através de músicas e outros tipos de atividades físicas que não a briga e onde qualquer violência faz que a galera perca a batalha (e IBOP).
b. **Concurso de cabeleireiros e moda de favela anti-cinderela (entre outros)**: a lógica da concorrência poderia estender-se também a outros temas: um concurso de cabeleireiros, modistas, futebolistas, até recicladores. Em eliminatórias públicas, cada concurso vai chegando a um campeonato das favelas da cidade. Além de promover orgulho na favela por suas ações não-violentas, cria novos espaços onde jovens ficam "famosos"

Justificativa

Justificativa no marco da política comunitária: Canalização da revolta e desejo de honra. Transformação da cultura de rua.

Parceiros

Possíveis Parceiros: Pé no Chão (Eco da Periferia), Ato Periférico

ou considerados dentro das suas comunidades.

c. **Festas de paz entre comunidades:** Todas as comunidades no Recife passam por ciclos de guerra e paz. As festas de paz pretende alongar os períodos pacíficos com celebrações de meses sem mortos. Quando duas comunidades com uma tradição de guerra (Santo Amaro com Campo do Onze; Chão de Estrelas com Peixinhos) passam um mês sem mortes violentos nas duas favelas, se organizará uma grande festa para moradores das comunidades, com música, dança, comidas típicas, etc. Além de marcar o período positivo da vida comunitária, promove convivência entre os moradores, criando novos laços para mediar conflitos.

d. **Lutos para os mortos:** Tantas pessoas morrem violentamente no Recife que, além da família e os conhecidos, a morte é mais motivo de espectáculo que de luto, mais da manchete em Cardinot que de funeral. O luto pretende re-inscrever a morte no enquadre da tragédia, para a de-normalizar de novo. Com atenção aos ritos funerários de cada comunidade, e aos sentimentos da família, estes eventos ajudam a comunidade a elaborar o luto, e vê o assassinato como algo fora do normal, triste e trágico.

Capacitacao empresarial

Embora há muitas empresas pequenas nas favelas, e o tráfico mesmo é uma forma de empreendedorismo, poucos adolescentes imaginam que podem ganhar a vida com sua própria empresa. Para jovens dentro das ONGs culturais, ser artista ou educador parece ser um dos poucos, senão o único caminho, enquanto para jovens que não participam das ONGs, o tráfico é um jeito de ganhar dinheiro sem ser etário (trabalhador oprimido e não reconhecido). Porém, a vocação ao empreendedorismo na favela é forte. Com algumas sugestões, jovens adotam planos empresariais muito rápido: só no nosso grupo de pesquisa serão criados três novas micro-empresas, usando a bolsa/salário como capital inicial.

Ser pequeno empreendedor oferece muitas vantagens para um jovem da favela:

a. não tem que ser etário, o grande medo de todo jovem orgulhoso;
b. ganha prestígio/consideração na comunidade;

Justificativa

Justificativa no marco da política comunitária: Canalização da revolta e desejo por honra. Transformação da cultura de rua.

Parceiros

Possíveis Parceiros: Daruê Malungo (Chão de Estrelas); Pé no Chão (Arruda); Ruas e Praças (Santo Amaro); Multicultural de Peixinhos. SENAI

c. tem dinheiro no dia, em vez de esperar até o final do mês, como no caso dos assalariados.

Com uma colaboração entre as ONGs locais e o SENAI (e outros grupos de capacitação empresarial), seria possível transformar esta tendência em opção de vida para muitos dos jovens, incluindo os que antes só percebiam oportunidades econômicas e de reconhecimento nas gangues.

Equipe de resposta rapida: mediadores e artistas

Moradores das comunidades periféricas de Recife dizem que sabem, com dias de anticipação, quando "o bicho vai pegar." Seja por fofoca, notícias passadas pelos traficantes, ou simplesmente pelo que eles chamam do "sentir do ar," as pessoas sabem quando vai ter guerra entre donos de bocas de fumo e até quando os traficantes vão matar pessoas com dívida.

A Equipe de Resposta Rápida objetivaria usar esse conhecimento para prevenir a violência antes dessa acontecer. Com um telefonema, agentes comunitários nas favelas podem chamar um grupo de mediadores e artistas para desviar a incipiente guerra com negociações e eventos culturais.

Já que jovens artistas e participantes do movimento hip-hop são respeitados pelas gangues e pelos movimentos sociais, ocupariam um lugar privilegiado para mediar e desviar conflitos. Porém, os grupos de jovens artistas precisam de mais conexão entre eles, para poder confiar nos outros no momento que o seu bairro tem um conflito com outro. Os b-boys de toda a cidade sempre reclamam que não têm onde treinar; a construção de um local com um encerado poderia ser o lugar onde se criaria esta dinâmica convivência e confiança. Um mediador profissional poderia capacitar artistas no conhecimento básico de resolução de conflitos.

Justificativa	**Justificativa no marco da política** civil Intervenção rápida. Transformação da cultura de rua
Parceiros	**Possíveis Parceiros:** ONGs em todos os bairros, movimento hip-hop. Ato Periférico poderia ser um bom locus para o trabalho (já tem um estúdio de gravação). Também tem um estúdio em Chão de Estrelas, e um salão de dança na sede do Grupo Daruê Malungo.

Com uma rede informal criada através do espaço de treino (e talvez gravação e performance), cada jovem artista poderia ligar a um telefone central quando a sua comunidade sabe que "o bicho vai pegar." A Equipe de Resposta Rápida realizaria uma intervenção dupla:

a. Uma mediação formal entre líderes de gangues que podem ter conflito, organizado por um mediador profissional.
b. Se ainda for seguro, um evento cultural de pacificação e convivio na fronteira entre as comunidades: um show, um baile, e b-boys das comunidades em conflito fariam uma "batalha do break" que acaba em conversas sobre como evitar a violência.

No caso que seja uma briga por dívida, um profissional poderia mediar o conflito.

Movimentos de Mulheres e Meninas:

Na Argentina, o Movimento da Madres de la Plaza de Mayo fez um trabalho essencial de humanizar as vítimas da ditadura, e de des-normalizar a desaparição e a violência do estado. A adoração pela mãe em Pernambuco é igualmente forte; vários do ex-traficantes entrevistados falaram que só tinham força de sair do tráfico depois de ver o sofrimento das suas mães.

Não é fácil criar um movimento social e não existe receita pronta para isso. Porém, parece que Recife tem as condições para criar um movimento como o das Madres de la Plaza de Mayo. Esse teria o papel de pressionar o poder público, mas também de um grupo de apoio de mães que precisam de conselhos, ou que poderiam os oferecer para mães com filhos e filhas nos grupos armados. Talvez poderia começar com um filme que relata a vida de umas mães, e um convite para outras mães nas mesma condições para ver a estréia no Teatro do Parque ou outro lugar na cidade. Depois criar um espaço de troca de experiências e de resistência, que poderia se desdobrar em outras ações (incluindo criação de alternativas de emprego, cooperativas, etc.), se acaso o grupo se estabelecer.

Também é central o papel das adolescentes/jovens que namoram traficantes, mas que sentem-se ameaçadas por isso. Um movimento social que as inclui também poderia ser transformador. É mais difícil imaginar como criar este tipo de movimento, mas talvez um edital poderia atrair idéias interessantes.

Justificativa

Justificativa no marco da política civil: Intervenção rápida. Protagonismo das mães, vítimas da guerra.

Parceiros

Possíveis Parceiros: Casa de Passagem, Instituto PAPAI?

Escola de Cinema das favelas

Talvez porque fizemos pesquisa com a câmara nas mãos, surgiram muitas idéias de como usar cinema para criar alternativas nas comunidades pesquisadas:

Um dos jovens pesquisadores usou sua bolsa de pesquisa para comprar câmara e computador, para poder ensinar as crianças do seu beco como fazer filmes, e para documentar o bom da sua comunidade. Ele vê o cinema como oportunidade para os adolescente serem vistos e visibilizados, para não ter que buscar "consideração" no crime. Propomos:

a. Um documentário sobre mulheres que perderam seus filhos na guerra poderia ser o catalisador para a criação de um movimento de mães (veja #2).

b. Depois de entrevistas com traficantes de favelas em guerra que abordem histórias sobre suas infâncias, as crianças do bairro poderiam interpretar à vida como um "documentário drama" para a câmara. Em um lugar neutro e seguro, os traficantes rivais poderiam assistir os filmes juntos, vendo como as suas vidas são, em grande parte, iguais. O filme, apresentado em lugares públicos, mostraria a humanidade dos traficantes e subverteria o discurso de Cardinot e outros como ele.

c. Antes de bailes-funk, filmar entrevistas com líderes das galeras, e mostrar estas entrevistas antes de começar o baile. Em frente à câmara, os líderes dariam idéias de como podem se relacionar sem violência.

d. Lisistrata. Na famosa comédia de Aristófanes, Lisistrata, cansada da guerra das pelipónises, convoca às mulheres de Atenas e Esparta para fazer uma greve de sexo: negarão aos seus amantes e esposos até acabar com a guerra. Graças a ele, as cidades fazem a paz. Seria muito interessante chamar às mulheres que namoram traficantes para fazer um filme com uma versão atualizada da peça teatral. Poderia ser o começo de um movimento de namoradas de traficantes.

e. a produção documentária poderia também servir como um importante

Justificativa

Justificativa no marco da política civil: Transformação da cultura de rua, incorporando novos grupos na busca de uma convivência não violenta. Intervenção rápida com jovens em perigo de entrar no tráfico. Reconhecimento pela tela do cinema; canalização de revolta com

Parceiros

Possíveis Parceiros: Shine a Light, Auçuba, Oi Kabum

meio para pensar momentos de guerra. Gravar entrevistas pensando como e porque se poderia intervir nesse momento.

Orquesta mitote:

Justificativa

Justificativa no marco da política civil: Reconhecimento e respeito aos filhos de recicladores, para não ter que buscar no tráfico. Transformação semiótica da cultura de rua. Espaço de intervenção rápida com filhos de recicladores.

Parceiros

Possíveis Parceiros: Pé no Chão, Daruê Malungo

Tradicionalmente Mitote é uma dança circular ancestral da fertilidade dos grupos indigenas mexicanos, que ainda está presente hoje em dia. Daniel Sanchez, um compositor e percussionista mexicano, criou em 2000 a oficina/projeto Orquesta Mitote. A orquestra é feita com material reciclado, e pode ser rapidamente formada, resultado de uma oficina de alguns dias, utilizando material que existe em abundância nas comunidades, já que aproveita material reciclavel. Atualmente a Orquesta Mitote é um projeto comunitário que usa a arte para desenvolver um sentimento planetário de conexão. Ao mesmo tempo que somos interconectados, somos independentes, e Mitote busca a união entre individuos e o coletivo. Orquesta Mitote foca em Ecologia, Musica e Teatro, e é para todos os tipos de pessoas. No final da experiência, os participantes serão capazes de reproduzir novos Mitotes, e os beneficios sociais serão multiplicados, oferecendo a oportunidade de vida conjunta em harmonia.

Grupo de Teatro Comedia:

Justificativa

Justificativa no marco da política civil: Re-interpretação dos fatos apresentados na mídia. Transformação semiótica da cultura de rua. Nova consideração para moradores de periferia

Parceiros

Possíveis Parceiros: Pé no Chão, Peixe-arte

Estimular a formação de um grupo de teatro que faça paródias dos acontecimentos nas comunidades e da sua relação com a mídia ou com a vila, servindo assim como um grande debatedor, cujo tom seria a comédia ou o humor crítico. Sketes comícos podem ser um modo de auxiliar a comunidade a pensar sobre as dinâmicas que ela mesma se envolve ou cria e a achar meios para sair de problemas.

Justificativa

Justificativa no marco da política civil: Expressão de Revolta. Superação de senso de exclusão e futilidade

Parceiros

Possíveis Parceiros: Pé no Chão, Ruas e Praças

Rede de Advogados e jornalistas:

Muitas das familias e jovens são agredidas pela polícia, sem qualquer direito a defesa. Uma rede de advogados e de jornalistas que trabalham internacionalmente, poderiam auxiliar a comunidade a defender-se e denunciar de modo amplo contra tais violências. Tal rede tambem serviria como um fórum internacional de debate e combate a violência policial nos bairros pobres.

Apêndice 1: A Metodologia

Esta monografia é resultado de uma metodologia complexa, combinando cartografia social, vídeo-pesquisa e métodos mais tradicionais da antropologia e sociologia. Quatro pesquisadores e seis guias locais, todos das favelas pesquisadas, participaram do estudo, com um total de aproximadamente 4 meses em campo, realizando mais de cem entrevistas. Os pesquisadores enfrentaram enchentes, uma guerra entre duas favelas pesquisadas, uma greve de transportes, e outras dificuldades para desenvolver a pesquisa. A equipe de coordenação acompanhou grande parte da pesquisa em campo, e parte menor dela foi feita pelos pesquisadores trabalhando com os guias locais.

1. Cartografia das favelas

Becos ignorados no mapa oficial do Canal de Arruda

Em cada favela pesquisada, uma equipe de pesquisadores – pelo menos um da comunidade estudada – caminhou por cada rua, beco e viela para mapear os bairros, anotando seus recursos e desafios. A cartografia apoiou-se nos mapas do Google Maps (copiados de arquivos públicos de Recife e Olinda), mas descobrimos que estes eram incompletos e, em alguns casos, errados. Na favela de Arruda, por exemplo, becos com milhares de moradores, os mapas oficiais do google marcam um só beco, e em Campo do Onze, o mapa oficial não tem nenhuma referência às ruas da comunidade. Tínhamos imaginado uma cartografia social, com

Uma cartografia na televisão

Num episódio de Cidade dos Homens, um dos poucos programas da televisão brasileira que retrata a favela à partir da perspectiva dos que moram lá, os protagonistas fazem um mapa da favela de Santa Marta. No começo os traficantes ficam felizes, e querem que cada beco ou largo tenha os seus nomes, mas quando a polícia pega o mapa e descobre que pode usá-lo para as suas ações militares, os protagonistas ficam encrencados. Pensando nisso -- e nos compradores de cocaina que vem de outros bairros -- os mapas públicos desta cartografia não incluem informação sobre tráfico ou violência.

mais ênfase no aspecto "social", mas parte do trabalho foi cartografar o espaço geográfico, ignorado pelos mapas e, de algum modo, pela cidade.

Cada instituição considerada pelos moradores como importante foi anotada no mapa; em alguns casos, foi simples saber onde está uma igreja ou um mercado, mas especialmente no becos das favelas menos visíveis, a presença e conhecimento dos pesquisadores locais foi essencial.

Os moradores mostraram interesse pela pesquisa. Donos de barracas e outros negócios ficaram satisfeitos com o fato que suas lojas iam aparecer no Google (embora numa página particular), enquanto outras pessoas expressaram felicidade que sua comunidade teria um mapa que melhor reflete a realidade. Antes da pesquisa, tínhamos nos preocupado que as gangues e outros grupos armados poderiam responder negativamente à pesquisa, mas a presença dos pesquisadores locais, todos com laços de parentesco e amizade com os traficantes, apaziguou essa possibilidade. Algumas vezes, especialmente em Chão de Estrelas, os traficantes olharam para nós ou até fizeram perguntas, mas sem criar qualquer problema.

Guia Local	Bairro
Jonas França	Sta. Amaro
José dos Santos	Campo II
Ellan Barreto	Arruda
Jailson dos Santos	Xié
Adriano da Silva	Arruda
Daniel Peixoto	Chão de Estrelas
Ricardo do Break	Salgadinho
Flávia de Lima	Saramandaia
	Cidade de Deus

Entrevistas

No transcurso da cartografia, entrevistamos mais de cem pessoas das comunidades, entre elas moradores, donos de negócios, líderes políticos, culturais, e religiosos, participantes do tráfico e grupos armados. Fizemos entrevistas quantitativas (sobre economia e opiniões sobre serviços públicos) e narrativas, onde peritos das comunidades ajudaram a entender como funcionam diferentes aspectos de vida na favela.

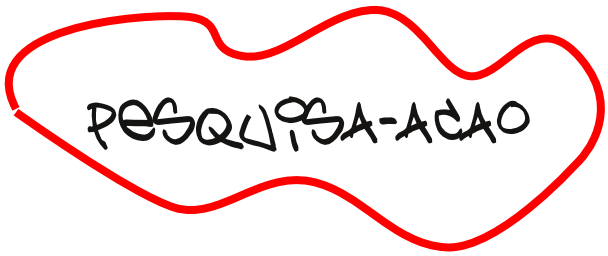
Ellan Barreto, Kurt Shaw, Helena Iara da Silva Shaw, Luziel Costa, e Adriano da Silva fazendo a cartografia na favela de Arruda

Muitas entrevistas foram gravadas com vídeo-câmara, embora a maioria dessas entrevistas não foram publicadas, por motivos de segurança, privacidade, ou simples estética.

Além de entrevistas nas comunidades, falamos com diretores e educadores de grande parte das ONGs que trabalham nos bairros, tanto quanto com funcionários do programa de orçamento comunitário e educadores de alguns programas do governo. Para entender melhor as novas políticas do estado de Pernambuco, fizemos entrevistas com José Luiz Rattón, assessor especial para o governador, participamos de uma reunião do Comitê Gestor de Segurança do Estado e de um debate com o professor Rattón e seus alunos na Universidade Federal de Pernambuco.

Video-Pesquisa

Em várias favelas, os pesquisadores locais ensinaram às crianças dos seus bairros como fazer cinema, e depois fizeram filmes para retratar a comunidade na perspectiva delas. Com a simples pergunta: "Mostra o que vocês fazem cada dia", chegamos a lugares até então não imaginados por nós (e, em alguns casos, pelos pesquisadores locais) como casas abandonadas onde as crianças brincam de esconde-esconde. Mais importante, aprendemos o que é que as crianças sabem dos seus bairros, incluindo coisas que adultos querem que não saibam; como percebem o estado, as escolas, e a polícia; e como aprendem no dia a dia. O fato, por exemplo, que crianças de Santo Amaro cantam músicas infantis, enquanto crianças de Arruda cantam rap e funk, mostra a importância do reforço escolar formal em Santo Amaro, mas também ensina como a cultura e a educação acontece em espaços menos formais.



Embora a meta do projeto foi entender a violência em oito favelas de Recife e Olinda e documentar as forças comunitárias para resisti-la, esta pesquisa auxiliou os próprios pesquisadores e suas famíilias a realizar sonhos antigos e estruturar melhor o seu dia a dia. No processo, descobrimos que esse não seria somente uma pesquisa acadêmica, mas também uma intervenção social.

Hip-Hop Pesquisa

O uso de música e da cultura foi o elemento mais inovador da pesquisa. Os moradores das comunidades periféricas de Recife pesquisam as suas favelas e publicam os resultados, mas não como papers acadêmicos: publicam através da música. Tanto rap como funk são formas de buscar o que acontece nos bairros, e depois comunicar esta informação para outras pessoas.

Visando incorporar as perspectivas locais sobre a realidade local, cada pesquisador associado pensou num evento importante da sua favela que ilustra ou ilumina a pesquisa sobre a violência e as fortalezas comunitárias para resistí-la. Três dos pesquisadores, artistas de hip-hop, compuseram músicas sobre o tema, e depois gravaram vídeo-clips dessas músicas. O último pesquisador, um bailarino e professor de dança afro, coreografou uma história que pensou ilustrar sua pesquisa.

Os pesquisadores

O diretor da ONG Pé no Chão fez uma sugestão chave para transformar esta pesquisa "O salário que vocês pagam aos investigadores pode fazer algo muito bom nas comunidades. Porquê não pedir dos investigadores que vão receber esse salário um projeto onde pensem como usar esse recurso para obter maior impacto?" Os pesquisadores propuseram – e agora começaram a realizar – os seguintes projetos:

1. **Jonas Corrêa de França**: A mãe de Jonas é excelente costureira e artesã. Jonas comprou para ela uma máquina de costura e bastante tecido, para ela poder abrir a sua própria pequena empresa de costura.

2. **Adriano Ferreira da Silva:** Adriano sempre foi conhecido como excelente aluno no seu colégio – embora mora na favela – mas é muito

A equipe de pesquisa (Ellan Barreto, Luziel Costa, Jonas França, Adriano da Silva, Helena Iara da Silva Shaw, e Rita da Silva) entrando dados da cartografia no Google Maps.

difícil para um aluno de colégios público de periferia entrar na UFPE, a melhor universidade do Estado e gratuita. Adriano, que pensa ser advogado, projetou o seu salário para pagar um curso pré-vestibular, para poder passar no exame para cursar direito. Do dinheiro que sobrou, ele arrumou o banheiro da casa da sua família.

3. **Luziel Lourenço da Costa (Detefon)**: Quando a pesquisa começou a pensar a economia das favelas, e especialmente a moda, Detefon enxergou uma oportunidade. Projetou usar o seu salário para criar, junto com Okado (embaixo), uma marca de roupa para jovens. A marca, que já lançou seus primeiros produtos (camisetas e bonés) parece ter achado uma freguesia nas favelas. Com o dinheiro que sobrou, Detefon comprou uma máquina de lavar para a sua mãe.

4. **Ellan Alves Barreta (Okado)**: Desde que trabalhou conosco no filme "Cidade de Rima," Okado tem ficado fascinado com cinema e seu poder de transformar o bairro. Vendo, como parte da pesquisa, que muitos adolescentes juntam-se com o tráfico para ser considerado ou visível, ele pensou que a filmadora é muito melhor que a arma para ser reconhecido. Usou seu salário para comprar uma câmara e um computador, e agora vai começar a fazer filmes com crianças e adolescentes do seu beco.

Os educadores de Pé no Chão comentaram que na postura dos pesquisadores, e a confiança que começaram a expressar, foi evidente que participar da pesquisa foi uma experiência pedagógica para eles, formando-lhes como líderes nas suas comunidades.

Inclusão dos traficantes

Uma das propostas deste estudo é que uma política comunitária para combater a violência deve achar caminhos para canalizar a revolta e o desejo de consideração que sentem os adolescentes das comunidades periféricas. Acreditamos que esta pesquisa trilhou esse caminho, embora por pouco tempo. O fato de ser escutado, de poder expressar a sua raiva contra o Estado, a polícia, e a injustiça, é um canal produtivo para usar a revolta. Saber que suas opiniões iam ser tomadas em conta para o investimento de recursos importantes, foi uma forma de ganhar consideração e honra.

Os traficantes falaram sinceramente sobre suas vontades para as comunidades: em grande parte, querem a prosperidade e educação que a sociedade civil também deseja. Quiçá possam ser incluídos e desejem se incluir em projetos comunitários culturais e educativos, transformando seu exemplo no tráfico em exemplo de como sair e ficar fora dele.

Honra

O entusiasmo dos comerciantes e donos de negócios para o projeto, mostra que ver o seu trabalho espelhado na internet é de suma importância. Do mesmo jeito que o reconhecimento pelo Estado é a meta da dialética de Hegel, agora o reconhecimento por Google é um jeito de se inscrever no Grande Outro, de insistir que eu existo e sou importante. Um mapa das favelas que mostra e celebra esses esforços é um jeito de ganhar consideração e honra para os moradores, sem precisar de armas.

Igualmente, conversas com moradores e donos de negócios era o começo de um processo onde eles se vêm como parte da solução, como protagonistas de esforço para uma vida comunitária mais saudável. O jeito de fazer as perguntas e buscar novas idéias junto com os moradores das comunidades ajuda-lhes a dar um novo enquadre aos problemas locais. Os favelados não são pobres coitados em busca do Estado-salvador ou ONG salvadora, mas plenos atores num processo coletivo para melhorar as suas comunidades.

Apêndice 2: As Favelas

Sabemos que muitos leitores deste texto não conhecem bem a geografia nem a história das favelas de Recife, pois aqui, incluímos um breve texto e mapa de cada bairro estudado na Cartografia da Favela.

Santo Amaro é um dos primeiros bairros informais que se desenvolveu no Recife, começando nos anos 1920-30, quando migrantes do campo -- especialmente do interior de Pernambuco e Paraíba -- à cidade com esperanças de trabalhos nas novas indústrias. A Fábrica Tacaruna, onde muitos dos primeiros migrantes trabalharam, ainda fica ao lado da favela, embora fechou as suas portas há muitos anos.

Depois de muitos anos de luta por serviços públicos, e décadas de moradia quando as famílias vão melhorando as suas casas, Santo Amaro é um bairro estabelecido, onde muitas ruas são calçadas e as casas são bem construídas. Existe uma diversidade impressionante de instituições dentro da comunidade, com muitos negócios, várias ONGs, escolas, e uma creche municipal.

População (estimada): 10,000
ONGs que trabalham no Bairro: AACA, Adolescer, Galpão de Meninos e Meninas, Ruas e Praças, Pé no Chão, Casa de Passagem, Reforço Viver e Aprender, Creche Militares Espíritas, Oasis de Liberdade
Serviços públicos: bons
Também chamado de: Santa Tereza de Santo Amaro

Embora conhecido por muitos anos como a favela mais violenta de Recife, hoje tem pouca guerra aberta em Santo Amaro, e as ruas vibram de vida, com música, dominó, comércio, criança brincando, e adolescentes paquerando. Porém, os moradores da comunidade ainda enfrentam muita discriminação quando buscam emprego, e um muro esconde a favela da cidade, especialmente do centro comercial ao lado, o Shopping Tacaruna.

O filme feito pelas crianças de Santo Amaro destaca alguns fatos interessantes. Primeiro e mais evidente, é que a pesar do melhoramento na segurança do bairro, a violência segue muito forte na vida das crianças. Muitos falaram de espancamento pela polícia. Menos evidente para os que não conhecem a periferia de Recife, são as músicas cantadas pelas crianças: enquanto crianças de outras favelas cantaram funk e rap, as crianças cantaram canções infantis clássicas. Achamos que esta pequena diferença fala muito da presença de creches, ONGs para a primeira infância, e o reforço escolar no bairro.

Still do video-clip "Santo *A*maro não só tem ladrão", por Jonas Racional

Embora considerada parte de Santo Amaro pela prefeitura, Campo do Onze tem um caráter bem diferente que o outro lado da Avenida Taurino Batista. Embora considerada uma favela por grande parte dos moradores da cidade, agora é um bairro estabelecido, com serviços públicos, ruas calçadas, e escolas. Caminhando pelas ruas de Campo do Onze, dá a sensação de ser a favela mais próspera estudada nesta pesquisa. Só pela rua Berlim e os becos que saem dela, parece uma favela clássica de Recife.

O Campo do Onze -- um grande campo de futebol -- dá o nome e a essência da comunidade. Existem na favela cinco clubes de futebol, dois com escolinhas para crianças. Embora não sabem muito bem como trabalhar com educação popular, são escolinhas que expressam um desejo sincero de fazer algo para as crianças do bairro. Algumas ONGs trabalham com crianças e adolescentes do bairro, mas só as escolinhas e Oasis de Liberdade (um grupo evangélico) tem sedes lá.

Por muitos anos, houve uma guerra entre Campo do Onze e Santo Amaro, mas na hora desta pesquisa, as comunidades estão em trégua. O tráfico segue forte, mas agora não tem uma boca de fumo, como era antes, mas vendedores ambulantes que podem estar em muitos lugares diferentes.

O comércio é muito forte no Campo do Onze, com muitas lojas e até umas fábricas que fazem móveis para o consumo dos moradores.

População (estimada): 7,000
ONGs que trabalham no Bairro: Galpão de Meninos e Meninas, Ruas e Praças, Pé no Chão, Casa de Passagem, Oasis de Liberdade
Serviços públicos: bons
Também chamado de: Santo Amaro

A favela de Arruda foi fundada há poucos anos, ao final dos anos 1980 e o começo dos 1990, em parte por novos migrantes do campo e em parte de famílias saindo de outras favelas da cidade por causa da inflação no custo da vida, ou pela violência. Grande parte da economia da favela provém da reciclagem, e há cinco empresas e centos de pessoas que se dedicam a esse negócio no bairro.

A geografia de Arruda se define por uma rua principal que corre pela beira do canal (uma vala fedorenta de esgoto) e uma dúzia de becos pequenos que saem da estada para entrar na comunidade. Os becos são estreitos e labertínticos, com largos ocasionais onde crianças brincam, mas não conectam entre si; para visitar um outro beco, tem que ir para a estrada e entrar em outro beco. Por isso, cada beco tem o seu próprio caráter e história.

População (estimada): 5,000
ONGs que trabalham no Bairro: Pé no Chão, Pastoral da Criança
Serviços públicos: fracos. Muitas pessoas morrem o ficam lesionados por fazer macaco para conseguir electricidade.
Também chamado de: Favela do Canal, Arruda.

Nos anos 2008-9, Arruda era uma das favelas mais violentas da cidade, com guerras entre as bocas em diferentes becos, e entre uma aliança de becos de Arruda e as bocas de outras comunidades. Agora, porém, a comunidade é muito mais calma, e os moradores lembram de só dois assassinatos no último ano.

O filme feito pelas crianças do bairro mostra como os becos tornam-se lugares de convivência e brincadeira, onde crianças e adolescentes se ensinam como cantar, bailar, e lidar com a polícia. É muito claro que não existe a distinção entre pública e privada: as brincadeiras de esconde-esconde passam livremente da rua às casas particulares. Também interessante era uma casa abandonada onde as crianças brincam: lá tem medo de quatro coisas: "tarado, lobishomem, maconheiro, e policial."

Still do filme: "Minha Favela: *Arruda*", por Luziel Costa e Ellan Barreto, com as crianças do bairro.

Quando Chão de Estrelas ainda era uma comunidade nova, criada pelo deslocamento de moradores de favelas e palafitas em áreas de risco, muitos moradores com uma história de liderança na suas comunidades de origem juntaram para organizar a nova favela. Prepararam sopas comunitárias, plantaram uma horta com plantas medicinais, exigiram uma rota de ônibus, e até organizaram uma eleição para escolher o nome do bairro. ("Chão de Estrelas" foi escolhido porque era uma noite muito clara, e as palmeiras deram sombra de lua no chão, parecendo estrelas.) Nos próximos anos, este grupo organizou um grande número de sucessos importantes para a comunidade: exigiram (e conseguiram) da prefeitura uma escola, dois postos de saúde, uma creche, pavimento para as ruas, agua, luz, e esgoto.

Porém, esta organização também foi complicada: em algum momento nos anos 1990, houve 24 ONGs trabalhando na comunidade, e ainda tem várias associações de moradores, agora em briga.

Chão de Estrelas é muito dividido, entre a parte comercial -- com boas lojas, mercados, o centro de Saúde, e a escola -- e a beira do rio, onde as crianças tem medo de ir. Nessa parte da comunidade é onde passa a venda de drogas e as guerras com as outras favelas próximas: Saramandaia e Peixinhos. Em grande parte por essas guerras e o tráfico, Chão de Estrelas é considerada a favela mais perigosa de Recife em 2011.

O filme feito pelas crianças de Chão de Estrelas mostra esta violência indiretamente. Em Arruda ou Santo Amaro, as crianças falam de medo, mas aqui, as mães proíbem que as crianças vão a diferentes lugares na comunidade. Tristemente, Daruê Malungo, a ONG mais importante da comunidade, tem sede numa rua proibida. Também é notável que as crianças são mais tímidas no filme. Luziel Costa, um dos pesquisadores deste estudo, opina que esta timidez é um resultado direito da guerra. "Criança que vive em meio disso não quer falar não."

População (estimada): 15,000
ONGs que trabalham no Bairro: Centro de Organização Comunitária Chão de Estrelas, Daruê Malungo.
Serviços públicos: bons na parte comercial, fracos pelo Rio.
Também chamado de: Campina de Barreto (realmente um bairro maior do qual Chão de Estrelas é parte)

Still do fílme: "Minha Favela: Chão de Estrelas", por Luziel Costa e Ellan Barreto, com as crianças do bairro.

Quando a fábrica Tacaruna era uma fonte importante de emprego em Recife, muitos trabalhadores moravam em Xié, ao lado da Fábrica ou do outro lado do rio de Santo Amaro. Por isso, a parte mais antiga da favela tem casas bem feitas, serviços públicos, e ruas calçadas. Em contraste, a parte oriental da comunidade é uma invasão mais recente, onde as casas ainda são frágeis e os serviços públicos fracos ou ausentes.

Xié se destaca por duas características: o número grande de empresas pequenas -- e até de meio porte -- e a forte presença de igrejas evangélicas. Pode existir uma relação de interdependência entre estes processos, porque muitas das lojas e fábricas tem nome de "Barraca de irmão fulado," ou o "Concerto da irmã sicrana", códigos locais dos evangélicos; parece que as igrejas são um lugar de intercâmbio de informação empresarial.

Embora Xié foi uma comunidade muito violenta no passado, agora grande parte é pacífica, destacando-se mais pela cultura empresarial que pelo tráfico. Ainda existe venda de drogas nas fronteiras do Campo dos 15, o campo de futebol do bairro que situa-se num dos extremos da invasão. Lá existem poucos negócios; existe também um local onde se consome drogas, mas fica bastante escondido e os moradores dizem ser raro se ver os consumidores.

População (estimada): 12,000
ONGs que trabalham no Bairro: Nenhuma
Serviços públicos: bons na parte comercial, fracos pelo campo de futebol.
Também chamado de: Chié

Para muitas pessoas que moram na periferia de Recife e Olinda, Salgadinho é um área misteriosa, fora dos caminhos normais que levam de uma comunidade para outra. Formalmente parte de Olinda, mas com uma conexão geográfica mais forte com Recife, é uma mescla de favela com áreas de comércio difícil de rotular. Porém, agora é conhecida na cidade como um lugar de muito crime e violência.

Como a Fábrica Tacaruna é referência para Xié e Santo Amaro, a Fábrica Rosa Branca ocupa o lugar privilegiado na geografia de Salgadinho, com suas altas torres de trigo, que dominam o horizonte. A topografia da comunidade é diferente das outras favelas deste estudo, com ruas mais largas e casas maiores (menos na parte mais pobre, conhecido como Ponte Preta, na beira do rio). Apesar da presença de ruas e casas, o bairro apresenta um aspecto de abandono, com poucas pessoas nas circulando nas ruas residenciais.

A comunidade tem uma escola com muito espaço para esportes, mas os moradores dizem que quase não se usa. Tem bom comércio na rua principal da comunidade, no leste onde Salgadinho encontra-se com a Estrada de Belém, mas dentro a comunidade sente-se falta do espírito empresarial encontrado em Xié ou Arruda.

População (estimada): 10,000
ONGs que trabalham no Bairro: Nenhuma
Serviços públicos: bons na parte comercial, fracos pelo rio.
Também chamado de:Ponte Preto, Fábrica das Velas

Não existem ONGs que trabalham no bairro, embora exista uma escolas e creches particulares. Alguns adolescentes de Salgadinho participam da ONG Grupo de Apoio Mútuo Pé no Chão, e outros participam do centro comunitário do Caranguejo, no bairro vizinho Sítio Novo.

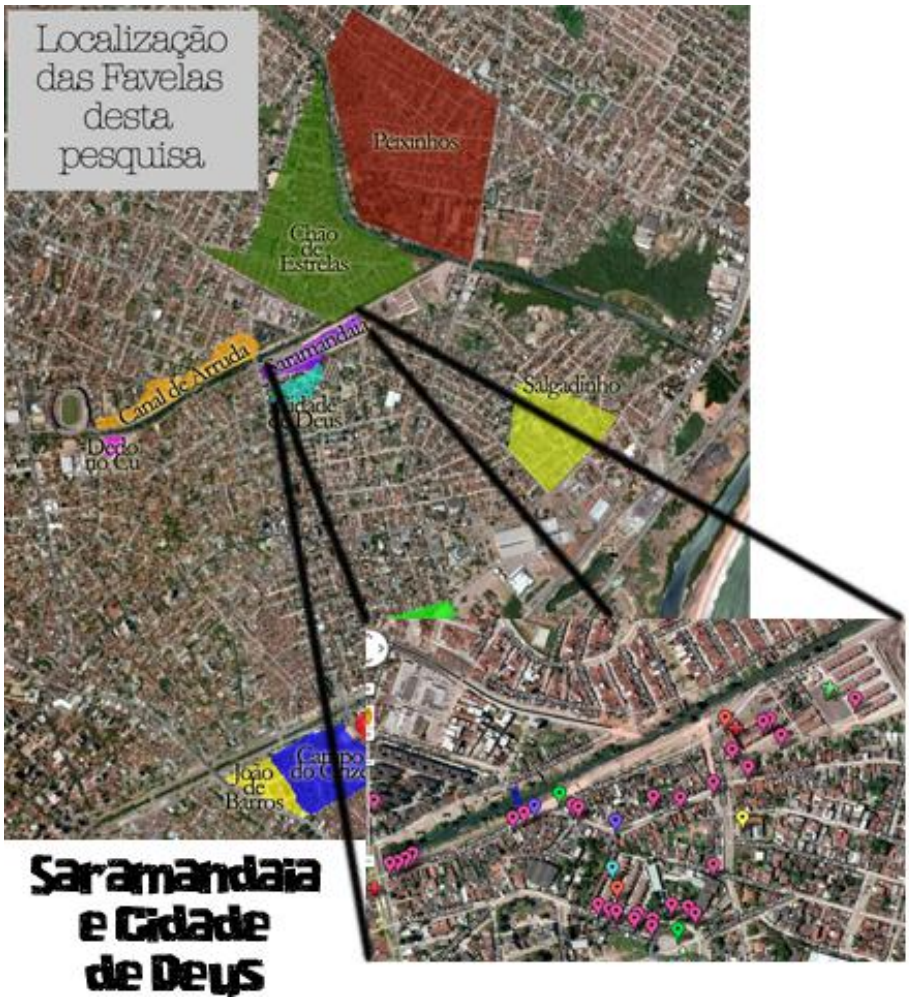
Peixinhos não é tanto uma favela como um grande bairro, com áreas comerciais, áreas residências formais e invasões, onde habitam mais que 40,000 pessoas. Os jovens da comunidade distinguem entre "as avenidas" e "as favelas", onde as avenidas, com muitas lojas e mercados, cortam as favelas no formato de pedaços de uma pizza. De fora, Peixinhos parece uma favela só, mas dentro da comunidade, faz-se evidente as grandes diferenças entre os agrupamentos, classes sociais, e interesses.

Segundo alguns jovens da comunidade, as escolas são entre as melhores na cidade, com vários times acadêmicos que ganham gincanas e concursos em matemática, português, e ciências. Os elementos negativos, em contraste, são a violência, a invisibilidade ao estado e às outros pessoas na cidade, e as enchentes anuais. "Chama-se Peixinhos porque parte do ano é só peixinho mesmo que mora aqui," comentou uma adolescente.

População (estimada): 40,000
ONGs que trabalham no Bairro: Pexie-arte, Centro de Arte, Educaçãao e Cultura, Movimento Boca-Lixo, Nascendouro Multicultural
Serviços públicos: bons na parte comercial, fracos nas favelas

Peixinhos é conhecido pela grande quantidade e qualidade dos artistas que moram lá. Existem muitas bandas de rock, tambores africanos, pagode, e especialmente o mangue-beat, criado no bairro nos anos 1990. As ONGs da comunidade, embora muito enfraquecidas pela retirada do apoio da cooperação internacional, utilizam esta cultura como fonte do seu trabalho.

O governo tem investido muito na comunidade; como Santo Amaro, o governo federal o declarou "território de paz," liberando muito dinheiro para segurança e projetos culturais. Mas talvez o mais importante investimento seja no Nascedouro Multicultural de Peixinhos, construído para revitalizar um velho matadouro de bois. Num dos prédios funcionam os projetos sociais da prefeitura de Olinda, junto com uma ONG que maneja uma biblioteca popular. O segundo prédio, pertencente à prefeitura de Recife, abriga um imenso palco para shows. E o terceiro, do governo do Estado, oferece cursos de alfabetização digital, produção de música, design gráfico e um cineclub.



Por muitos anos, Saramandaia era uma das favelas mais miseráveis e violentas da cidade de Recife, com milhares de casas de palafitas encima do Canal de Arruda. A gangue da comunidade era muito forte, e vivia em guerra contra as gangues de Chão de Estrelas e Arruda. Porém, nos últimos anos, a comunidade mudou radicalmente: a prefeitura construiu dos grandes conjuntos habitacionais e deslocou os moradores das palafitas para lá, depois aproveitando do espaço para botar uma nova estrada que conectará Olinda com Recife. Agora, as dinámicas da comunidade são muito diferentes.

O conjunto habitacional de Saramandaia agora tem quatro anos, e segundo uns moradores, as coisas andam mais ou menos bem. Usa-se muito o campo de futebol no centro do complexo, pequenas empresas começam a surgir, e embora tem muito narcotráfico, os níveis de violência não são terríveis. Porém, no novo complexo habitacional, chamado de Cidade de Deus, as condições são péssimas. Gangues controlam as ruas, e as crianças tem medo de brincar em qualquer lugar. O prefeitura construiu as casas, mas depois as abandonou sem serviços, nem de coleta de lixo. As gangues da comunidade ainda não fazem guerra contra gangues de outros bairros, mas sim tem muito assassinato dentro da comunidade.

População (estimada): 7,000
ONGs que trabalham no Bairro: Afoxé Axé Orum
Serviços públicos: fracos
Também chamado de: Capilé

A rua Capilé, a parte de Saramandaia que não foi arrasada, segue sendo muito violenta, tanto que os pesquisadores tinham medo de caminhar a rua.

Nas duas comunidades, existe um espaço cultural importante, o Afoxé Axé Orum, que ensina a música e dança da cultura afro-brasileira, e também é um lugar importante de encontro e conversa. Na Capilé e na Cidade de Deus, as pessoas lamentam muito a falta de alternativas culturais e oportunidades para as crianças.